THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

A ABNEGAÇÃO — A VIUVA

LISBOA
TYP. UNIVERSAL DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
Rua dos Calafates, 110
1870

A ABNEGAÇÃO

JOSÉ ANTONIO EIRADO

Meu querido Eirado. — Ha trinta e cinco annos que o sr. Manuel Corval, professor de instrucção primaria na aldeia de Cadilhe, levantava sobre as nossas cabeças infantis a vara de sua justiça, que era uma enorme canna com que elle pretendia introduzir-nos a arithmetica no cerebro. O nosso mestre fôra official de um dos exercitos, que então andavam em luta fratercida na nossa terra; tendo perdido uma perna em combate, a patria forneceu-lhe outra de pau, descontou-lh'a no prét, e mandou-o embora como incapaz de todo o serviço. Não sei se a ingratidão do seu partido, se a recordação de lhe terem vendido a perna de pau, em remuneração da que lhe apanharam de carne e osso, actuava constantemente no seu espirito e *lhe azedava* o caracter; o certo

é que elle parecia-me sempre de horrivel mau humor, e eu preferia ficar no caminho a ir aturar-lhe a bilis. A distancia da minha aldeia á de Cadilhe, que será, talvez, de uns dois kilometros, permittia-me reflectir maduramente sobre os inconvenientes de não saber a lição, e de ir receber, por paga da minha ignorancia, uma duzia de palmatoadas, afóra os carôlos, que o mestre nos dava com a sua comprida canna a titulo de emolumentos. Pelo caminho havia sitios encantadores para quem fosse poeta: campos extensos e formosissimos; rios e fontes de aguas crystalinas; arvoredos frondentes, e vallados de silvas, que se cobriam de amoras deliciosas. Eu não era poeta; mas já aos seis annos gostava de sonhar acordado — talvez para não estudar nem trabalhar! — e achava sempre novidade na natureza. Um dia, eram os silvados, que se vestiam de flôres; no outro, as amoras, que amadureciam; depois, os fructos da primavera, os trabalhos da agricultura, o chilrear das aves, o verão — que me alegrava por não haver frio, e o inverno — que me inspirava a idéia

ıccender uma fogueira sobre cada lençol
ıeve! Tudo isto me era muito agrada-
e me divertia mais do que a escola do
tre Manuel Corval, e por isso eu ia lá
ꞔas vezes. Em cinco annos, que fui seu
ipulo, creio que não a frequentei mais
lois! um, fiquei em casa, com doenças
improvisava no momento de sair; os
os dois, passei-os pelos caminhos, ca-
lo passaros, ninhos, fructos, e jogando
ədrada ou o botão com os estudantes
ıinha força! Quando não encontrava ca-
adas, a quem convocar para os meus
eios, ia sentar-me á borda de algum
iro solitario, entre os mais fechados ar-
dos, a ouvir cantar as aguas e os rou-
es, até passar a hora escolar; voltava
o para Avelomar, dizia á minha santa
que vinha da aula, e mostrava-lhe a
— marcada a lapis pela minha mão
ersa e mentirosa! — como tendo sido o
al posto pelo mestre. Faço esta con-
o publica para me punir d'essas mal-
s e para rehabilitar a memoria do meu
ado *professor porque* saí da sua es-

cola, quasi aos dez annos de edade, mais ignorante do que tinha entrado para ella aos cinco!—Durante esse tirocinio, perdi umas cem cartas de aprender a ler, algumas jaquetas e coletes, e joguei vezes sem conto os botões do fato, substituindo-os depois engenhosamente com pausinhos! O nossó excellente Corval chamava-me o vadio mais incorrigivel e mais estupido que tinha a sua escola, e nunca perdia occasião de me demonstrar materialmente a persuasão em que estava. Se me fosse possivel escrever aqui o numero de palmatoadas com que elle me mimoseou, esses algarismos fariam estremecer de horror as mães de familia. Pelos meus calculos chegava a billiões! Deus lhe perdôe, como lhe eu perdoei já. Os meus merecimentos eram talvez para mais do que elle me fez.

Tu foste, meu querido Eirado, um dos muitos rapazes a quem eu por vezes desviava do estudo, afim de irmos juntos correr os campos; não me recordo se d'esses passeios te proveiu qualquer gratificação escolar; mas é provavel que não ficasses sem

ella — porque me lembro bem do nosso generoso professor... — Perdoa-me, pois, se acaso apanhaste por minha causa alguns bolos sem assucar, e, visto eu não poder tirar-t'os, acceita, como tardia reparação d'elles, a comedia que hoje te dedico. Devia esta demonstração de affecto á tua velha e leal amizade e á recordação d'esse tempo saudoso e feliz da nossa infancia. Que diria hoje o nosso bom Corval, que tanto accusavamos então de mau homem e de tyranno, se podesse ver como desmentimos os tremendos prognosticos com que a ambos nos fulminava, porque — perdôe-me o teu amor proprio — tu tambem gozavas de mediocre reputação litteraria, embora elle te não considerasse tão monstruosamente rude como a mim! Por tua parte desmentiste brilhantemente os seus vaticinios, adquirindo, á força de trabalho, intelligencia e probidade, uma posição social independente; e eu... tenho visto — não sem espanto, porque cria mais no voto do professor de Cadilhe do que nos meus talentos — a *minha humilde* pessoa honrada com dis-

tincções immerecidas! Se se dissesse isto sobre a sepultura do nosso propheta, sentir-se-hiam ranger os seus ossos, e o seu craneo desejaria ter cerebro para indoidecer de pasmo!

Não acharás na obra que te dedico o valor, que eu queria que tivesse para poder offerecer-t'a com desassombro. É uma comedia cujo entrecho me foi inspirado pela leitura de um romance inglez; mas, se o escripto pouco vale, encontrarás n'estas linhas testemunho da minha boa vontade, e, com as doces lembranças dos nossos primeiros annos, a certeza de que o tempo não me tem mudado o coração, nem apagado as saudades que por ti sente o

Teu amigo de infancia

F. Gomes de Amorim.

A ABNEGAÇÃO

COMEDIA-DRAMA

PESSOAS

DESEMBARGADOR CASTRO.
CARLOS.
D. JOÃO DA SILVA.
CRISPIM.
SERAPIÃO.
FELIX.
UM CRIADO DE D. JOÃO.
JULIA.
MARIA.
JERONYMA.
JOSEPHA.
VALENTINA.

Logar da scena: — O 1.º, 3.º, 4.º e 5.º actos passam-se nas visinhanças do Porto, e o 2.º em Lisboa.

EPOCA — 1854.

ACTO PRIMEIRO

Estrada de Valongo ao Porto, no primeiro plano; pateo ajardinado, com um largo portão de ferro, que dá para a estrada; o portão está aberto e por elle se vê além do jardim uma alameda de álamos; ao fundo, a frentaria de uma elegante casa de campo. Aos dois lados do pateo, portas para o interior da quinta.

SCENA I

D. JOÃO, **trazendo um cavallo pela redea, pára em frente do portão**

Será aqui? (Olhando para dentro do pateo) Pateo ajardinado, bellas arvores de fructo e de ornamento!... e a porta aberta, convidando-me a entrar?! Nada; seria demasiada solicitude do acaso. A minha quinta deve ser á direita e tem apenas uma casita. Estou um forte proprietario! Nem ao menos sei onde tenho as minhas coisas! Tambem pouco admira; é a primeira vez que venho ao Porto, onde os meus amigos e procura-

dores Serapião da Costa e Crispim José da Silva teem trazido arrendadas as minhas propriedades, e ando ás apalpadellas pela estrada de Valongo; felizmente é dia claro e alguem me ha de informar...

SCENA II

D. JOÃO e VALENTINA

VALENTINA, vindo pela alameda abaixo

O mariola do leiteiro deixa sempre o portão aberto! Tambem já agora quasi que não vale a pena fechal-o? (Vae para fechar o portão e vendo D. João a espreitar para dentro, pára.) O senhor desculpe; quer alguma coisa?

D. JOÃO

Não, minha linda... (Reparando melhor n'ella, áparte.) Oh! diabo, que é uma velha! (Alto.) A senhora faz favor de me dizer de quem é esta casa?

VALENTINA

Do senhor desembargador Joaquim Fernandes de Castro. Tem uma quinta muito *grande*, com outro jardim lá em baixo. Se o

senhor quer entrar, não faça ceremonia; apesar de ser ainda cedo, a quinta franquea-se a quem a quer ver.

D. JOÃO, olhando por uma das portas do pateo

Obrigado; visto que me dá licença, vejo-a d'aqui mesmo.

VALENTINA

Á sua vontade. (Saindo, áparte.) Isto é janota da cidade, que vem passar o domingo no campo.

SCENA III

D. JOÃO, só

É bonita vivenda! E' que ponto de vista soberbo lá para baixo! A senhora sabe-me dizer onde é aqui a quinta de... (Voltando-se e não vendo Valentina.) Ó senhora?... Menina? Tia? — Foi-se! (Sentando-se.) Como se permitte a entrada... Já vou estando aborrecido com o passeio e vejo que fiz asneira em não trazer os procuradores para me ensinarem o caminho. A final, elles sempre me hão de lograr, como teem feito até hoje; e a minha esperteza *de vir examinar* a quinta sósinho

não adianta nada. Eu creio que fiz mal em lhes pedir só quinhentos mil réis? Preciso costear o jornal, para que se não diga que vendo o meu ministerialismo... e já dei cabo de dois contos de réis, que eram o resto dos meus fundos. Quem diabo me mandou metter na politica! E agora não quero largar a redacção, sem que me elejam deputado. Depois de entrar na camara farei o meu caminho, como qualquer outro mais asno do que eu. A questão é desempenhar os meus bens, e quando a vida publica me não convier, mando-a bugiar.

Levanta-se e sae para a estrada onde fica parado e como hesitando sobre o caminho a seguir

SCENA IV

D. JOÃO, SERAPIÃO, CRISPIM

CRISPIM

Compadre Serapião, faça alto. Aquelle homem e aquelle cavallo fazem-me desconfiar... O sol ainda agora rompeu e por aqui ha muita ladroagem.

SERAPIÃO, parando

O compadre quer que eu apite?

CRISPIM

Ora espere... Dar-se-ha caso que?...

SERAPIÃO

Não nos precipitemos; é elle.

CRISPIM

Vamos, compadre.

SERAPIÃO

Avancemos.

Encaminham-se para D. João.

D. JOÃO, reconhecendo-os

Oh! lá... Por aqui tão cedo, meus caros procuradores?!

CRISPIM, cumprimentando-o

Ás ordens de v. ex.ª

SERAPIÃO, idem

Para servir a v. ex.ª

D. JOÃO

Porque feliz acaso?... (Áparte.) Os tratantes viriam espreitar-me?

SERAPIÃO

Foi *uma fortuna inesperada*...

CRISPIM

Uma satisfação com que não contavam

SERAPIÃO

Eu fiquei tão alegre quando o reconh

CRISPIM

Eu, contentissimo!

D. JOÃO

Se lhes fosse indifferente deixarmos cumprimentos para outra vez?... Teer bondade de me dizer onde é a mi quinta? Bem sabem que não conheço a calidade.

SERAPIÃO

Ah!... V. ex.ª ainda não a viu?

D. JOÃO

Saí da cidade ao amanhecer, cuidar pelas indicações que trazia, que me s facil acertar com a casa; mas enganei-n

CRISPIM

É aquella que se vê além, no fim d' muro.

D. JOÃO

O quê?! Aquelle palacio!

SERAPIÃO

Palacio?... Sim... concedamos que... n'outro tempo... Porém, hoje é preciso fazer obras...

D. JOÃO

Os senhores tinham-me dito que eram umas casitas!...

CRISPIM

Fallavamos das accomodações da lavoura... Esqueceu mencionar a casa de habitação... Mas note, que teremos de gastar muito em concertos... os muros da quinta necessitam reparados; as parreiras estão caídas e carecem de madeiras novas; ha muitos annos que se não limpam as oliveiras, e as terras nunca viram adubos; se nós ficarmos com a propriedade, segundo hontem combinámos, havemos de melhorar, accrescentar, ensaiar systemas novos e arriscados, etc., etc., etc.

SERAPIÃO

Faremos *os campos mais* productivos, as

arvores mais elegantes... tencionamos outras novas... enxertaremos todas as forem ruins...

D. JOÃO, zombando

Hei de pensar n'isso tudo.

CRISPIM

Se me permitte?... tinhamos assent já, que se faria o arrendamento ámanhã

SERAPIÃO

Era negocio tratado... quasi.

D. JOÃO

Faltava-lhe só o — quasi.— Meus qu dos senhores, eu tenho sido um gra perdulario; em logar de vir tomar cont excellente casa que herdei de meu pae, xei-me estar onde tinha nascido, gasta parvamente mais do que me permittiam meus rendimentos. Arruinei-me com bello systema, como era natural. N'u linda manhã de primavera disse-me o r creado, que não havia dinheiro para comp o jantar; que se devia ao tendeiro, ao deiro, ao carvoeiro, ao marceneiro, ao

reeiro, ao azeiteiro, ao sêgeiro, ao sapateiro, á lavadeira, á costureira e á engommadeira, e que toda esta gente não queria já fiar nem mais um vintem. Contentei-me pois n'esse dia com ouvir cantar os passaros n'umas arvores visinhas, o que, devem convir, é um almoço assaz mediocre, mesmo para os poetas! Resolvi-me a reformar a vida; vim ao Porto para arrendar as minhas propriedades a longo prazo, com o fim de pagar aos meus crêdores; v. s.as, antigos procuradores de meu pae, e meus rendeiros desde o fallecimento d'elle, propõem-me tomar tudo de renda, ou administração...

SERAPIÃO

Se v. ex.a dá licença?...

D. JOÃO

Deixe-me acabar. Os senhores, que conhecem a minha situação, que sabem que fundei um jornal politico em que tenho gasto todo o dinheiro que me mandaram este anno, *apenas me promet*teram hontem

adiantar quinhentos mil réis, com a condição de tomarem metade da minha casa por administração e a outra metade por arrendamento...

CRISPIM

É para equilibrar...

D. JOÃO

Á minha custa, bem sei... (Serapião quer interromper.) Dê-me licença, que já falla. Acceitei todas as suas combinações, antes de ver a maior parte dos meus bens e guiando-me pelas informações de v. s.as...

CRISPIM

Informações fieis e combinadas com as dos antigos rendeiros...

D. JOÃO

Já d'aqui me é facil perceber que... que não foram muito exactos os seus calculos. Os senhores, segundo me consta, vão fazendo as suas casas, emquanto desfazem a minha. Tenho á vista uma das propriedades, que me descreveram como insignificante casita de campo...

SERAPIÃO

A coisa... á primeira vista... não é... não é...

CRISPIM

Sim... não é má peça; diga-se a verdade.

D. JOÃO

Um bello palacio e uma quinta enorme! Ora, pois; eu ainda lá não entrei e estimo bem que nos encontrassemos antes d'isso. Querem adiantar-me um conto de réis e pagar já todas as minhas dividas, acceitando eu as condições que hontem proposeram?

CRISPIM, pondo as mãos na cabeça

Oh! senhor!... Essa exigencia é... é impossivel...

SERAPIÃO

Completamente impossivel de satisfazer!

CRISPIM

Ficavamos arruinados para o resto da nossa vida!

SERAPIÃO

Desempenhavamos a v. ex.ª para nos desgraçarmos *a nós!*

D. JOÃO, dispondo-se a partir

Passem muito bem; não fallemos mais em rendas ou administração.

SERAPIÃO, detendo-o, consternado

Mas, senhor D. João, os negocios não se tratam assim!

CRISPIM, idem

Ao romper do sol, no meio de uma estrada...

D. JOÃO

Logo que eu tiver transposto aquelle portão, que os senhores dizem pertencer-me, pedirei dois contos de réis; no primeiro degrau da escada, exigirei tres contos, e no ultimo, mil libras.

SERAPIÃO, hesitando e olhando para Crispim

Nós não trazemos dinheiro comnosco...

CRISPIM

Vamos passar o dia a esta casa, que é do senhor desembargador Fernandes de Castro.

SERAPIÃO

Temos aqui as nossas mulheres, que vie-

am hontem, mas não temos um conto de ėis para dar na via publica á primeira pes-)a que encontrarmos.

D. JOÃO, rindo

Ámanhã assignaremos as escripturas e 'essa occasião receberei o dinheiro.

CRISPIM, consultando Serapião com os olhos

Como v. ex.ª quizer... se?...

D. JOÃO

Está tratado, homem; não se assuste. Eu m sei que me vou admirar com o tama-io do campito, que os senhores hontem sacreditaram. Mas não retiro a minha pa-vra.

CRISPIM

As terras da quinta levam uns vinte moios semeadura, e...

D. JOÃO

E os meus amigos hesitavam?! São bem noratos! E os campos do Freixo? E os de ⁄intes? E *a quinta de* Valongo? A julgar

por estas, são alguns quintalitos do mesmo tamanho, hein!? Não importa; o dito, dito. Livrem-me dos crédores, tratem-me as fazendas bem, administrem sem me esfolar demasiado, que eu fecharei os olhos aos... descuidos para só me lembrar, que os senhores foram muitos annos procuradores e amigos de meu pae.

SERAPIÃO

O dinheirinho está prompto; pena é v. ex.ª ir applical-o á politica!...

CRISPIM

Gastar tão lindas moedas de oiro com jornalistas, que dizem ser gente capaz de comer o diabo!...

D. JOÃO, encolhendo os hombros

São gostos. Até ámanhã.

Vae-se

SCENA V

SERAPIÃO e CRISPIM, entrando no pateo

SERAPIÃO

Que bello negocio, meu rico compadre!

CRISPIM

Oh! compadre, que pechincha! (Indo espreitar á estrada.) Elle lá vae entrando; Deus queira que nos não rôa a corda depois de ver a quinta!

SERAPIÃO

Um fidalgo?! Não é capaz d'isso. Quando muito, dirá alguma palavrita mais... esquisita; mas ouve-se-lhe com paciencia e não se lhe responde.

CRISPIM

Qual responder! Podiam-se dar até os quatro contos e quinhentos... Só as casas do Porto rendem...

SERAPIÃO

Chut! (Em voz baixa.) Ficamos ricos! Elle declarou que fechava os olhos aos descuidos... Nos ultimos tres annos ganhámos dezoito contos; em dez, devemos ganhar trinta cada um, afóra os proventositos da administração: fructas, vinhos, lenhas, hortalices, etc., etc., etc.

CRISPIM, com ternura

Ah! Compadre!

SERAPIÃO, idem

Compadre! (Abraçam-se.) Como nós o a| nhamos!

SCENA VI

CRISPIM, SERAPIÃO, JERONYMA, JOSEPI

JERONYMA

É a isto que o senhor Serapião chama de madrugada?

Crispim cumprimenta Jeronyma, e Serapião cumprimenta Josepha

JOSEPHA

Olhe que o seu procedimento, senhor Cı pim... é mesmo de fazer perder a pacien a uma santa!

SERAPIÃO, baixo a Jeronyma

Guarde as conveniencias, Jeronyma!

CRISPIM, a Josepha, idem

Josepha, não me desacate diante de gen

JERONYMA, levando Serapião para um lado, baixo

Venha cá, toleirão; porque não ha de vossê deixar-se de sociedades? Repare bem no Crispim, e diga-me se lhe não acha a cara cada vez mais patibular? Parece que se ri por dentro emquanto chora por fóra! Aquillo é porque já hoje lhe pregou alguma!

Serapião encolhe os hombros.

JOSEPHA, levando Crispim para o lado opposto, idem

É necessario ser muito asno para não perceber que Serapião é um grande velhaco. Vossê jungiu-se áquelle homem para nos arruinar! Não vê que está dando cabo do pão dos nossos filhos, e que depois lhe ha de pegar com trapos quentes?!

Crispim sorri com incredulidade.

JERONYMA, a Serapião, idem

Esses ares de incredulidade fazem-me ferver o sangue!

JOSEPHA, a Crispim, idem

Quer as provas de que anda illudido, Crispim?

JERONYMA, a Serapião, idem

Porque sae elle todos os dias do escriptorio antes de vossê?

JOSEPHA, a Crispim, idem

Que fica elle fazendo, depois de vossê sair?

JERONYMA, a Serapião, idem

Não será para ir tratar algum negocio occultamente, sem lhe dar parte no ganho?

JOSEPHA, a Crispim, idem

Fica para apanhar causas de que vossê não tenha conhecimento, e sonega os lucros.

JERONIMA, a Serapião, idem

Um homem do seu talento, com mais fama que alguns letrados, que trata dos negocios das principaes familias, ir dar sociedade áquelle tratante! Apósto que tambem agora o não enxerga segredando com a delambida da mulher? Pois saiba que nos estão dando catanada bravía.

JOSEPHA, a Crispim, idem

Um procurador de mão cheia como vossê,

e já tem advogado, e que possue as me- res casas do Porto, associado a um pa- ı! É querer dar cabo do seu credito! E ısbilhoteira da mulher, que sempre tem ɜ enredar?! Lá estão ambos a roer-nos pelle!

CRISPIM, pondo os oculos

Compadre Serapião, o desembargador já ʼe andar a regar os morangos; vamos ·-lhe os bons dias.

SERAPIÃO, idem

Vamos, compadre Crispim.

Dão o braço um ao outro e sobem pela alameda.

SCENA VII

JERONYMA e JOSEPHA

JERONYMA, áparte

Que doidice por elles! Se continua assim,) acaba em bem! Os Crispins prégam-me n elle na forca ou na casa dos orates.

JOSEPHA, áparte

Não o posso tirar da boca do lobo! É

forte amisade a sua pelos Serapiões! Elle
são capazes de o roubar e de o mandaren
depois degredado.

JERONYMA

Ó comadrinha, não acha que esta gent
dorme muito?

JOSEPHA

Não, não acho! Estava mesmo a pensa
n'isso, minha querida.

JERONYMA

Nem ao menos os criados se levantaran
ainda, para nos tratarem do almoço! No camp
e n'este tempo... é preciso serem muito ma
draços!

JOSEPHA

Dize-me com quem lidas, dir-te-hei a
manhas que tens. E para isto convidaram
gente desde hontem!

JERONYMA

Eu fiquei por condescender. Gósto d
vêr as despedidas; é coisa que sempre m
divertiu muito! O Carlos parte pela ma

nhã, antes do almoço? Esta gente toda é muito exquisita! Está o rapaz contratado a casar com a pequena mais nova, e mandam-n'o para longe d'ella por dois annos!

JOSEPHA

Que tolice! E pelos modos leva comsigo o criado Felix? Até os criados mandam viajar, gastando um dinheiro louco! Se elle lhes custasse a ganhar não faziam isso. Eu cá sempre tive criados que me respeitaram e nunca os tratei com pieguices.

JERONYMA

E eu?! Ando sempre a dizer ao meu Serapião: —Homem, tu parece que não nasceste para ter quem te sirva? Não dês confiança aos servos; repara como os trata a nossa comadre Josepha e aprende.

JOSEPHA

Malpecado! Com a minha comadre é que nós todos devemos aprender. Não é por ser na sua presença, mas tenho dito muitas vezes ao meu Crispim: —Que santa familia

que é a do nosso compadre Serapião!
sempre lhe somos muito obrigados! —

JERONYMA

São favores, que não merecemos, c
drinha! Lá vae a criada do desembarga
até que se levantou! Pois ella ainda
muito velha.

JOSEPHA

O Felix vae com ella; terão pena
separar?

JERONYMA

A comadrinha não sabe? Ha uns amo
entre elles... Dois velhos namorados,
graça!

JOSEPHA

Diz-se que são casados?

JERONYMA

Agora! Verdade seja que foi hont
primeira vez que nós começámos a c
cer melhor a familia do desembargado

JOSEPHA

Eu ha muito tempo que podia ter c

nada, se quizesse; ainda o desembargador não passava de juiz da primeira vara e já era grande amigo do meu homem.

JERONYMA

O meu andou com elle em Coimbra. Mas só agora me resolvi a acceitar o convite de vir aqui passar um dia, por saber que a minha comadre viria tambem.

JOSEPHA

Eu vim, por me dizer o Serapião, que a comadre não faltaria. Á noite, pediram-nos para ficar e eu acceitei para ter o gosto de estar na sua companhia.

JERONYMA

Assim fiz eu; e ao mesmo tempo queria mostrar ás filhas do desembargador, que sou senhora de sala.

JOSEPHA

As delambidas! Talvez julgassem que nos enterravam com a sua aristocracia?! Com ser eu velha, ainda me não tróco por ellas.

JERONYMA

Velha? A minha comadre! Que direi eu
Ellas fizeram-me muita festa e a mais n(
não se cançava de me servir ao jantar.

JERONYMA

A mim, era a mais velha.

JOSEPHA

Ellas são um tanto... um tanto... pret
ciosas. Fallam de tudo, de tudo entendem
Provam que não teem grande ensino.

JERONYMA

Quem lh'o havia de dar? O doutor foi s
pre um libertino e ainda hoje escarnece
tudo! Diz que a vida é uma farça e que
todos somos uns comicos, que andamo
representar?

JOSEPHA

Quem não tem vergonha todo o mund
seu.

JERONYMA

Fallae no mau, olhae para a porta.

SCENA VIII

JERONYMA, JOSEPHA, DESEMBARGADOR,
SERAPIÃO, CRISPIM

DESEMBARGADOR, a Serapião

Desculpe, meu amigo; isso parece-me boa fé de mais! O senhor crê realmente, que a nossa salvação depende de se mudar um ministerio? de se trocarem uns homens por outros?!

SERAPIÃO

Pelo que ouvi na camara, quando fui a Lisboa, e pelo que li nos jornaes... parecia-me...

CRISPIM

A mim tambem se me afigurava... Era tanta gente a gritar contra os que cairam agora!

DESEMBARGADOR

Exactamente como se ha de gritar ámanhã contra os que vieram substituil-os. A politica é isto; os que governam são corruptos e quem defende o governo está comprado por elle; *não ha independencia* senão

na opposição... emquanto ella não apanha o poder.

CRISPIM

Parece-me que aprecia muito severamente os partidos?...

DESEMBARGADOR

As facções, quer dizer?

SERAPIÃO

O compadre disse partidos e disse bem. Eu tambem entendo que é fazer injustiça aos homens liberaes, que trabalham sem acceitar empregos do estado...

DESEMBARGADOR

Porque lh'os não dão da qualidade que elles querem. Esses independentes esperam vez para uma posta das maiores. O paiz está desmantellado como um navio velho acossado por temporaes. Ainda ha pouco vimos por ahi padres de bacamartes ás costas, sustentando as revoluções, que provocaram com artigos violentos na imprensa politica; os nossos marechaes discutem theologia e medicina; os poetas tratam

de algarismos; os mathematicos fazem versos; os cirurgiões e medicos preferem ser deputados, parecendo-lhes mais facil curar os achaques da fazenda publica do que os dos seus similhantes; os lentes antes querem ensinar politica em S. Bento do que professarem as sciencias que estudaram nas suas respectivas escolas; até já houve ecclesiasticos ministros da marinha! Porque anda esta gente assim deslocada, senão por que entre nós não se procuram os homens para as coisas? O que ha peior que tudo, o que grassa como uma doença incuravel n'esta terra é a febre dos anichamentos! Toda a gente quer ser empregada, comer e viver á custa do estado!... Se o senhor tem um ministro amigo, que o queira arranjar, não se lhe pergunta qual é a sua vocação; dá-se-lhe o primeiro logar vago, aindaque seja um bispado! Nós mandamos os nossos rapazes estudar a Coimbra, a Lisboa, ao Porto e aos paizes estrangeiros, cuidando que os preparámos d'este modo para bem servir a patria; engano, meus amigos! a unica habilitação util seria *um curso* aonde se ensinassem

mancebos para amigos de ministro. Ainda não alcançámos esse melhoramento, mas ha de vir. Já hoje se encontram muitos homens de merito aprendendo a sevandijas.

CRISPIM

V. ex.ª vê as coisas de um modo horrivel!

DESEMBARGADOR, avistando Jeronyma e Josepha

Perdão, minhas senhoras... Não as julgava já de pé. Parece-me que o facto de as ver tão madrugadoras não faz o elogio das camas em que dormiram? Tenham paciencia; no campo não temos melhor.

JOSEPHA

Muitos bons dias, senhor desembargador; dormimos muito bem.

JERONYMA

Dormimos o melhor possivel; os colxões eram excellentes.

DESEMBARGADOR, a Crispim e Serapião

Sei que o meu modo de ver não agrada a

todos; mas a maior parte dos que tomam partido contra a minha opinião, tratam de defender os seus interesses. O mundo é um vasto theatro, onde cada um de nós representa o seu papel. A farça politica é de todas a mais irrisoria. Ainda bem que a deixei ha um par d'annos para tratar dos meus morangos!

SERAPIÃO

Nem todos os homens politicos são comediantes, senhor desembargador.

DESEMBARGADOR

Não se agastem commigo por eu zombar da representação, dos actores... e de quem os applaude. Oh! se o publico visse bem por detraz do panno!... Se soubesse que tudo é phantasmagoria, vermelhão, alvaiade e papelão pintado; que o amor da patria é o interesse de ganhar a vida e que dentro da pelle de mais honesta apparencia pode habitar o caracter mais infame e depravado, pateava, assobiava, estourava a peça e os que a representam!... (rindo) Se o publico não fosse *tambem actor* e se não receiasse

que lhe fizessem o mesmo quando lhe chegasse a sua vez!

CRISPIM

Vou impugnar a sua opinião.

SERAPIÃO

Eu tambem não concordo com ella.

JOSEPHA, beliscando o braço de Crispim

Cale-se.

CRISPIM, indignado

Senhora D. Josepha!...

JERONYMA, acotovelando Serapião, que se dispõe para fallar

Não se metta em contendas, Serapião.

SERAPIÃO

D. Jeronyma, quem a mandou desposar um advogado?

DESEMBARGADOR, encolhendo os hombros

Podem discursar á vontade, que não me incommodam.

CRISPIM, agitando a bengala

V. ex.ª não ignora que os principios mais

austeros são ás vezes os que mais facilmente...

DESEMBARGADOR

Mais facilmente quê?

CRISPIM

Os meios...

DESEMBARGADOR

Servem para chegar aos fins; sei isso.

CRISPIM

Não interrompa, que me atrapalha! Como eu ia dizendo, os principios mais austeros são os que mais facilmente... mais facilmente...

Tira os oculos e torna-os a pôr, puxa os cabellos e amarrota o chapeu olhando para Serapião, como pedindo-lhe auxilio.

SERAPIÃO, animando-o com o gesto

Continue, compadre Crispim; continue, que vae bem!

CRISPIM, batendo com a bengala no chão

Os principios... mais facilmente... (*Olhando consternado para Serapião*) mais facilmente?...

SERAPIÃO, áparte

Que derrota, com os diabos! E eu, que não estava prevenido!... Quem o mandou impugnar?! Quiz figurar de orador e estendeu-se como um sendeiro!

JOSEPHA, beliscando novamente o marido

Ande, toleirão; dê-se ao desfructo!

CRISPIM, furioso

Josepha, olhe que se me acaba a paciencia! Compadre Serapião, não se deixa enterrar assim um collega!...

SERAPIÃO

Animo, compadre! Eu já lhe accudo.

DESEMBARGADOR, rindo

Adiante, adiante, que o publico impacienta-se.

SERAPIÃO

Se o compadre não tivesse embatocado?!... O seu exordio faria honra aos mais illustres advogados. Mas que o senhor desembargador não cante ainda victoria; ganhe forças, compadre; ganhe forças, que eu principio.

JERONYMA, acotovelando-o

Tenha juizo, Serapião.

SERAPIÃO

Não me tentes, mulher! Todos sabem que eu tive o primeiro anno de Coimbra e que se não continuei foi porque não quiz. Mas aprendi a fallar como os outros. As pyramides do Egypto, obra dos grandes Pharaós, contemplam assás admiradas as palmeiras do deserto, sempre deserto...

SCENA IX

JERONYMA, SERAPIÃO, JOSEPHA, CRISPIM, DESEMBARGADOR, FELIX

FELIX

O vapor sae ao meio dia.

SERAPIÃO, áparte, respirando

Escapei d'esta por milagre!

DESEMBARGADOR

Previne o *senhor Carlos.*

FELIX

Elle mandou apparelhar os cavallos e vamos já partir.

DESEMBARGADOR

Minhas senhoras, querem despedir-se?

Vão-se todos pela alameda acima, excepto Felix.

SCENA X

FELIX, depois VALENTINA

FELIX

Estes dois sujeitos fingem-se tolos e assim vão levando a agua ao seu moínho! E as mulheres? São verdadeiras esposas de procuradores! O que eu não sei é como cá em casa os podem aturar! O senhor desembargador diz que elles o divertem, que lhe recordam os seus tempos de advogado e de juiz e convida-os a miude para virem comer-lhe o jantar! E já principiam tambem a trazer as mulheres... Era só o que faltava! Eu não os posso tolerar!

VALENTINA

E hei de eu atural-os, senhor Felix!? Vosse-

mecê é os meus peccados! Com essa edade, lembrar-se de ir viajar!

FELIX

Oh! mulher, não sabes que o senhor desembargador é que manda?

VALENTINA, pegando-lhe n'uma orelha

Velhaco! Não serias tu quem pediu para ir correr mundo?

FELIX

Que tolice! Larga-me, olha que doe!

VALENTINA

Para doer é que eu puxo. Estás morrendo por partir, maroto? (Puxando-lhe mais a orelha.) Tenha-me por lá juizo!... Consta-me que em Lisboa as mulheres não detestam os homens da sua pinta.

Larga-o.

FELIX, acudindo com a mão á orelha

Ai!... Sempre tens lembranças! Eu não desço ao namôro ridiculo dos garotos. Sou homem sério; tenho cincoenta annos, e ha vinte que me *apanhaste* por marido; o que

quer dizer, que... que me basta ter aturado uma, e já não é pouco!

VALENTINA

Tem-se dado bem mal o fidalgo! Onde achava vossê mulher que o vestisse, remendasse e engommasse como eu lhe faço? Vae o senhor viajar, como qualquer pessoa que é alguma coisa, emquanto a negra fica aqui a trabalhar! Ah!... o que te vale sei eu!...

FELIX, mettendo as mãos nos bolsos e saindo

Comedia!

VALENTINA, correndo após elle

Tambem tu, tratante?!

SCENA XI

JULIA, depois D. JOÃO

JULIA, com uma coroa de flores de larangeira na mão

Eu apanhei as flôres e elle fez a corôa para ornar a fronte de minha irmã... Candidas flôres de larangeira, quem ha de julgar, vendo-vos nas minhas mãos, que me estaes dilacerando o coração?!

D. JOÃO, na estrada

Os patifes embaçaram-me! É uma propriedade immensa e magnifica!... Porém, já agora, consinto que me roubem para acabar com isto. (Vendo Julia.) Oh! que adoravel creatura!... Não direi, como qualquer poeta mediocre, que me senti trespassado por uma setta; mas parece que me deram um murro no peito!... e bate-me o coração como se eu tivesse medo! Ando a reconhecer os arredores da minha quinta e... Se eu pudesse, a titulo de vizinho?... Vou montar a cavallo, fazer bulha, e procurar algum meio de chamar a sua attenção.

Volta para traz.

JULIA

Carlos partirá dentro em poucos minutos... Durante a sua ausencia, curar-me-hei, talvez?... E senão curar, saberei morrer. Se eu tivesse valor para acceitar a mão d'outro homem? Talvez fosse um meio... mas é indigno de mim. Dizem que a paixão é propicia ás doenças de peito?... Tratarei de morrer, antes que elle volte, senão conseguir arrancar *da minha alma* a sua imagem.

(Vendo Maria encaminhar-se para ella.) Maria!... lencio, meu triste coração! Convem q saibas succumbir com o teu segredo.

SCENA XII

JULIA e MARIA

JULIA, áparte

Pobre Julia! (alto.) Que fazes ahi?

JULIA

Andei tratando do jardim; estas pob flôres sentem-se logo que lhes faltam nossos cuidados.

MARIA, olhando distraida para as flôres

Quem podéra ser como ellas!

JULIA

Pura como as flôres és tu; pura, c estas bellas flôres de larangeira, com vou coroar-te! e modesta, como as viol de que está entrelaçada esta corôa. (Põe corôa na cabeça.) Foi feita pelo nosso... teu Carlos.

MARIA

Meu?!

JULIA

Se ha de ser teu marido?...

MARIA, tira a corôa distraidamente, e fica com ella na mão, mirando-a e cheirando as flôres de vez em quando

Quem sabe!

JULIA

Quem sabe!? Nós... e Deus, que o quer.

MARIA

Deus? A quem contou elle os segredos do porvir?

JULIA

Singular genio é o teu, querida irmã! Sei que amas Carlos, que elle te adora, e que fazias consistir a tua felicidade em ser sua esposa; Carlos pede a tua mão a nosso pae, esse consulta-te, acceitas o titulo de noiva e de repente exiges que teu noivo se afaste de nós por dois annos! Dois annos, menina! O tempo necessario para se envelhecer e morrer, sem ter conhecido a ventura!...

MARIA

Preciso experimentar se Carlos tei mim o amor que diz; a prova ainda affigura pequena... uma prizão de t vida deve ser feita com prudencia.

JULIA

Bem sei que dás sempre essa razão, e que ninguem acha boa; mas todos ceitamos, visto que não tens outra.

MARIA

E porque não? Eu é que devo (tenho portanto o direito de tomar as n precauções.

JULIA

Mas é que andas triste desde que zeste similhante sacrificio a ti e ao teu se reconsideraste, falla; nosso pae por tudo... casarás immediatamente.

MARIA

Não; o futuro pertence a Deus, qu E quem sabe se esta separação, que firmas que eu sinto, não será a nossa dade?

JULIA

A felicidade? Com a separação do homem a quem amas?! Que paradoxo! O que eu penso é que tens um segredo que não queres dizer-me!...

MARIA

Enganas-te... desde a minha mais tenra infancia me costumei a abrir-te sempre o meu coração; tomei-te por modelo; a tua bondade, as tuas qualidades e virtudes inspiram-me tanto respeito e affecto como eu tinha por nossa mãe!... tu és franca e sincera... como posso eu fingir, se copio e fiz de ti o meu ideal?

JULIA

Que desconcertos que estás ahi a dizer! Até n'isso te estranho agora! Tu não queres confessar que estás assim por teres de te separar de teu noivo?...

MARIA, interrompendo-a

Não andou elle cinco annos em Coimbra?

JULIA

É *verdade; mas vinha* a casa durante as

férias, e ainda te não tinha pedido. Ah! Elle ahi vem.

Carlos vem descendo pela alameda.

SCENA XIII

JULIA, MARIA, CARLOS

CARLOS, *recitando*

Adeus, amena e venturosa estancia
Da minha alegre e juvenil edade;
Melhor me fôra não passar da infancia
Do que trocar-te por cruel saudade.

JULIA, *áparte*

Como a adora!

CARLOS

Parece-me ainda impossivel que eu tenha de partir! É uma tyrannia, um capricho inexplicavel, e apezar da minha docilidade, confesso que me custa obedecer!... Depois da minha formatura, apenas estive em casa um mez!... menos ainda do que no tempo das férias grandes, quando era estudante! Reconsidera, que ainda é tempo, querida Maria...

MARIA

Dois annos passam depressa; um bacha-

rel em direito precisa saber dos negocios forenses mais do que se ensina nos bancos da universidade; especialmente quando tem de casar com a filha de um magistrado.

CARLOS

Que vive aposentado.

MARIA

Razão de mais para necessitar de quem saiba substituil-o. Meu pae tem muito em que empregar as faculdades e conhecimentos de seu genro; a prova é que elle concordou logo em que era conveniente que fosses praticar no escriptorio do seu amigo Bruschy, a Lisboa.

CARLOS, resignado

Submetto-me; mas protesto que não aprenderei coisa nenhuma; tenho horror aos autos e se alguma vez me der para os ler será só com o fim de descarregar o meu mau humor sobre os litigantes, fazendo-lhes pagar caro a tolice de se metterem nas minhas mãos! Farei com que o Bruschy me ponha na rua como incapaz de o auxiliar e voltarei para *aqui mais ignorante* do que parto. Eu

tenho meios com que viver, teu pae e não preciso nem quero trabalhar.

MARIA

Pois eu não caso com vadios.

CARLOS

Maria ?!

MARIA

Tenho dito.

JULIA

Vossês são duas crianças; façam as ; vamos.

MARIA, áparte

Bella alma! cuida que não a leio poı tro! Como recompensal-a da sua abneg Inspire-me Deus!

CARLOS

Adeus, Maria. Toma nota da minh: diencia... Prometto estudar direito, tı tudo o que quizeres, para te agrada cavallos estão apparelhados ao pé da pequena da quinta e vou partir imme mente.

JULIA

Parte; eu respondo por ella.

CARLOS, abraçando Julia

Obrigado; confió na tua amizade.

SCENA XIV

JULIA, CARLOS, MARIA, DESEMBARGADOR, SERAPIÃO, CRISPIM

DESEMBARGADOR

Ora pois, meu rapaz, nada de fraquezas; se ha alguma coisa séria...

CARLOS, respeitosamente

Oh!... Nem n'esta occasião me poupa?!

DESEMBARGADOR, gravemente

Se ha alguma coisa séria n'esta comedia da vida, é a obrigação que cada um dos actores tem de cumprir para com os seus collegas e o seu publico; representar melhor ou peior está na proporção dos talentos, que não são nem podem ser eguaes; mas fazer diligencia por não sair do caracter que lhe desenha o seu papel, acceitar este e desempenhal-o com lealdade, eis o dever dos que se acham na scena *do mundo. Teu* pae entendeu antes

de fallecer que eu o podia substituir; tom
o encargo e cumpri como soube os dever
de amigo. Criei-te em minha casa; mand
te a Coimbra e tive a satisfação de ver q
correspondias em tudo aos meus desejo
Estás formado, mas convém que antes de t
mares conta dos teus e dos meus negoci
vás praticar algum tempo em Lisboa, com
meu amigo Bruschy, que te ensinará co
se fazem os homens de bem e como a pr
bidade não pode ser excedida. Parte; d
annos dão larga experiencia ao homem q
sabe aproveitar o tempo e o que vê. Con
que voltarás digno de ti e de nós todos.

CARLOS, commovido

Meu caro tutor... meu pae, porque o te
sido em tudo... Andei cinco annos em Coi
bra e nunca me custou tanto o apartamen
como agora!... Então, cada vez que part
separava-me de meu pae e de minhas irmã
agora, separo-me tambem da minha noiva
Embora!... terei forças para obedecer-lh
apezar d'estas lagrimas que não posso co
ter. Não me julgue fraco por me ver ch

rar; comprirei em tudo as suas ordens e juro-lhe que não serei nunca indigno da sua amizade... nem da de minhas irmãs.

Pega nas mãos de Julia e de Maria, que estão tambem commovidas.

DESEMBARGADOR, muito sensibilisado

Vae, meu filho; a peripecia da tua volta ha de ser d'um grande effeito para nós todos. (Limpando os olhos, meio encolerisado.) Comedia! comedia tudo!

CARLOS, abraçando-o

Comedia sublime!

SERAPIÃO

Ora aqui está uma situação que me não parece comica!

CRISPIM

Eu acho-a triste... e grave.

SERAPIÃO

Póde dizer gravissima.

CRISPIM

O compadre *disse* gravissima?

SERAPIÃO

É a minha opinião.

CRISPIM

E a minha tambem, compadre.

CARLOS, abraça Julia e Maria e depois de um mome de hesitação beija a mão d'esta

Adeus, querida Julia; adeus, minha ad rada noiva. Que Deus faça passar estes dc annos com a rapidez com que o meu pe samento virá todas as manhãs ao pé de apenas eu despertar!

DESEMBARGADOR

Recommendo-te o Felix; bem sabes qu é mais um amigo do que um criado. O p bre homem não se despediu de ningue porque não podia fallar; chorava como u hipopotamo. É a primeira vez em trinta a nos que se separa de mim?... Coitado!

CARLOS

Eu escusava prival-o da sua companhi

DESEMBARGADOR

Leva-o; sei a quem o entrego... e a quem te entrego.

SCENA XV

JULIA, DESEMBARGADOR, MARIA, CRISPIM, CARLOS, SERAPIÃO, VALENTINA, FELIX, JERONYMA, JOSEPHA

FELIX, chorando estrepitosamente

Os ca... os ca... os cavallos estão... prom... promptos... Ha! ha! ha!

VALENTINA, limpando os olhos

Não chores, homem; não chores d'esse modo, que me vexas! A gente ha de consolar-se o melhor que podér.

DESEMBARGADOR, commovido

Se continuas assim, dá-te alguma coisa e não pódes ir. Olha que não te vão matar.

VALENTINA, chorando

É que custa-lhe tanto separar-se de mim, coitadinho! Ha! ha! ha!

FELIX, olhando pasmado para Valentina e parando de chorar

Quem te metteu isso na cabeça? (Chorando.) Eu choro pelo senhor e pelas meninas e... vá lá! e por ti tambem.

CARLOS, a todos

Adeus!

Parte rapidamente, e Felix segue-o a correr e a chorar muito.

SERAPIÃO

Boa viagem!

CRISPIM

E bôa fortuna!

JULIA, áparte

Adeus! adeus para sempre!

Soluça, querendo encobrir as lagrimas.

MARIA, áparte

Esta mão que elle julga sua, nunca lhe ha de pertencer!... mas tambem não será d'outro.

Deixa descair a cabeça sobre o peito.

DESEMBARGADOR, olhando compadecido para Maria

Pobre filha! Ainda não sabes bem o teu papel!...

JERONYMA, baixo a Josepha

Eu t'arrenégo, que gente! São tristes como
norte!

JOSEPHA

Se nos convidaram para os vêr chorar,
tão bem aviados comigo! Sou capaz de
ir por essa quinta abaixo, cantando com
la a força « o ladrão do negro melro ».

CRISPIM, batendo no hombro do desembargador, que está limpando furtivamente uma lagrima

Comedia?

O desembargador faz um movimento de colera.

SERAPIÃO, batendo-lhe no outro hombro

Tudo comedia! hein?

DESEMBARGADOR, voltando-lhe as costas

Vão para o diabo!

Cae o panno.

ACTO SEGUNDO

—

Escriptorio da redacção de um jornal politico, em Lisboa. Banca redonda ao centro com cadeiras á roda; canapé a um lado. Tinteiros, pennas e papel, sobre a mesa. Ao fundo, estante com livros e jornaes.

SCENA I

D. JOÃO, **lendo uma carta, que acabou de escrever**

«De hoje a tres dias estarei no Porto e irei immediatamente pedir-lhe, que me conceda a honra de solicitar de seu pae a mão de v. ex.ª A alegria corta-me as azas á eloquencia. O amor feliz não é palavroso; adeus.» (**Assigna, dobra e fecha a carta**) Já era tempo, com os demonios! Eu tomei a coisa muito ao sério, por me custar a comprehender como se me resiste tão valorosamente... Porque emfim, um marido da minha qualidade, *com um nome* que meus avós tor-

naram celebre, não se encontra tod
dias!... E ha dois annos que brigo con
(Escreve o sobscripto) Pois não sou dos m
sastrados! (Mettendo a carta na algibeira) O
mos, senhor; menos fatuidade! Julia
rapariga, um tanto pallida e com
de morrer thisica... porém, o casa
ha de fazer-lhe bem. Lutou comigo
modo, que castigou severamente a
vaidade! Cedeu, emfim! e diz-me q
aspiro devéras á sua mão, aproveite a
disposição em que se acha, e me
sente sem demora. Louca disposiçã
fórma podia ser mais benígna... Ma
doemos a vivacidade da phrase á r
encantadora, que se rende com todas a
ras da guerra depois de dois annos d
bate.

SCENA II

D. João e Felix

FELIX

O senhor Carlos pede a v. ex.ª o fa
não sair, sem lhe fallar.

D. JOÃO, tirando a carta da algibeira

Eu volto já. (Áparte) E os tratantes dos meus administradores, que tanto teem engordado á minha custa?! (Alto) Ó Felix, vossê faz-me um favor? Se vier aqui... nada; eu apenas me demorarei alguns minutos.

Sae.

SCENA III

FELIX, só

Anda atarefado com a liquidação da typographia. (Vendo alguns jornaes em cima da mesa) Ainda nos mandam jornaes? Milagre! O nosso morreu de vez; se esperassem pela sua resurreição, explicava-se a boa camaradagem!... e a troca. Mas sabem que não resuscita!... É talvez em attenção ao senhor D. João e ao senhor Carlos, que, diga-se a verdade, teem amigos até nos inimigos!... A nossa politica não era de dar para baixo! É por isso que estes ainda nos obsequeiam. O jornal que nasce é sempre festejado, porque todos esperam que elle terá alguma vez occasião de elogiar os que o cumprimentam; mas o que

morre?! Nem se quer se parece com os mau
homens aos quaes todos chamam boas pe
soas no dia em que os enterram! O jorn
que acaba não deixa saudades e roem-lhe n
pelle! (Senta-se) Vamos a ver isto. (Pega n'um jo
nal) *A Nação*... Apósto que se atira á *Revolu
ção de Setembro?* Vejamos: (Lendo) «A ma
trona da rua da Bica...» (Fallando) É sabido
(Larga este e pega em outro jornal) *Rei e Ordem*..
(Fallando) Sim senhor; é bom titulo para un
drama. (Pega em outro) O *Portuguez*... (Falland
É repetido; já não faz fortuna. (Pega em outr
O *Parlamento*... (Fallando) Mau nome par
jornal, por designar o logar onde muitos fa
lam e poucos acertam. (Pega em outro) O *Fu
turo*... (Largando-o) A Deus pertence. (Pega e
outro) A *Opinião*... (Fallando) De quem? (Pegan
em outro) A *Revolução* (Correndo os olhos pelo jorn
«*A Nação*... tal e tal... o *Parlamento*...»
pancadaria de crear bicho! Hei de lel-o
noite. Nós os litteratos todos temos as no
sas inclinações; se eu escrevesse, segu
este systema. Está provado que a politi
que fazia o senhor Carlos e o senhor D. Jo
não presta para nada. É preciso coisa que

veja; substituindo a penna pela tranca da porta, moralisava-se tudo facilmente! Os bellos artigos de meu amo eram lidos apenas pelas mulheres; os maridos riam-se d'elles. Tratantes! Como em Lisboa se entende e aprecia o estylo poetico e florido!

SCENA IV

FELIX e CARLOS

CARLOS

Então que é isso? (Felix levanta-se) Começas tu quando eu acabo?!

FELIX

Gósto de saber como isto caminha depois que o nosso jornal acabou.

CARLOS, sorrindo

Cuidavas talvez que o paiz ficava ás escuras, por se ter apagado a luz com que o alumiavamos?

FELIX

Não digo isso; mas parecia-me, que se devia ter sentido a falta de um jornal sério e prudente, que *tratava* assumptos tão inte-

ressantes e bonitos como os de que escrev
o senhor Carlos.

CARLOS

Esse foi o meu erro; em politica não pó
haver poesia e eu fui sempre mais poeta
que jornalista. Quando me relacionei c
D. João estava elle já aborrecido do jor
e queria largal-o; propuz-lhe que contini
semos ambos a sustental-o e que eu esc
veria os artigos de fundo. Metteu-se-me
cabeça regenerar as fórmas da discuss
estabelecer um novo methodo de se tratai
os negocios publicos, e levantar as cont
das politicas á altura e gravidade das qu
tões academicas. Parecia-me impossivel
o meu systema não fizesse uma revoluçã
que os assignantes de todos os outros
riodicos não os largassem, para toma
nosso, afim de receberem diariamente o
mento de sabedoria, que eu lhes manda
todas as manhãs pelos distribuidores! O
sultado das minhas esperanças foi mag
fico: ao acabarem o primeiro trimestre,
dos os assignantes declararam, como un
homem, que não continuavam a assignatu

FELIX

Patifes!

CARLOS

Até um, que recebia a folha gratuitamente, prohibiu ao distribuidor que tornasse a leval-lh'a, dizendo que não tinha tempo para lêr semsaborias e frioleiras!

FELIX, agarrando furioso n'uma bengala

O senhor Carlos ha de fazer favor de me dizer onde elle mora! Um ignorante d'esses carece d'um braço quebrado, para aprender a ter gosto.

CARLOS, sorrindo

Curei-me completamente da politica... que eu fazia-a tão sómente para me distrair dos fastidiosos negocios forenses. Felizmente, os dois annos que tinhamos a passar em Lisboa acabaram e partiremos no primeiro vapor do Porto.

FELIX, largando a bengala

É melhor.

CARLOS

D. João *foi mais feliz* do que eu porque

o governo, em recompensa dos seus serviços jornalisticos, mandou-o eleger deputado!

FELIX

Tambem o senhor Carlos poderia ter sido eleito, se quizesse.

CARLOS

Bem sei; para isso bastava-me asseverar no meu jornal, que tal ou tal idiota era um grande estadista; dizer nas salas ás mulheres feias, velhas e estupidas, que ellas acharam o segredo da eterna primavera e da belleza immorredoira, e que teem graça em tudo que dizem; ouvindo a leitura de um drama insulso, chato, vasio de interesse e de senso commum, affirmar nos meus folhetins que é uma obra prima, comparal-a ao *Frei Luiz de Sousa* e o seu auctor a Garrett; levantar até ás nuvens o poeta cujos versos me escorcharam os ouvidos e estafaram a paciencia; metter-me nos camarotes dos ministros, ainda que elles me mostrem má cara; comer-lhes os jantares para que me não convidam, e pagar-lh'os com torpes elogios; bater-lhes á porta a toda a hora, para lhes

nentir com descaro, dizendo-lhes que tal ou al medida, tomada por elles, agradou muito ; que nos circulos politicos se espera certo rojecto, que está em embrião, com muita nciedade e que o paiz vive satisfeitissimo com s. ex.as; sorrir aos lacaios, que me vedam porta de seu amo, por ordem d'este, e vol-ar no dia seguinte com outro sorriso mais loce, fazendo-me lacaio dos lacaios, que l'esta vez me deixam passar porque teem nais vergonha do que eu! Eis os segredos a fortuna, os meios que deve usar quem uizer caminhar depressa para as grandes osições; e eu nem por um reino me su-eitaria a similhante vida. Tenho a espinha orsal demasiado rija e receio quebral-a se dobrar muito. Felizmente, possuo com que iver e já conheço sufficientemente o fôro, e me fôr preciso advogar para ganhar a ida.

FELIX

Pois meu caro senhor Carlos, como o criei e pequenino e v. s.a me trata mais como migo do que como seu criado, permitta-me ue lhe dê dois conselhos. O primeiro é que

não falle assim diante de ninguem; acho-me velho e não sei se terei a força necessaria para o livrar de ser assassinado. O segundo é que vamos para a provincia quanto antes. Não veio a Lisboa para procurar empregos, mas experiencia; parece-me que leva o que precisava.

CARLOS

Sairemos em breve. Não vieram cartas?

FELIX

Ah! já me esquecia... (Dando uma carta a Carlos.) Hoje, veiu só esta.

CARLOS

Se tiveres de sair, previne-me, porque tenho que escrever e levarás a correspondencia de caminho.

FELIX

Sim senhor.

Sae.

SCENA V

CARLOS, só, olhando para a carta

É de Julia!... Sempre d'ella! E de Maria nem uma linha!... (Depois de ter lido.) Pede-me

ie vá sem falta no primeiro vapor e affirma,
ie todos teem muitas saudades minhas!
uerida amiga!... Antes tivesses sido tu a
colhida do meu coração! Tu és meiga, af-
ctuosa e tão solicita, que nunca te esque-
s de teu irmão adoptivo!... Tua irmã, pelo
ntrario, é fria, sêcca e sem paixão! Por
ie a preferi eu?! Não sei. Ella não era as-
m d'antes? Oh! não era, não! Posso quasi
rar que me teve amor!... Ignoro, porém,
que hei de attribuir similhante mudança?
oenas me escreveu duas cartas em dois
nos! Pergunto-lhe o motivo do seu silen-
) e não me responde! Julia tambem nada
e diz! Que haverá? Eu devia ter partido
go que meu tutor me ordenou que vol-
sse. (Põe a carta que acaba de lêr aberta em cima da
sa e tira da algibeira outra.) Vejamos o que elle
z. (Lê.) «Os dois annos passaram; volta
pressa para a nossa companhia. O meu
lho amigo, a quem te recommendei, faz
teu elogio com enthusiasmo paternal;
radeço-te o gosto que me tens dado com
teu procedimento. És prudente, nunca me
diste dinheiro, não contraiste dividas e

conservaste a dignidade e independen
caracter que convem ao homem hones
tamos todos contentes comtigo. Des
vei que te dedicasses a escrever pc
mas como pelo teu jornal vi que er
tica de agua morna, fiquei socegado.
pois; estou doente e não desejo morr
te vêr casado.» (Fallando.) Meu querido
Este, sim, que me quer devéras!

Dobra a carta, guarda-a e vai-se sem dar pela que fica sobre a mesa

SCENA VI

D. João, depois Felix

D. JOÃO

Resolvo-me a ir por terra; o vap
mora-se ainda uns dias e eu não que
perar; sairei ámanhã na mala-posta.
não terá duvida em me fazer a liqui
mora aqui mesmo e pouco se incon
em mostrar a typographia. (Vendo a
cima da mesa, pega n'ella.) Deixei aqui a ca
(Lendo.) «Meu querido Carlos...» (Falland
não é a minha... (Pondo-a sobre a mesa com

para baixo.) Aquelle Carlos é um estouvado! Deixar a carta d'uma mulher sobre a banca do escriptorio! (Reflectindo.) Admira! Nunca o vi cair n'estes descuidos!... (Reparando no sobscripto.) Esta lettra!... Diabo! havia de jurar que se parece... E vem do Porto?! Nada; não póde ser. (Volta a carta e lê a assignatura.) Julia! Conhece-a?! Dar-se-ha caso que seja elle o sujeito por quem se chorava? Sempre sou muito esperto!...

Pega na carta para a ler, entra Felix e tira-lh'a da mão.

FELIX

V. ex.ª não leu o sobscripto?

D. JOÃO

Dá-me essa carta.

FELIX

Perdão; eu pergunto-lhe se não reparou no sobscripto?

D. JOÃO

Que te importa?

FELIX

Se não o leu, diz assim:

Dispõe-se para ler o sobscripto.

D. JOÃO, querendo tirar-lhe a carta da mão

Entrega-me a carta!

FELIX

Como v. ex.ª não a leu por fóra, digo-l
que ella veiu sobscriptada ao senhor Carl
e que isto me parece razão sufficiente pa
que v. ex.ª a não possa nem deva ler p
dentro.

D. JOÃO

Ó tratante, tu fazes-me um discurso!?

FELIX

É porque v. ex.ª me fez a honra de i
interpellar.

D. JOÃO

E far-te-hei tambem a honra de te muc
a pelle para não teres a audacia de me qu
rer ensinar o estylo parlamentar! (Muda
de tom.) Felix, meu amigo, dize-me se teu a
é parente do desembargador Castro e d
xa-me ler apenas quatro linhas d'esse pap

FELIX, com dignidade

Repare o senhor D. João que eu sou

criado e que não posso atrever-me a tomar parte no gracejo que v. ex.ª me propõe.

D. JOÃO, caindo em si

Tens razão; agradeço-te a lição que acabas de dar-me e espero não me esquecer d'ella.

FELIX

Não tenho presumpção no que faço; mas conto que v. ex.ª me fará o favor de se lembrar que lhe não faltei ao respeito.

D. JOÃO

Muito obrigado; dize ao senhor Carlos, que quando elle quizer fallar-me, estou ás suas ordens.

Saem cada um por seu lado.

SCENA VII

CRISPIM, depois FELIX

CRISPIM

Dá licença?... O senhor Carlos está em casa?... Dar-se-ha caso que saissem todos? A mim parece-me que devia estar aqui alguem! Se o *patife do meu* compadre Sera-

pião estivesse presente, dizia logo que tal bem era da minha opinião. Malvado! be me dizia minha mulher! Ella é que o c nhecia bem! mas quando se está de b fé!...

FELIX, atravessando para o quarto de D. João

Até que emfim, partimos! Pobre Vale tina, coitada! Que saudades que tem mim!... E eu achava-me tão bem aqui se ella! Que effeito lhe fará saber que n metti na politica? Era eu quem compra o papel para se escreverem os artigos fu minantes!... e até cheguei um dia a faz a revista dos jornaes. Oh! Gloria! qu pouco custas a ganhar!...

CRISPIM, que o tem estado a mirar

Oh! meu querido senhor Felix?! Muito m alegro de o vêr.

FELIX, com espanto e mau humor

Oh! lá?!... O procurador!... Quer algum coisa?

CRISPIM, despeitado

Creio que lhe não custava muito pergu

[illegible]r pela minha saude? Um amigo velho!... [illegible]e se não vê ha tanto tempo! Então, que [illegible]e parece a?...

FELIX, *interrompendo-o*

Diga o que pertende.

CRISPIM, *áparte*

Este diabo embirrou sempre comigo, não sei porquê! (*Alto.*) Pois não me pede noti-cias da senhora Valentina? Ella ficou assim, assim... Diz que os seus achaques...

FELIX, *seccamente*

Senhor Crispim, isto aqui não é provin-cia, onde os parasitas podem ser importu-nos á sua vontade porque não ha meio de se lhes escapar; fique advertido!

CRISPIM

Quero fallar ao senhor D. João da Silva; esta casa é d'elle e não sua.

FELIX, *apontando para os quartos de D. João*

É d'esse lado; eu estou em casa de meu amo, que paga *metade* da renda.

CRISPIM

Desejo vêr o senhor Carlos.

FELIX

Saiu.

CRISPIM

Venho... venho assignar o jorn

FELIX

Acabou ha oito dias. (Tentando emp fóra.) Vou fechar o escriptorio; m tardes!

CRISPIM, sentando-se resolutament

Não sairei d'aqui sem fallar ao se Apre! Vossê não é senão um criad vir, apezar da confiança que lhe d

FELIX

Meu querido senhor Crispim, de que vou ter a satisfação de c rua por aquella janella!

Dispõe-se a fazer o que diz e Crispim levanta-se a

CRISPIM

Não se atreva a pôr mãos sacrile homem de lei! Eu sou quasi ad

A paciencia humana tem limites e vou querelar da sua falta de educação e da sua brutalidade...

SCENA VIII

CRISPIM, FELIX, CARLOS

CARLOS

Que é isso?... O senhor Crispim em Lisboa!

CRISPIM, áparte

Graças a Deus! Cuidei que me deixava assassinar por este bruto?!

FELIX, a Carlos

Em Lisboa, e, o que é peior, em nossa casa!

CARLOS

Felix!... (Senta-se indicando uma cadeira a Crispim, que se senta tambem; Felix entra para o quarto de D. João) Peço-lhe a fineza de me dar noticias da minha familia.

CRISPIM

Ficaram todos bons. Ora imagine v. s.ª que o tratante *do meu com*padre Serapião...

SCENA IX

Crispim, Carlos, D. João

D. JOÃO, dirigindo-se a Carlos, a quem aperta a mão

Tambem conheces o senhor Crispim?!

CRISPIM, correndo para elle e pertendendo abraçal-o

Oh! meu rico fidalgo!

D. JOÃO, repellindo-o brandamente

Rogo-lhe encarecidamente que não se enthusiasme.

CARLOS

Somos conhecidos velhos.

CRISPIM

Amigos, se faz favor. (A D. João) Venho a Lisboa porque o tratante do meu compadre Serapião tem-se enchido á custa de v. ex.ª e como eu estranhasse o procedimento pouco limpo, que elle estava tendo, pôz-se mal comigo, descompôz-me e não tornou a prestar contas pela parte que lhe competia. Ora, eu sou um homem de bem, e gósto de andar com a minha cara descoberta, portanto

resolvi-me propôr a v. ex.ª um negociosinho...

D. JOÃO

Proponha, honrado senhor Crispim.

CRISPIM

Por um dos artigos do nosso arrendamento, pode um dos dois rendeiros tomar para si todas as propriedades, provando-se que o outro não cumpre com as suas obrigações ou que tem prejudicado o proprietario. Eu possuo provas contra Serapião...

D. JOÃO

E Serapião tem eguaes provas contra o senhor Crispim.

CRISPIM, furioso

Elle não é capaz de sustentar essa infamia!

D. JOÃO

O seu compadre já hoje me fez uma proposta similhante á sua.

CRISPIM, atterrado

O scelerado veiu a Lisboa?! E atreveu-se?!...

D. JOÃO

E o meu amigo não se atreve? Tenho al os jornaes do Porto, em que os senhores es creveram cada um o seu communicado cha mando-se mutuamente...

CRISPIM, interrompendo

Pouco limpo de mãos me chamou elle mas é uma calumnia. Juro, por alma de me pae, que é uma calumnia!

D. JOÃO

Assim jura o seu compadre. Os senhore copiam-se um ao outro nas acções e nas pa lavras. Eu parto ámanhã para o Porto e n domingo os espero em minha casa; entã verei como teem administrado os meus ne gocios e as minhas fazendas.

CRISPIM

Lá estarei, com o favor de Deus, se acha logar na mala-posta.

D. JOÃO

Se me apparecerem dividas ou duvidas, s os senhores hesitarem na rescisão do noss

contrato de arrendamento, hei de provar-lhes nos tribunaes, que são...

CRISPIM, supplicante

Lembre-se que tenho seis filhos! Eu não digo que elles não comessem alguma fructa da que se devia vender por conta de v. ex.ª; mas são crianças!

D. JOÃO

Tal e qual como disse o seu compadre!

CRISPIM

O velhaco abusa da minha simplicidade e bonhomia! Nunca julguei que por causa d'elle v. ex.ª chegasse a duvidar da minha probidade...

D. JOÃO

No Porto fallaremos. Ou os recibos de todos os meus credores e a posse immediata dos meus bens ou tratarei de demonstrar que os seus filhos comiam muita fructa!

CRISPIM, cumprimentando-o

Ás ordens de v. ex.ª (Áparte.) Que vexame! Diante do *outro!* (A Carlos.) Adeus, se-

nhor Carlos; como suspeito que tamb
breve, até lá... Que eu talvez ainda c
logo para conversarmos um pouco.

SCENA X

D. João e Carlos

CARLOS, *vendo-o sair*

O pobre diabo vae atterrado. Eu n
bia que elle é teu rendeiro.

D. JOÃO

E administrador, que ainda é peio

CARLOS

Parece-me que te metteste em boas
Nunca pensei que fossem dois tratant
mo agora se me affiguram!

D. JOÃO

Desde muito que os conheces?

CARLOS

Um d'elles foi procurador de meu
o outro associou-se-lhe depois e amb

muitas vezes a nossa casa. Na provincia somos pouco ceremoniosos; acceitamos toda a gente capaz de conversar, jogar e comer; e nem sempre temos o cuidado de nos informar dos seus costumes particulares.

D. JOÃO

Julguei que a tua familia residia na cidade?

CARLOS

Habitamos n'uma quinta dos arredores.

D. JOÃO

Proximo talvez da minha? A maldita politica nunca nos permittiu que fallasse-mos de nós e dos nossos. Quem sabe se ambos lucrariamos mais com isso?!

CARLOS

Não o creio. Se não tenho sido expansivo comtigo não é por falta de amizade; estou costumado a fallar só comigo d'aquelles que mais amo.

D. JOÃO

Deus *me livre de te* parecer indiscreto!

Parto ámanhã para o Porto e desej
ver-te a fineza de fazeres liquidar os
negocios typographicos.

CARLOS

Por estes quatro ou cinco dias p
tambem e peço-te por isso que me o
pes...

D. JOÃO

Ignorava a tua resolução... Verei
nho ainda tempo para pedir este favor
tra pessoa. Porque não vens comigo na
posta?

CARLOS

Prefiro ir por mar.

D. JOÃO

Custa-me que nos separemos, indo
para a mesma terra.

CARLOS

No Porto nos veremos; e se algum
fôres á tua quinta de Valongo, a resi
da milha familia é proxima.

D. JOÃO

tomes por simples curiosidade a unica ıta que ouso dirigir-te: és filho do se- esembargador Castro?

CARLOS

si; e folgo de saber que o conheces.

D. JOÃO

:ei-o ha dois annos; pouco depois da da para Lisboa.

CARLOS, áparte

que revelação! Eis explicada a falta :espondencia!

D. JOÃO

ıou um homem leal; não devo occul- que vou pedir o consentimento do ıargador para casar com uma de suas

CARLOS

. d'ellas?

D. JOÃO

ter direito de m'o perguntar, não ›llas *tuas irmãs*?

CARLOS

Porque não?

D. JOÃO

Em que fundas a tua auctoridade?

CARLOS

Criei-me n'essa casa... e vou tambem casar n'ella.

D. JOÃO

O nome da tua noiva?

CARLOS

E o da tua? Dize-m'o, pela tua vida, pela tua honra! Não me prevaleço da qualidade de filho adoptivo d'essa familia, não invoco nenhuma auctoridade, supplico-te que me falles verdade como cavalheiro que és, em nome da tua propria lealdade.

D. JOÃO

O desgraçado está ainda peior do que eu! (pegando-lhe na mão.) É singular! Como as mulheres embebedam a gente! Não sei a qual de nós causarei mais damno com a minha declaração; mas já não posso recuar. Eu aspirava á mão de Julia.

CARLOS

Palavra de honra? Perdôa a minha exal-
;ão; mas, se me enganasses, não te des-
:ava, assassinava-te.

D. JOÃO

Palavra de honra!

CARLOS, abraçando-o

Obrigado, amigo; o amor faz os homens
›quenos ou grandes, segundo as circum-
ancias e eu sei que sou ridiculo n'este
omento; mas quem o não tem sido alguma
ɜz por causas similhantes? A irmã de Ju-
a não me escreve e por isso eu a suspei-
ıva affeiçoada a outro.

D. JOÃO

E Julia escreve-te?

CARLOS

Julia é um anjo, que pretende com as
ıas cartas justificar aquella que sem vio-
encia me prometteu ser minha esposa. Con-
a-me como as *conheceste*?

D. JOÃO

Eu saía da minha quinta, um dia pela manhã, quando avistei Julia de Castro. Voltei para trás, montei a cavallo e puz-me a passear para baixo e para cima quasi todo o dia. O cavallo, que era de aluguel, aborreceu-se do passeio e pegou-se defronte do portão da tua quinta; cheguei-lhe as esporas e o patife empinou-se com ares de quem não gostára da graça. Appareceu gente nas tuas janellas ao tempo em que eu voava de costas contra a parede! Dei um trambulhão magnifico, perdi os sentidos e quando tornei a mim achei-me na sala do desembargador, rodeado por toda a familia, que chorava. No principio suppuz que fosse por mim... mas d'ahi a pouco percebi que era por um filho da casa, que tinha partido n'esse dia para uma viagem. Era, pois, por ti!...

CARLOS

Foi então no dia da minha saida?

D. JOÃO

Não tive tempo de me informar. No pri-

meiro momento em que me vi só com Julia, declarei-lhe que tinha quebrado as costellas por amor d'ella ; pedi-lhe licença para lhe escrever e á noite parti para o Porto. Tinha a passagem tomada no vapor e saí no dia seguinte para Lisboa, não a tornando a ver até hoje. Ella não me deu a auctorisação pedida... mas eu escrevi-lhe sem cessar e por fim... No meu quarto te contarei o resto, emquanto ponho os meus papeis em ordem, porque não tenho tempo a perder. Anda comigo.

Saem.

SCENA XI

SERAPIÃO, só

Ha de ser aqui. A cidade sempre é muito grande! Vim de manhã fallar com o senhor D. João e agora suei para acertar com a rua. Dá licença?... não está cá ninguem! Ora espera; isto, pelos modos, era alguma imprensa? Tantos papeis! Quando cá vim hoje não fiz reparo... Dá licença?... nada! Se bem me lembro o Carlos do desembar-

gador tambem se tinha mettido a escr
politica; mas a minha Jeronyma dizia,
elle que era um piegas, e que para es
ver politica se requerem homens de fa
calhau para fazerem os adversarios to
com a falla ao buxo.

SCENA XII

SERAPIÃO e FELIX

FELIX

Tambem este diabo cá veiu?!

SERAPIÃO

Olha, olha, quem elle é!... (Indo para o abra
Venha de lá esse abraço, meu querido
lix.

FELIX, dando-lhe uma palmada no ventre

Eh! lá! Que estupida mania que e
teem ambos de querer abraçar a gen
Que manda?

SERAPIÃO

Faça-me festa, Felix; lembre-se que

me vê ha muito tempo, e mostre que tem aprendido cortezia na côrte.

FELIX

Vá para o diabo que o ature! Eu não tenho tempo.

Sae.

SCENA XIII

SERAPIÃO depois CRISPIM

SERAPIÃO

Que tal está o selvagem? Bem dizia a minha Jeronyma, que os amos o tinham deitado a perder com a confiança que lhe davam! — Se o velhaco do meu compadre Crispim estivesse aqui, dizia logo, que tambem era da mesma opinião.

CRISPIM

Se já cá viria o patife do Serapião?... Que tratante! (*Chega proximo de Serapião, este volta-se e reconhecem-se.*) Oh! meu estimadissimo compadre!

Vae para o abraçar.

SERAPIÃO, de braços abertos

Oh! meu prezadissimo...

Quando chegam perto um do outro, recuam rapidamente, põem as mãos atrás das costas, voltando-se um para a esquerda e outro para a direita, e entram cada um por seu lado, sem olharem para trás; o panno cae.

ACTO TERCEIRO

---

binete de trabalho, em casa do desembargador Castro. Portas ao fundo e lateraes. Mobilia ele-ante. Fogão com espelho por cima. Relogio na arede. Um piano aberto.

SCENA I

SEMBARGADOR, recostado no sophá, lendo jornaes; **JULIA**, bordando; **MARIA**, encostada ao piano, com ım livro aberto diante de si.

JULIA, áparte

Diz-me o coração, que elle não póde tar-'! (Levanta-se com disfarce e vae ao espelho.) Não erava tornar a vêl-o; mas parece que nto mais se despresam a vida e a sau- mais ellas se apegam á gente! Estou pallida! Oxalá que isto fosse doença, icio de uma aneurisma... a morte. Casar n D. João?!... Oh! meu Deus!... Se eu desse?! Era *o mais simples*. (Alto, para Ma-

ria, que finge não vêr a agitação d'ella.) Como estes ponteiros andam vagarosamente, não achas, querida irmã?

Senta-se, retomando o bordado.

MARIA

Acho; é como na lenda allemã: — O rei Sigifredo volta da guerra para depôr aos pes de Clotilde a sua espada victoriosa; mas Engilberta, irmã de Clotilde, amava o bello principe e pediu á fada Odoaria que a matasse sem dôr. A fada, compadecida, arrebatou Clotilde para o alto do monte Cenis, convertendo-a em lyrio roxo; e fazendo apparecer Engilberta diante de Sigifredo, este a tomou pela sua desposada.

DESEMBARGADOR

Que tonterias estás ahi a prégar?!

JULIA, commovida

São d'aquelle desassisado livro. (Forcejando por sorrir.) Apaixonou-se pelas balladas allemãs e é capaz de chegar ainda a enthusiasmar-se por historias de cavallaria!

DESEMBARGADOR

ia de ter graça!... Um D. Quixote
ıs!

., larga o livro, e preludia cantando ao piano

io! adio! la mia felicitá! La mia fe-
.. » (Levanta-se e vae ver o bordado de Julia.)
o o teu bordado! Estás um pouco
ada!... Sentes-te mal?

JULIA

; isto é do calor. Estando tu formosa,
importa que eu pareça feia.

MARIA

ntão? como me achas? á tua von-
.

JULIA, arranjando-lhe a cabeça

muito; parece-me que este penteado
estar melhor... Tens os olhos humi-
tu choras, menina! que tens?

MARIA, abraçando-a e beijando-a

u nervosa.

Limpa as lagrimas.

DESEMBARGADOR, sorrindo

Tambem já tens a doença da moda? Má é isso!

JULIA, áparte, levantando-se

Tal é a impaciencia com que o espera!

MARIA, sorrindo

Já passou. (Áparte, observando Julia.) Covarde que eu sou! Adoro minha irmã, vejo que ella vae morrendo lentamente e não tenho animo de fazer um sacrificio mesquinho para salval-a! Nem ao menos sou capaz de esconder a minha commoção! Aquelle rei da Persia, que se descasou para salvar seu filho da morte, a que este se condemnára, por causa da paixão que lhe inspirou sua madrasta, era muito mais generoso do que eu! Pobre Julia! Ainda pertende vencer-se, mas luta em vão; a morte sóbe-lhe do coração á cabeça como a onda pelo navio que se vae submergindo. (Olhando para o relogio.) É cedo ainda; quando soar a hora do sacrificio, terei acaso forças para consumal-o?...

DESEMBARGADOR, atirando os jornaes para o lado

Vejo com satisfação que o numero dos tolos augmenta diariamente... e o dos sabios tambem! N'este paiz ha gente para tudo; vêem-se hoje coisas que provocam o rizo aos mais sorumbaticos! Nas outras nações succede muitas vezes não se encontrar um homem de estado para aguentar uma situação ou arrancar a sua patria de uma crise; em Portugal succede o contrario: é maior o numero dos salvadores do que o d'aquelles que precisam ser salvados! Que sucia de caricatos!

JULIA, que tem ido buscar a corôa de flôres de larangeira e de violetas, que deu a Maria no primeiro acto

Agora é que eu te vou arranjar o cabello melhor.

Quer pôr-lhe a corôa na cabeça.

MARIA

Queres enfeitar-me com flôres sêccas!

JULIA

Mas que *flôres*?!

MARIA, sorrindo

Porque maravilha se recommendam?

JULIA

Não as conheces? Ha dois annos que esta corôa foi feita por Carlos.

MARIA

Não me lembrava. (Áparte.) Guardou-a como um thesouro!

JULIA

Pensei na satisfação que poderias dar-lhe por occasião da sua volta, apparecendo-lhe com estas flôres, e por isso as tomei ao meu cuidado... E não lhe direi, que tu as desprezaste, ingrata! (Pondo-lh'a na cabeça.) Como te fica bem! Não acha, meu pae?

DESEMBARGADOR, erguendo-se

Crianças! Gastam o tempo com puerilidades e zangam-se por eu dizer que a vida é uma comedia!

JULIA

Oh! meu pae!... Tambem nós sômos *agora* jungidas á carroça do ridiculo!

DESEMBARGADOR

Deus as livre, minhas filhas, de representarem os ignobeis e infamissimos papeis de muitas mulheres das que adornam a fronte com flôres de larangeira!

MARIA, arrancando precipitadamente a corôa da cabeça

Que gente é essa, meu pae?

DESEMBARGADOR

É uma gente... que não tem direito de usar d'essas flôres.

JULIA

Porquê?

DESEMBARGADOR, áparte

Peior é essa! (Alto.) Porque deviam trazel-as sempre fanadas ou seccas.

MARIA, arremessando a coroa para cima do fogão

Mas ha de haver uma razão?...

DESEMBARGADOR, áparte

E esta? (Alto.) A razão é... porque é prohibido, pela legislação antiga.

JULIA

Nunca tal *ouvi!*

DESEMBARGADOR

Que havias tu de ouvir? Já foste a Coimbra, porventura? Estudaste direito romano?... É uma lei que caiu em desuso... e por isso se tem abusado! (*Áparte.*) Ápre! vi-me atrapalhado! (*Alto.*) Venham d'ahi; vamos dar uma volta pelo jardim. (*Dá o braço a Julia.*) Parece-me que a maldita gota está para me fazer a sua visita?!

JULIA

Não vens, Maria?

MARIA

Vou já.

SCENA II

MARIA, *só*

A gota, não, meu querido pae; mas outra dôr não menor o visitará ainda hoje, porque eu bem sei como adora suas filhas! Gastei dois annos a estudar se haveria algum meio de eu lhe poupar esse desgosto e não achei nenhum! Julia não acceitaria o meu sacrificio e Carlos não quereria desposar nenhuma de nós. Se ella aqui ficasse, teste-

do meu casamento, ella, que o ama
u mais do que eu, morreria infalli-
.e! Ha momentos em que me parece
não posso arrancar á tisica fatal a
ıdorada Julia! Oh! morrerei eu, mas
Serviste-me de mãe; não me reve-
ınca a paixão que te devora pelo ho-
ıe devia ser meu marido; nem a in-
m o ciume tiveram entrada em teu
ıeito; repelliste-os como sentimentos
s da tua lealdade; levaste o excesso
:adeza até acceitares o galanteio de
nem a quem não amas, e do qual
cartas, para não envenenares com
indicio da tua paixão a minha exis-
'utura! Pois bem! Esta irmã, que
deve e ama, pagar-te ha tudo. (Toca
ainha.) Não será só o sacrificio da mi-
ıtura; será tambem o da minha re-
l... Paciencia.

SCENA III

MARIA e VALENTINA

VALENTINA

:nina chamou?

MARIA

Minha boa Valentina, queres fazer-me um favor?

VALENTINA, rindo

Um favor? Se fosse coisa com que eu pudesse pregar alguma peça a meu marido?... O mariola não me escreveu nunca, pretextando que o senhor Carlos dava noticias d'elle nas suas cartas. Eu suspeito que se arranjou por lá... Perdão, menina; em eu começando a fallar!...

MARIA

Sabes quanto eu sou amiga de minha irmã?

VALENTINA

Ora! Quem o duvida? Sabe-o toda a gente.

MARIA

Do serviço que te vou pedir dependerá a sua felicidade; mas é necessario que ella o ignore sempre.

VALENTINA, assustada

Então que é, menina?

MARIA

revelas a alguem este segredo, ma-
).

VALENTINA, com terror

is!... pois não me conte nada. Pre-
io saber... Emfim, diga sempre? Es-
o assustada!...

MARIA

is fazer o que eu te mandar?

VALENTINA

), por tudo quanto ha sagrado!... (Re-
ando.) Não... a gente obriga-se ás vezes
is... que depois não pode cumprir...
me Deus! Afinal... diga tudo.., tudo,
Falle, sem receio! Acho-lhe um ar,
e mette medo.

MARIA

heces D. João da Silva?

VALENTINA

isinho, que veio agora de Lisboa? É
deu aquella quéda ha dois annos...

Dizem que trouxe uma tia, que tinha no Porto, e que passará o verão na quinta?...

MARIA

Vae n'um instante a sua casa e dize-lhe da minha parte...

VALENTINA

Eu? Credo!... Pois...

MARIA, sentando-se a escrever

É melhor escrever-lhe.

Escreve rapidamente.

VALENTINA, áparte

Escrever-lhe?! E o outro, que chega hoje! Ora esperem... D. João tambem escreve á menina Julia, e ella mandou-lhe ultimamente uma carta! É verdade que ninguem tal sabe senão eu! (Alto.) Ó menina? E se o senhor Carlos descobrir?... E o senhor doutor? E a menina Julia?... Ai! minha cabeça! Olhe, eu lavo as minhas mãos!... depois não se queixem de mim. O Felix é capaz de me dar alguma grande massada!...

MARIA, fechando a carta

O Felix nada saberá. É preciso que D. João
nha aqui... (olhando para o relogio) dentro em
eia hora; se não vier, haverá uma des-
aça n'esta casa.

VALENTINA

A menina quer fallar-lhe?!

MARIA

Sem testemunhas. Vae; e nem uma pa-
vra sobre isto!

VALENTINA, depois de curta reflexão, resolutamente

Senhora D. Maria, eu não posso contri-
iir para... perdôe, menina; mas... eu não
vo... sem seu pae saber?...

MARIA, supplicante, e empurrando-a

Depressa! por aqui, que vem gente d'esse
lo. Algum dia saberás o beneficio que fa-
s a todos. Espero-te no meu quarto.

Sae.

VALENTINA, saindo após ella com as mãos na cabeça

Eu vou, eu vou. Misericordia, Senhor!
ue será isto?

Vae-se.

SCENA IV

JULIA e D. JOÃO

D. JOÃO, entrando com Julia, por uma porta opposta áquellas por onde sairam Maria e Valentina

Que novo capricho é esse? Ordenou-m que viesse, corri a seus pés. Porque me pr hibe agora que solicite o consentimento seu pae?

JULIA, áparte

Oh! Carlos, querido Carlos! Emfim, preciso!... (Alto.) Já lhe disse que nem m pae nem minha irmã sabem que lhe escrev Maria não ignora que tenho recebido alg mas cartas suas, mas o pedido que v. q quer fazer será recebido com espanto. Ap nas nos conhecemos!... E devo prevenil uma vez mais de que, cedendo ás suas in tancias, casarei sem paixão, embora o estin pela noticia que tenho das suas qualidade

D. JOÃO, pegando-lhe na mão

Espero vencer a sua indifferença; não digo por fatuidade, é pela certeza que tenl

de que toda a alma bem nascida é grata ao affecto que inspira.

Beija-lhe a mão.

SCENA V

D. JOÃO, JULIA, DESEMBARGADOR

DESEMBARGADOR, *vendo D. João a beijar a mão de Julia*

O cavalleiro da triste figura, em minha casa!

Julia retira precepitadamente a mão.

D. JOÃO

O senhor desembargador chegou muito a proposito para me evitar a difficuldade do prologo; peço-lhe a honra de me acceitar por genro, concedendo-me por esposa a senhora D. Julia.

JULIA, *aterrada*

Que diz elle!

DESEMBARGADOR, *com admiração*

Eis um marido que nos cae do ceo... á porta da quinta! Se ha para mim alguma coisa séria n'esta comedia da vida, é a affeição que tenho ás minhas filhas; não violentarei jámais a *sua vontade* nem o seu cora-

ção; ellas estão em edade de saber o que lhes convém e dou-lhes a liberdade de escolherem marido do mesmo modo que escolhem as fazendas para se vestirem.

D. JOÃO

Se eu chegar a ter filhas, dou a minha palavra a v. ex.ª de que lhes farei egual discurso no dia em que ellas me forem pedidas. (A Julia, supplicante.) Que responde, minha senhora?

JULIA, áparte, dolorosamente

Fatalidade! (Dando a mão a D. João.) Acceito a honra que me faz.

D. JOÃO, com alegria, beijando-lhe a mão

Sou eu que recebo essa honra; e farei por mostrar-me sempre digno d'ella, (sorrindo, ao desembargador) sem ser á maneira de D. Quixote.

DESEMBARGADOR

Fiem-se lá nas mulheres e ralhem do meu systema! Julia era o modelo da sabedoria n'esta casa; séria, grave e cuidadosa *em tudo*, tem sido ella mais do que eu o

or e chefe da familia. Como passaria
abeça a alguem, que a senhora dona
tivesse o seu cavalheiro? É comedia
ndo ou que é?

JULIA, supplicante

1 pae!...

DESEMBARGADOR

› te quero mal por isso; fazes como
tras.

D. JOÃO

o destino tambem póde entrar como
no seu modo de ver, admitto que tudo
omedia. Bem sabe como eu lhe caí em
...

DESEMBARGADOR, sorrindo

u; é a phrase mais bem cabida á
do desenlace!... Mas eu não percebi a
porque v. ex.ª, tendo quebrado ou
ado duas costellas, insistiu em sair
mesmo dia para o Porto? A esse
› não era ainda cavalleiro andante
Dulcinea?

D. JOÃO

i para a conhecer que arranjei aquelle

famoso tombo. Parti precipitadamente, porque no dia seguinte tinha que receber no Porto um dinheiro, para dar n'essa mesma semana em Lisboa, e só da capital pude agradecer por escripto a vv. ex.[as] os affectuosos cuidados com que me trataram.

DESEMBARGADOR

É provavel que fosse mais eloquente com Julia do que comigo?... Assim devia ser; ella é que tinha sido sua enfermeira.

D. JOÃO

Apenas obtive uma carta em resposta a todas as minhas.

JULIA

Eu tinha-lhe pedido que não me escrevesse; porque me desobedeceu?

D. JOÃO

Porque na minha divisa lê-se este mote: «Cede á razão, segue o coração».

JULIA

É muito amavel!

D. JOÃO

el-o-ha nas nossas armas.

DESEMBARGADOR

em sempre o coração se acha d'accordo a razão.

D. JOÃO, com nobre orgulho

a minha familia, sempre. A razão insu a todos os meus avós feitos dignos de ıoria, e o coração quiz que elles amasfieis até á morte.

DESEMBARGADOR

ɜi que nos honra com a sua alliança; saiba tambem que eu fui amigo intimo eu pae; estudámos juntos em Coimbra ɨi de mostrar-lhe cartas em que elle me ;untava de Lisboa, ainda ha quatro anse alguma das minhas filhas não estaɜm edade de casar com v. ex.ª Veja o é esta comedia de que somos acto-...

D. JOÃO

oi pois a *Providencia* quem me trouxe

aqui para cumprir os votos de m
pae!

JULIA, áparte

É assombroso!... Que fosse
tino, Providencia ou fatalidade,
sou eu!

SCENA VI

D. João, Julia, Desembargad

MARIA, áparte

Já veiu!

D. JOÃO, cumprimentando Ma

Como soube que chegava hoj
Carlos, venho cumprir os dever
visinho para com vv. ex.as, e pa
os de amigo, porque viviamos
intimamente.

MARIA

Ah! tinham intimidade?

D. JOÃO

A communidade do trabalho
morar juntos durante alguns me
poucas horas antes de nos separa

so soube que elle tinha a ventura de pertencer a esta familia.

MARIA, áparte

Felizmente, nada sabe.

DESEMBARGADOR

O ingrato não fallava em nós?!

D. JOÃO

Não se admire. O jornalista tem mais em que cuidar; os affectos de familia deixam-se em casa quando se vae para o escriptorio da redacção, e o coração fecha-se na gaveta das pennas d'aço, antes de se começar o artigo de fundo.

DESEMBARGADOR

Comedia!

JULIA, áparte, sentando-se

Vou acreditando.

MARIA, baixo a D. João

Muito agradecida. (D. João olha para ella sem comprehender.) Contava com a sua bondade e delicadeza.

D. JOÃO, idem

V. ex.ª faz-me o favor de se explicar.

MARIA, idem

Logo.

DESEMBARGADOR, a D. João

Janta comnosco?...

D. JOÃO

Não sei se poderei...

DESEMBARGADOR

Não faça ceremonia; no campo vive-se com mais liberdade do que nas cidades e eu pertenço á escola antiga.

D. JOÃO, olhando para Julia

Eu desejo ficar, mas...

DESEMBARGADOR

Se não tem horror aos livros, como acontece a muita gente que escreve, venha até á livraria, que eu para lá vou com as pequenas depois de dar uma volta pelo jardim.

D. JOÃO, cumprimentando

licença para ir mandar a minha casa
seus criados; volto já.

MARIA, baixo a D. João

: aqui immediatamente.

) sae depois de a ter interrogado com a vista.

SCENA VII

MARIA e JULIA

MARIA

: horas deve chegar o nosso Carlos?

JULIA

Já tens curiosidade!...

MARIA, sorrindo

nulher!...

JULIA

vamos; alegra-te, que já não falta
) agente do vapor mandou dizer que
m até ás duas... (Olhando para o relogio
Este *maldito* anda tão devagar!

MARIA

Adianta-o.

JULIA

Estou capaz d'isso.

MARIA

Cortaste inteiramente os vôos ás
ções de D. João?

JULIA, áparte

Ainda não lhe disse!... (Alto, como q
responder.) Hum... porque m'o pergu

MARIA, approximando-se d'ella

Porque tenho sérios motivos par
elle requesta-me.

JULIA, com espanto

A ti?!

MARIA

De que te admiras? Não o quizes
ta-se para mim. Achas que não o n

JULIA, áparte, dolorosamente

Jesus me valha! (Alto.) Maria, minl
minha querida irmã, tens certeza
elle mostra predilecção por ti?

MARIA

Tenho.

JULIA

Por ti, querida?! Se... se pudesses dar-me uma prova?...

MARIA

Posso; D. João acaba de pedir-me uma entrevista.

JULIA, áparte

É um infame! (Alto.) Que lhe respondeste?

MARIA

Que o esperava aqui mesmo.

JULIA

E Carlos?! O teu noivo, que não tarda or ahi?!... Oh! Maria, minha querida mã!... Não é bonito isso.

MARIA

Deixa-me dizer-te francamente uma coisa. i fallas-me de Carlos todos os dias, e af-mas, com a maior e mais angelica boa fé, ie eu morro de amores por elle; ora a rdade é que me tenho consultado muito iceramente a esse respeito e não acho no

meu coração senão um bom affecto de
para lhe dar. Foi para verificar se isto
sim ou não, que exigi que elle fosse
Lisboa. Eramos muito crianças quand
meçámos a fallar em amor, sem saber
que diziamos. Depois de pedido o co
timento de nosso pae, principiei a rel
em tão grave assumpto e hoje entendo
faria a minha desgraça, casando com
irmão adoptivo.

JULIA, pegando-lhe na cabeça e encarando-a ass

Perdeste o juizo! Pois eu não sei
vejo, não sinto que o adoras? Se não
louca, estou eu para enlouquecer?!

MARIA, sorrindo

Nenhuma de nós está doida, nem
endoidecer, graças a Deus! estavamo
mente illudidas, e é por isso que eu
agora ensaiar se o meu coração ouve o
com prazer as palavras de D. João. Sae
eu depois te direi tudo.

JULIA, apertando as mãos com gesto de angus

Mas tu sabes que elle...

MARIA, empurrando-a, rapidamente

Já o sinto; depressa, depressa! (Julia sae consternada.) Não quero que saibas o preço porque vou pagar a tua felicidade.

SCENA VIII

MARIA e D. JOÃO

D. JOÃO, depois de a cumprimentar

Minha senhora, v. ex.ª terá a bondade de me dizer?...

MARIA

Recebeu a minha carta?

D. JOÃO

A sua carta? Cada vez comprehendo menos!

MARIA

Veiu casualmente a esta casa?

D. JOÃO

Não vim... Ignora talvez ainda que...

MARIA

Os momentos são preciosos; sei que tem alguma sympathia por minha irmã...

D. JOÃO

Sympathia? Adoro-a; e lisonge lh'o ter demonstrado.

MARIA

Não exaggere.

D. JOÃO

Falta-me unicamente a appro v. ex.ª para que a minha ventura s pleta.

MARIA

Como assim?

D. JOÃO

Obtive já o consentimento do sei embargador.

MARIA

Que importa? Meu pae não é hoi sacrifique suas filhas.

D. JOÃO

Recebi uma prova d'isso no mod elle procedeu com a senhora D. Ju

MARIA, com impaciencia

Não entendo; queira explicar-se.

D. JOÃO

Sua irmã digna-se acceitar-me para marido.

MARIA, caindo n'uma cadeira

Oh! coração de anjo!... (Erguendo-se, após um momento de reflexão.) O senhor D. João da Silva é um nobre e leal caracter; responda-me pois: entende que se deve sacrificar a vida por uma pessoa que se não ama?

D. JOÃO

Parece-me que... Mas a que vem isso para o meu caso?

MARIA

Diga-me se é sua opinião, que se obrigue uma pobre rapariga a casar sem amor para fugir d'aquelle a quem ama?

D. JOÃO

Julia?!...

MARIA

Não se trata de nomes; eu faço uma pergunta a um homem honrado e leal.

D. JOÃO

A resposta é simples: a mulher que pre-

Mas quem a obriga? Seu pae, não,
o ouvi ha pouco manifestar a sua
ácerca do casamento da senhora D.

MARIA

Se eu aqui ficar, farei mais do qu
nha desgraça. Peço-lhe pois que me
o favor que lhe pedi.

D. JOÃO

Para satisfazel-a, collocar-me-hia
posição terrivel! Se consultassemos
mã?...

MARIA

Ella, mais do que qualquer outra
deve ignorar a minha resolução. Tem
em que tambem se lhe mostre agra

D. JOÃO

E seu pae?

MARIA

Meu pae, se chegar a saber o sent
que me guia, ha de abençoar-me.

D. JOÃO

E que dirá e pensará de mim?..
faz um gesto de supplica.) Seja como v. e

dena; julgo-a incapaz de praticar acções menos dignas de si, dos seus e de mim. Estou ás suas ordens.

MARIA

Deus lhe pagará. Mande vir immediatamente a sua carruagem. (Indicando uma porta á esquerda.) Esta porta dá para uma escada particular, que vae ter á estrada. Saia e volte por aqui. Se quando chegar perceber que está alguem comigo, não entre; espere-me ahi dentro.

D. JOÃO

Peço-lhe só dez minutos; no fim d'elles aqui estarei.

Cumprimenta-a e sae.

SCENA IX

MARIA, só

Agora, um beijo á minha Julia... será a consagração da sua futura felicidade; outro em meu pae, se estiver dormindo, e adeus, por muitos annos, tudo quanto amo na terra!

Sae.

SCENA X

VALENTINA, só

Ai! (Sentando-se n'uma cadeira.) Já não corri tudo em procura do senhor e agora ouço dizer que elle está cá caso, escuso de entregar-lhe a car menina lhe deve ter fallado. Quem suppor tal?!... Escrever a outro, para casar!... No dia em que chega é de fazer arripios! E não estar cá para me aconselhar!... O tratante, que andei mettida n'isto, ainda em arruma alguma sova! Ai, meus pec

SCENA XI

JULIA e VALENTINA

JULIA

Onde está minha irmã?

VALENTINA

Eu não sei; a menina não a viu

JULIA

Não.

VALENTINA

Vou vêr se estará no jardim.

JULIA

Venho de lá.

VALENTINA

Iria para a livraria. Quer que lhe diga que venha aqui?

JULIA

Pois sim.

VALENTINA, áparte

Parece-me que esta tambem anda ferida na aza. Ai, senhor! E o Felix sem apparecer, sem acabar de chegar!

Sae.

SCENA XII

JULIA, CRISPIM, SERAPIÃO

CRISPIM

Entro sem me annunciar por causa do... (Vendo Julia.) Perdão, minha senhora.

Cumprimenta-a.

SERAPIÃO

Desculpe, senhor desembargador, se... (Vendo Crispim olhar para elle, hesita em cumprimental-o e só saúda Julia.) Minha senhora... (Áparte.) O scelerado anda sempre adiante de mim!

CRISPIM, áparte

Não me *perde de vista*, o patife!

JULIA, áparte

Importunos! (Alto.) Senhor Crispim e senhor Serapião, meu pae ha de estimar m o favor das suas visitas, porém, n'esta. são, não sei se poderá fallar-lhes...

CRISPIM

Se v. ex.ª me permitte?... O senhor embargador escreveu-me, ácerca de nego e disse-me que podia vir hoje.

SERAPIÃO, do outro lado

Se v. ex.ª me dá licença?... Venho e gar umas escripturas e fazer os meus primentos ao viajante.

CRISPIM

A minha Josepha aproveitou a occasi vir trazer umas cebolas de lyrio, que promettido no anno passado, e está e cando ao jardineiro a maneira de as pla

SERAPIÃO

A Jeronyma conseguiu alcançar alg *batatas* d'aquellas dhalias muito bo

m que se fallou aqui ha mezes, e vem ahi om ellas.

JULIA, áparte

Misericordia! que gente tão seccante!

Faz-lhes um cumprimento com a cabeça, e senta-se.

SERAPIÃO, cumprimentando-a

Até já. Vou dizer a minha mulher que v. x.ª está no gabinete.

CRISPIM, cumprimentando-a tambem

Volto no mesmo instante com a Josepha.

ae para sair ao tempo em que saía Serapião, e ambos querem ceder o passo com uma cortezia cheia de gravidade; quando porém um se resolve, resolve-se tambem o outro, param de novo cumprimentando-se e depois de nova hesitação e nova reverencia, saem cada um por sua porta.

SCENA XIII

JULIA e MARIA

JULIA

Ridiculos originaes!... Meu pae tem razão; o mundo é uma comedia!

aria entra de chapeu e véo caido no rosto, sem ver Julia.

MARIA, fallando para a porta do quarto d'onde saiu

Adeus! adeus!

JULIA, áparte

Adeus?! Onde vae ella?!

Entra para uma das portas do lado opposto e d'alli observa Maria

MARIA, ajoelhando

Meu pae, meu querido pae, perdôa-m te fujo! Que elles sejam felizes!... e qu te dignes abençoar-me quando soar a mi ultima hora! Nenhuma falta ou erro obriga a desamparar o tecto amigo da nha infancia. Perco tudo e exponho-m calumnia; mas Deus, que vê no fundo minha alma, terá compaixão de mim e que eu deixo aqui. Minha querida Julia, tive animo para te ir dar o beijo de de dida; podiam sobrevir lagrimas, que atraiçoassem, e é preciso que eu tenha f para cumprir o sacrificio que me im Adeus. Levanta-

SCENA XIV

MARIA, D. JOÃO, depois JULIA

D. JOÃO, abrindo cautelosamente a porta

Tudo está prompto.

MARIA

Partamos.

D. JOÃO

ıa prima está na carruagem; e, para segurança, não levamos cocheiro; eu i os cavallos.

MARIA, dando-lhe a mão

ı delicadeza accrescenta o valor do ı. Vamos. Vão para sair.

JULIA, correndo após elles

ta? Minha irmã? Não te fies n'esse ho-

MARIA

ı?!...

D. JOÃO, a Julia

me accuse sem me ouvir.

JULIA

ınhor é um indigno! E se eu não fosse r!...

m choro; Carlos apparece ao fundo, sem ser visto, e fica vendo e ouvindo

SCENA XV

ARIA, D. JOÃO, JULIA, CARLOS

D. JOÃO, a Maria

ə, minha senhora; bem vê que é ne- o.

MARIA, baixo a D. João

Silencio! Peço-lhe o favor de me esperar lá em baixo.

D. João, depois de breve hesitação, sae por onde tinha entrado.

JULIA

Infame!

Carlos vem descendo á scena lentamente.

MARIA

Não o injuries; estás sendo injusta e um dia te arrependerás!

JULIA, com colera

Tu defendel-o! Sabes quem é o miseravel?

MARIA

Sei; é meu amante.

Sae precipitadamente.

JULIA, querendo correr após Maria, vê Carlos e exclama com profunda dôr e convicção

É falso! É falso!

Carlos, tenta fallar, cambalêa e cae; o panno desce.

ACTO QUARTO

Sala em casa de D. João. Portas ao fundo e lateraes. Mobilia antiga. Retratos de guerreiros e desembargadores pelas paredes.

SCENA I

D. João e Maria

D. JOÃO, vem entrando pelo fundo, adiante de Maria, como para fazer-lhe as honras da casa

Desculpe, minha senhora, se a recebo tão mal n'esta casa; nunca tive tenção de vir viver n'ella e meu pae creio que só na sua mocidade a habitou. Isto explica a vetustez dos móveis e a poeira que cobre tudo. A indisposição da minha parenta é passageira, e dentro em poucos minutos estaremos no Porto.

MARIA

Deus queira que ella melhore! se por infelicidade o seu incommodo se prolongar, partirei sósinha na sua carruagem.

D. JOÃO

N'esse caso terei eu a honra de a acompanhar como seu moço de estribeira.

MARIA

Sei que estou sob a guarda de um cavalheiro. Infelizmente, tenho de o sujeitar ainda a uma provação dolorosa... pedindo-lhe que não volte a casa de meu pae.

D. JOÃO

N'esse ponto julgo impossivel satisfazel-a. Cedi facilmente ao pedido de acompanhal-a, por se me afigurar que posso justificar-me e por ter cega confiança nas suas virtudes; mas não quero passar por um raptor... (sorrindo) porque realmente supponho que não a raptei?...

MARIA

Devo parecer-lhe absurda com o meu procedimento inexplicavel; tempo virá em que tudo ha de esclarecer-se e todos lhe agradecerão comigo.

D. JOÃO

Mas tendo eu sollicitado a honra de ca-

sar com sua irmã, que papel representarei prestando-me a fingir de roubador de v. ex.ª?

MARIA

Julia não póde ser sua mulher.

D. JOÃO

Ella prometteu-me que o seria.

MARIA

Sacrificava-se.

D. JOÃO

Porquê ou por quem? Voltamos ao primeiro ponto! Quem a obrigava?

MARIA

Eu.

D. JOÃO, com incredulidade

Tem graça!

MARIA

Custa-lhe a crer? Será necessario revelar-lhe o segredo da minha alma, para convencel-o? Resigno-me; não se mostre porém implacavel com as minhas... fraquezas; tem muito que perdoar-me. Saiba que faltei á verdade, affirmando que fugia de casa de meu pae por me quererem obrigar a des-

posar um homem que eu aborrecia; o sentimento que tenho por Carlos nasceu com a minha razão, cresceu comigo e ha de talvez acompanhar-me até á morte; porém o nosso casamento não póde fazer-se.

D. JOÃO, *estupefacto*

É incrivel! Adoram-se mutuamente, seu pae quer vêl-os unidos e não podem?... Declaro que não entendo!

MARIA

Existe outra mulher, que tem tanto direito de o amar como eu; que mais do que eu o merece e que se sacrificava por mim.

D. JOÃO, *comprehendendo*

Ah!·É sua irmã?!...

MARIA

Comprehende finalmente?! Aquelle anjo escondia no silencio do seu coração a dôr de me ver preferida pelo nosso companheiro de infancia; em vez de tentar captival-o e substituir-me, fallava-lhe de mim com enthusiasmo; inventava qualidades que eu não

o, belleza que nunca tive, e virtudes que
terei jámais para me tornar mais que-
. A mim, fallava-me d'elle com o inte-
e das almas ternas e apaixonadas; oc-
ava-me a febre que a consumia, as in-
nias que lhe faziam um inferno das noi-
e esforçou-se sempre para que nem uma
vra ou um gesto trahissem o segredo
que lhe minava a existencia! Mas quem
e esconder aos olhos da mulher que ama,
go que lavra no peito de outra acceso
mesmo sopro?! Adivinhei-a e admirei-a,
lo o animo com que ella bebia o amargo
:, o fervor e devoção com que invocava
orte, para se punir de um sentimento
a dominava, independente da sua von-
! A morte, que parece tel-a ouvido, ca-
iou ao seu encontro! Foi então que eu
propuz imital-a; e se a privo de me dar,
ura e silenciosamente, um exemplo de
gação, que merecia a immortalidade;
o-lhe o homem que pagará a minha di-
. Não tive ciumes do seu amor, tive in-
da sua heroicidade: e, querendo tor-
me maior do que ella, fugi e vou fazer

diligencia para não morrer, afim de conse
guir o meu intento.

D. JOÃO, amargamente

E a senhora D. Julia casava comigo, ten
do por outro essa terrivel paixão?!...

MARIA, supplicante

Perdoe-lhe!

D. JOÃO, com ironia

Julga que merece perdão o que ella ia fa
zer? Ao homem que desde o primeiro ins
tante em que a viu, lhe rendeu o coração
pagaria ella, trazendo-lhe, senão a deshon
material, a deshonra moral—porque levari
ao leito nupcial a imagem de outro!—
uma villeza!

MARIA, severamente

Senhor D. João!... Minha irmã recuso
sempre corresponder aos sentimentos d
v. ex.ª; ignoro porque meio lhe obteve
promessa de casamento, mas parece-me po
der jurar que ella não lhe disse nunca qu
o amava?

D. JOÃO, com desalento

A lealdade obriga-me a confessal-o... Acho agora a triste explicação da repugnancia com que eram acolhidas as minhas supplicas!

MARIA

Perdoa-lhe?

D. JOÃO

Não tenho que perdoar; nem posso sequer queixar-me! tão cego e precipitado andei, que a culpa recae toda sobre mim.

MARIA

O que diz é digno do homem a cuja guarda me entreguei; complete, pois, o favor que principiou a fazer-me; acompanhe-me á cidade, não revele jámais o segredo do meu asylo e esqueça-se de minha pobre irmã. Outra acolherá e recompensará dignamente a sua affeição.

D. JOÃO, depois de um momento de reflexão

V. ex.ª deseja que fique ignorada a acção que praticou?

MARIA, com vehemencia

Por alma de sua mãe lh'o imploro!

D. JOÃO

E diz que tinha amor ao homem de quem foge?!

MARIA

Para expôr d'este modo a minha reputação, bem vê que não confiava em outros meios de o separar de mim.

D. JOÃO, respeitosamente

Começo a comprehender quanto ha de sublime no seu procedimento; a sua generosa abnegação servir-me-ha de exemplo. Admiro-a, minha senhora; e desde hoje me consagro inteiramente ao seu serviço.

MARIA

Prometta-me não revelar jámais o segredo que lhe confiei, nem o logar onde vou occultar-me.

D. JOÃO

Juro-o pela minha honra.

MARIA

É provavel que nos sigam; e esta repentina indisposição de sua prima póde ser-me funesta, e aggravar um pouco mais a posi-

ão de v. ex.ª, porque... para affastar qualquer suspeita, que minha irmã podesse ter, acerca da verdadeira causa da minha fuga, disse-lhe, que... Perdôe, se me sóbe a côr ao rosto! — que fugia com... com o meu amante!...

D. JOÃO

Ah!

MARIA

Foi a maior falta que commetti!... sobretudo por não ser eu só a victima d'ella. Mas não me occorreu outra coisa, e não havia tempo a perder.

D. JOÃO, com magoa

Podem resultar d'ahi bem tristes consequencias! Infelizmente, o mal está feito e guardarei o seu segredo emquanto m'o ordenar.

SCENA II

D. João, Julia, um criado

CRIADO, entregando um bilhete de visita a D. João

Este senhor pede para fallar a v. ex.ª

D. JOÃO

Eis o começo do drama! É o seu noivo que chega.

MARIA

Deus me acuda!

D. JOÃO, indicando-lhe uma porta

Ahi são os quartos de minha prima. Entre e não se assuste; eu possuo alguma prudencia e sangue frio para as occasiões inesperadas.

MARIA

A sua promessa?...

D. JOÃO

É sagrada. (Maria entra; ao criado.) Manda entrar. (O criado sae.) Como diabo eu me envolvi n'esta... n'esta... não sei como lhe chame? Farça ou comedia, diria o desembargador, que é um dos personagens. E o mais é que me ha de custar a aguentar o primeiro choque?!

SCENA III

D. João e Carlos

CARLOS, cumprimenta D. João com uma cortezia rasgada e olha para os retratos, que estão nas paredes

Póde fallar-se diante d'estes homens il-

tres de outras éras com um fidalgo do
ulo dezenove?

D. JOÃO, áparte

) estylo theatral não promette nada bom!
o.) Meu querido Carlos, ignorava que ti-
ses chegado; já foste ver a tua familia?

CARLOS

Eu não tenho parentes. (Rindo sarcasticamente.)
minha familia era um projecto, que as ca-
ras não approvaram.

D. JOÃO

O senhor desembargador Castro préza-te
mo a filho.

CARLOS

Esse homem recolheu-me em sua casa e
ucou-me como entendeu, sem que eu lh'o
disse ou fosse consultado... E talvez te-
a que dar-me contas do modo porque
pprimiu o meu livre arbitrio. Isso é para
pois...

D. JOÃO, sentando-se

Senta-te e conversemos serenamente. As

tuas palavras e gestos denunciam uma desordem de idéias, que não é natural em ti.

CARLOS

As minhas ideias estão em boa ordem, como logo demonstrarei; os meus gestos... poderiam ser mais apropriados a ellas, se eu tivesse acceitado, como agora vejo que me conviria ter feito, as theorias de meu tutor; mas, se tudo é comedia na vida, eu não tenho os talentos sufficientes para representar com actores de primeira ordem.

D. JOÃO, levantando-se

Que queres dizer?

CARLOS, sorrindo

Quero dizer, que tomei por verdadeiros e reaes os protestos amorosos de uma actriz, que se creou commigo, e as palavras estudadas de um pelotiqueiro com quem vivi em Lisboa.

D. JOÃO

Carlos!...

CARLOS, ironicamente

Repare que é o senhor quem se exalta e

ão eu; é necessario que nos conservemos
a altura a que vv. ex.as elevaram a come-
lia. Se querem que eu acceite o meu pa-
pel, deixem-me rir das donzellas virtuosas,
que se fazem concubinas dos amigos de seu
noivo, e dos homens de bem, que seduzem
e roubam as desposadas dos seus amigos.
A nossa peça é isto; e sinto apenas que se
represente parte d'ella á vista d'essa gente
que, apezar de pintada e pendurada nas pa-
redes, póde córar mais facilmente do que o
seu indigno e degenerado neto.

D. JOÃO, contendo-se a custo

Cala-te, homem, cala-te! As apparencias
são contra mim e não posso justificar-me;
precisaria para isso violar um segredo, que
não me pertence; mas crê que sou incapaz
das infamias que me suppões, e que ainda
virás a fazer-me justiça e talvez a agrade-
cer-me o que fiz.

CARLOS

Pois não! Conte com isso; envolva as suas
más acções *com o véo* do mysterio; perfu-

me-as com as elegantes flores da rhetorica especial de que fazem uso os homens da sua qualidade... e prove que a seducção e o rapto são virtudes dignas de respeito.

D. JOÃO

Juro, que não houve ainda, e espero em Deus que não haverá em todo este negocio, coisa alguma de que eu possa envergonhar-me!

CARLOS

A mulher depravada, que o acompanhou, tambem diz isso?

D. JOÃO, gravemente

Senhor Carlos, creio que ainda poderei ouvir-lhe com paciencia mais insultos, que só a mim se refiram; mas supplico-lhe que não pronuncie uma unica palavra offensiva contra uma senhora collocada sob a minha protecção!

CARLOS

Se a sua bravura é egual á sua honra, já sei o que ambas valem. Em Lisboa deu-me a sua palavra de que não tinha amor a essa mulher; e, poucos dias depois, foge com ella!

homem perigoso, o senhor! E anda nas suas conquistas!...

D. JOÃO

ie-lhe a verdade em Lisboa; e digo-a imbem.

CARLOS

tiu lá, como um villão, e mente aqui, fidalgo deshonrado que é.

D. JOÃO, baixo

assuste com berreiros e affrontas inu- pessoas que não teem culpa do seu io. Eu não sou homem que me es- Achar-me-ha quando e onde quizer.

CARLOS, com escarneo

ı quê?

D. JOÃO, perdendo a paciencia

ımos.

CARLOS

duello?! Eu nunca menti, nunca rou- ıa filha a seu pae e uma noiva ao seu Bem sei que deveria envergonhar-me o ter *similhantes* distincções, n'um tem-

po de tanta illustração em coisas d'estas; mas, emfim, se algum dia chegar a adquiril-as, poderei então arriscar-me a matar o pae ou o noivo da minha amante, depois de os ter deshonrado. Antes d'isso, não.

D. JOÃO, agarrando-o por um braço

Veiu aqui pelo simples prazer de dar um escandalo inutil?...

CARLOS, querendo dar-lhe uma bofetada, que D. João impede, agarrando-lhe novamente o braço

Não ouse manchar o meu facto!

D. JOÃO, furioso

Desgraçado! (Corre a buscar dois sabres.) Já me tinha injuriado bastante para que eu o matasse!...

Atira um dos sabres aos pés de Carlos.

CARLOS

E eu já disse, que não lhe fazia a honra de egualar a minha pessoa com a sua. (Sentando-se.) Assassine-me, se quizer.

D. JOÃO

Defenda-se, que a ira cega-me! Em nome de Deus, defenda-se!

CARLOS

Mate-me, que é capaz d'isso. Um sedu-
r vale o mesmo que um assassino; rou-
a honra é roubar mais que a vida.

JOÃO, correndo á porta do quarto por onde entrou Maria

Senhora D. Maria?!... minha senhora?!
nha! justifique-me, diga-lhe a verdade,
ra que eu possa matal-o.

SCENA IV

D. JOÃO, CARLOS, MARIA

MARIA, dirigindo-se a D. João, grave e solemne

Ao nobre e leal campião, que tomou a
nha defeza, juro, pelas cinzas de minha
ie, que ha de ser dada satisfação condigna
s affrontas aqui recebidas. (Aponta-lhe para
orta por onde ella entrou.) Sua prima está me-
or e espera-o.

D. JOÃO, áparte, saindo

Que poderosa influencia teem sobre mim
virtudes d'esta mulher!!...

SCENA V

Carlos e Maria

MARIA, com voz tremula

Ouvi tudo quanto acabas de dizer, Carlos.

CARLOS, que se dirigia para a porta do fundo, parando

O meu pezar é revelarem ainda os meus actos, sentimentos de que devo envergonhar-me. Não ha nada n'esta comedia ridicula da vida, que mereça a colera de um homem de bem!

MARIA

Porque te encolerisas então contra os innocentes? Para que insultas e calumnias os que não teem culpa da minha... falta? Porque não te resignas a acceitar a tua parte da dôr que afflige os outros?

CARLOS

Porque não concorri para o mal de que se accusa auctora, nem faltei indignamente aos meus devêres e promessas.

MARIA

Nem eu... (Vendo-o fazer um movimento.) Não queres que o prove? N'esse caso, pede perdão a todos os que offendeste e callar-me-hei.

CARLOS

Se a verdade offende, queixem-se d'ella e não de mim.

MARIA

Conheço o teu coração e affirmo-te por isso, que ainda te has de arrepender da ironia com que me tratas n'este momento.

CARLOS

Não me julgue melhor do que sou.

MARIA, com amarga tristeza

Não me falles assim; o teu desprezo é superior ás minhas forças!...

CARLOS

Para que o provocou?

MARIA

Eu?! Tens razão; as apparencias são contra mim; mas a verdade...

CARLOS

A verdade tambem ; sei tudo.

MARIA

Sabes ? !

CARLOS

Quando eu chegava a casa, ancioso por abraçal-a, ouvi-a dizer a sua irmã, que fugia com o seu amante !

MARIA, com anciedade

E não viste nem ouviste mais nada ? !

CARLOS, com espanto

Parece-lhe pouco ? !

MARIA

E Julia que te disse ?

CARLOS

Quiz negar a evidencia para me consolar ! Mas os factos não se destroem.

MARIA, erguendo as mãos

Oh ! Meu Deus !

CARLOS

Peza-lhe que eu saiba tanto?

MARIA

Não sabes nada, Carlos. A verdade não é so que dizes.

CARLOS, dirigindo-se para o fundo

As mulheres são habeis em inventar; nas eu não vim aqui para ouvir romanes.

MARIA, tomando-lhe a passagem

Eu tinha feito voto de não te revelar o neu segredo; mas vejo que é preciso dier tudo. Escuta-me, pois; em nome de ua mãe e de teu pae t'o peço.

CARLOS

Não foi feliz na invocação; bem sabe que ião conheci pae nem mãe, e por maiores lesejos que eu tenha de lhes honrar a menoria, não sei se elles foram dignos d'isso.

MARIA

Pelo amor de Deus, não zombes comigo, jue não t'o *mereço.*

CARLOS

Tambem eu não merecia o que me fizeram. O mundo é assim; vae para uns o que devia pertencer a outros.

MARIA

Juro-te, pela honra de meu pae, que sou digna da tua estima!

CARLOS

Seu pae ensinou-me a rir de tudo e de todos.

MARIA, indignada

Lembre-se que sou mulher!

CARLOS

A infamia não existe só para os homens.

MARIA

Cale-se, cale-se!

CARLOS

Póde mandar-me calar; estou em casa do seu...

MARIA, apontando-lhe para a porta

Não me obrigue a renegar da virtude!

CARLOS, saindo

A ameaça vem a tempo!

MARIA, querendo seguil-o e caindo a chorar sobre uma cadeira

Isso é uma covardia, uma vileza! O senhor não é digno de que eu...

SCENA VI

MARIA, CARLOS, JULIA

JULIA, entrando pela porta por onde Carlos ia saindo e obrigando-o a voltar para dentro

Espera.

CARLOS

Julia!...

MARIA, aterrada

Ella!

Lançam-se nos braços uma da outra.

JULIA

Minha querida irmã!... Anda, vamos!

Querendo leval-a comsigo.

MARIA

Aonde, *filha?*

JULIA

Venho buscar-te; nosso pae chorou!... Tudo te perdôa, mas quer que voltes immediatamente.

MARIA

É impossivel.

JULIA

Não blasphemes! (Em voz baixa.) Repara no pobre Carlos e tem dó d'elle.

MARIA, em voz baixa

Não posso.

JULIA, idem

Não pódes! Porquê? Que doidice foi essa? Tu nunca tiveste correspondencia com D. João; fallaste-lhe apenas meia duzia de vezes e não pódes gostar d'elle.

MARIA, idem

Enganas-te; de Carlos é que eu não gósto.

JULIA, idem, tapando-lhe a bocca com a mão

Oh!... Cala-te, que estás mentindo!

MARIA, idem

Elle sente o seu orgulho offendido, mas

ndo lhe tiver passado a ira, verás que
a dá pela minha falta.

JULIA, idem

Como és injusta, minha Maria!

MARIA, idem

Deixa-nos sós. (Conduzindo-a á porta do fundo.) Espera ahi na sala de entrada, emquanto eu lhe fallo.

Julia sae.

SCENA VII

MARIA e CARLOS

MARIA, approximando-se de Carlos, que tem estado como alheio a tudo que se passa em torno d'elle

Carlos, dá-me a tua mão.

Pega-lhe na mão, sem que elle faça resistencia.

CARLOS, melancolicamente

Não te posso perdoar... mataste-me!

MARIA

Has de perdoar-me, quando reconheceres o teu engano. (Sorrindo) Ninguem morre de despeito.

CARLOS, retirando a mão

Despeito!

MARIA

Se me tivesses deixado dizer-te a verdade, já me terias perdoado... e pedido perdão. D. João está innocente; Julia, meu pae e... e tambem eu!

CARLOS, reassumindo um ar de ironia

Acaso serei eu o culpado?

MARIA

D. João amava minha irmã, chegou a pedil-a e ia desposal-a. Nunca pensou em mim.

CARLOS, com admiração e curiosidade

E então?!

MARIA

Julia entregava-se a um homem, que apenas estimava, para ver se conseguia esquecer-se d'aquelle a quem amava com paixão.

CARLOS, com dolorosa impaciencia

Acaba... Tenho medo de comprehender!

MARIA

Para eu te pertencer, Carlos, seria necessario que a minha boa irmã pagasse com a vida a minha... a nossa felicidade. Não a vês tão mudada? Não reparaste nos seus olhos pizados, no seu rosto pallido e cavado pelas lagrimas? Não notaste os estragos produzidos pela chamma occulta que a devora?

CARLOS, caindo anniquillado n'uma cadeira

Oh! indigno e miseravel covarde! Insultei a abnegação e a virtude!

MARIA

Eu posso sacrificar-me; tenho mais saude, maior vigor e robustez, e quem sabe se terei talvez menos coração?...

CARLOS, ajoelhando e pegando-lhe nas mãos, que lhe beija com respeito

Perdão! perdão! Agora é que te conheço e que te adoro! E perder-te! Perder o amor de um anjo! oh!...

MARIA, erguendo-o

Se tinhas por *mim* outro sentimento que

não fosse o da amizade, sacrifica-o. É preciso que cada um de nós concorra de algum modo para o bem dos outros; eu já dei a minha parte; sê tambem generoso, meu amigo! Julia merece, mais do que eu, o teu amor... Has de ser feliz com ella.

CARLOS

Que me pedes, Maria?!... Ai! o que me pedes!

MARIA

Peço-te que não faças menos do que eu, que sou uma fraca mulher.

CARLOS

Se eu tivesse as tuas virtudes!...

MARIA

Tens mais; é que ainda as não quizeste procurar; eu, que conheço o teu coração, bem sei que ellas lá existem.

CARLOS

E... terei de te ver algum dia esposa de D. João?

MARIA

n sabe! (Sorrindo.) Amante, não.

CARLOS, supplicante

ão.

MARIA

netto-me solemnemente, que nunca ás o meu segredo. Deixa suppôr que r amor de outro.

CARLOS

entir que a calumnia enxovalhe o ne querido e respeitavel?! Não; isso,

MARIA

ssim convenceremos Julia de que eu dia ser tua mulher. Justificar-me-hei se possa fallar sem perigo. Vou para anhia de minha tia, a quem direi a e.

CARLOS

u pae?

MARIA

pae?!... Tranquiliza-o como podéres; e que sou digna d'elle e que lhe es-

creverei, logo que me seja permittido fazel-o sem inconveniente.

CARLOS

Não tornarei a ver-te?

MARIA

Não sei; peço-te que não me procures.

CARLOS

Ah! nunca me tiveste amor!

MARIA

Se te não tive amor?!... (Contendo-se, áparte.) Oh! meu coração! (Alto.) Não; nunca.

CARLOS, supplicante

Talvez te enganes, Maria!...

MARIA, com resolução

Julia está alli; entrego-t'a e peço-te que a façàs feliz.

Sae.

CARLOS, sentando-se, dolorosamente

Oh! castigo de Deus! Esta, que eu adoro, foge-me; a que eu não amo, adora-me!... (Indo ao fundo.) Julia?

SCENA VIII

CARLOS e JULIA

JULIA

Resolveu-se? Maria?... Que é d'ella?

CARLOS

Partiu.

JULIA

Partiu! Para onde?

CARLOS

Não sei.

JULIA

Mas que te disse?

CARLOS

A verdade.

JULIA

E então?

CARLOS

Nada tenho que lhe perdoar; está innocente. É um anjo!

JULIA

Isso sei eu. E D. João?

CARLOS

Vou procural-o.

SCENA IX

CARLOS, JULIA, FELIX

FELIX, fallando para fóra

Sim, sim; eu cá vou entrando; somos amigos velhos. (Vendo Julia e Carlos.) Vem ahi o senhor desembargador.

JULIA

Ai! com a sua gota, coitado!... Valha-nos Deus!

CARLOS

Vae ao seu encontro; é necessario que elle não veja tua irmã.

JULIA

Ah! ella não partiu? Ainda bem! Preciso vel-a outra vez; hei de convencel-a para que volte, porque eu não creio, não posso acreditar em tal paixão!

CARLOS

Sae, depressa, emquanto eu vejo se consigo fazel-a mudar de resolução.

JULIA

Vamos, Felix; vamos, para que meu pae não suba a escada.

Saem.

SCENA X

CARLOS, MARIA, D. JOÃO

MARIA, áparte

Meu Deus, ajudae-me a consummar o sacrificio! O dever que me impuz é doloroso de mais para um coração de mulher! convém partir quanto antes!

CARLOS, a D. João

Senhor D. João da Silva, retiro todas as palavras injuriosas que lhe dirigi e das quaes lhe peço perdão, considerando-me obrigado a dar-lhe publica e solemne satisfação do meu procedimento, sempre e em toda a parte que v. ex.ª me fizer a honra de m'a exigir.

MARIA

Obrigada, Carlos, obrigada.

D. JOÃO, dando a mão a Carlos

Estou *satisfeito...* (baixo) por agora.

SCENA XI

CARLOS, MARIA, D. JOÃO, JULIA
DESEMBARGADOR

DESEMBARGADOR, correndo para Maria

Filha? minha filha!

MARIA, depois de breve hesitação, corre a lançar-se-lhe nos braços

Oh! meu querido pae; que veiu aqui fazer?!

DESEMBARGADOR

Que vim fazer?! Venho buscar a minha filha; venho abençoal-a, se ella está innocente, e trazer-lhe o perdão, se é criminosa.

MARIA, ajoelhando

Meu bom pae!... Deus me é testemunha de que não sou nem serei jámais merecedora da sua maldição.

DESEMBARGADOR, levantando-a, e olhando para D. João

E venho tambem queixar-me do aggravo que se me fez, da insolita deslealdade com *que* se abusou da minha confiança, e se es-

ırneceu de um velho inoffensivo e de duas onzellas innocentes.

D. JOÃO, a Maria

V. ex.ª quer ter a bondade de responler?

MARIA

Não accuse ninguem, meu pae; não ha em tudo isto falta alguma digna de censura, embora as apparencias façam julgar o contrario. Não posso ainda dizer-lhe a verdade; porém ha de sabel-a um dia.

DESEMBARGADOR

Pois sim, filha; vamos embora. Aqui estão tua irmã e teu noivo, esperando que nos acompanhes.

MARIA

Ah!... (Correndo para a irmã e chamando-a de parte.) Querida da minha alma, não consintas que nosso pae me amaldiçôe!

JULIA

Mas que *queres* tu fazer, menina?

MARIA, baixo

E para te recompensar de me defenderes, sabe que elle te ama.

JULIA, idem

Elle?... quem?

MARIA, idem

Carlos.

JULIA, idem, estupefacta

Carlos!... a mim?!

MARIA, idem

Sim, a ti! Adeus, querida! Adeus, meu pae! perdoe á sua filha, que o adora. Adeus, Carlos! *Sae.*

DESEMBARGADOR

Ai! a minha gota!... Filha? filha? (Faz um esforço para andar e cae sentado n'uma cadeira; todos o rodeiam.) Quem foi o miseravel que m'a roubou? (A D. João.) Restitua-me a minha filha! (Chorando.) Oh! julguei que nunca mais tornaria a chorar... porque não tinha ainda perdido uma filha!

CARLOS, baixo a D. João

Veja se consegue fazel-a mudar de intento.

D. JOÃO, idem

Duvido, mas vou tentar.

Sae.

SCENA XII

CARLOS, JULIA, DESEMBARGADOR

JULIA

Socegue, meu querido pae: ella volta já.

DESEMBARGADOR, limpando as lagrimas

Não ha remedio senão cada um conformar-se com o seu papel n'esta comedia da vida!

CARLOS, áparte

Chegou a minha vez; vejamos se posso elevar-me á altura d'esta situação, que não preparei, nem desejava. (Alto.) Senhor desembargador, ninguem teve culpa da fuga de sua filha, senão eu.

DESEMBARGADOR e JULIA

Tu ?!

CARLOS

Acreditei que a amava e enganei-me, enganando a todos. *Maria* suspeitou a verdade

e fugiu para não me impedir de casar Julia.

JULIA

Que dizes, Carlos?!

DESEMBARGADOR

Não percebo...

CARLOS, pegando na mão de Julia

Ella adivinhou primeiro que tu o seg do meu coração; é a ti que este perl ha mais de dois annos.

JULIA, entre alegre e duvidosa

A mim?!

SCENA XIII

JULIA, DESEMBARGADOR, CARLOS, FE

FELIX, dando um bilhete a Julia

A senhora D. Maria saiu de carrua com a prima do senhor D. João, e entre me este bilhete para v. ex.ª

JULIA, abrindo e lendo o bilhete

«Adeus, querida; implora para mi

ınção de nosso pae, e sê feliz com Carlos. ı parto para Lisboa.»

ESEMBARGADOR, levantando-se colerico e consternado

Filha ingrata! Eu te amaldi...

ARLOS e JULIA, ajoelhando e estendendo para elle as mãos supplicantes

Perdão! perdão!...

DESEMBARGADOR

Eu te abençôo, minha filha! Que ha de fazer um pobre velho contra a vontade de Deus?!

Cae o panno.

ACTO QUINTO

—

A mesma scena do terceiro acto

SCENA I

FELIX e CARLOS

CARLOS, sentando-se

Ha muito tempo que não tens occasião de mostrar a tua sabedoria culinaria. Pódes-te distinguir hoje, dando-nos um jantar digno de um artista da tua esphera. O genio não se esperdiça em vulgaridades; deita abaixo a livraria e mostra-nos que aprendeste a arte nos livros.

FELIX

Fique descançado; farei pasmar as proprias cassarolas.

CARLOS

Os teus primeiros estudos foram sobre a cosinha; grandes homens se teem illustrado n'esse campo da sciencia; não te peço que

imites Vatel, se te falhar algum effeito bri-
lhante, mas espero que te lembres das lei-
turas de Brillat-Savarin.

FELIX

Se eu tivesse pessoal que me auxiliasse!...
mas o nosso cosinheiro não passa de um
ignorante, o moço das compras é estupido,
e as criadas são todas idiotas, sem exceptuar
minha mulher Valentina!

CARLOS

Trabalha o melhor que podéres; temos
visitas de importancia, e quero festejar os
annos de meu sogro, para o tirar da sua me-
lancolia habitual.

FELIX

Comtanto que não venham os ladrões dos
procuradores!... Não percebo a razão por
que se aturam similhantes patifes! Cada ve
que os vejo engulir um bocado, parece qu
me tiram um dente!

CARLOS, sorrindo

Pois sinto dizer-te que tambem elles s
rão da festa. Conheço-os desde que me e

meu sogro deve-lhes alguns favores,
tempo.

FELIX

pagos mil vezes. Os tratantes vi-
;omer jantares na casa alheia, ape-
rosnar que estão ricos. Marquei-os,
o ha tres annos, antes da nossa ida
boa. Comeram-me um fiambre que
para oito dias! A pretexto de que
m excellente, tomaram entre si a
o devorar, e assim fizeram. Cho-
aiva! Eu já não os via com bons
ias d'alli por diante, cada vez que
tro tenho logo dores de cabeça.

CARLOS

nerecem a tua colera; e divertem

FELIX

ıhores não sabem do que elles são
Aqui ha dias desejou a senhora
comer perdiz; peguei na espingar-
lei o dia todo para conseguir matar
ınho com ellas, muito contente, e
le modo que os anjos as podiam co-

mer; põe-se o jantar na mesa... eis que entram os dois procuradores e sem embargo de estarem mal um com o outro, atiram-se, por espirito de imitação, cada um á sua perdiz...

CARLOS, rindo

E foram uma vez perdizes?!

FELIX, indignado

Estive para me precipitar sobre elles e arrancar-lhes a lingua! Mas d'essa vez pagaram-m'o!

CARLOS

Como?

FELIX

Quando o Crispim ia a sair, fechou o portão com tanta precipitação que entalou a aba da casaca. Os outros criados já estavam recolhidos e eu deixei-o bater; como elle não quiz perder a aba, teve que esperar até que viesse o leiteiro.

CARLOS

Desde as dez da noite?!

FELIX, imperturbavel

Até ás cinco da madrugada.

CARLOS, querendo tomar um ar grave e rindo

É comico!... mas prohibo-te a repetição. E o outro?

FELIX

Ouvi dizer que lhe deram umas poucas de bengaladas e o roubaram ahi para o pé do Bomfim, apezar de ter saido n'essa noite mais cedo que o Crispim.

CARLOS

Por isso elles se retiram agora antes de anoitecer.

FELIX

Mas veja se desistiram de cá vir jantar duas vezes por semana!

SCENA II

CARLOS, FELIX, CRISPIM

CRISPIM

Dá licença?...

CARLOS, a Felix, rindo

Ahi o tens!

FELIX, furioso

E ha quem goste d'isto!

Sae zangado.

CRISPIM

Muitos e muitos parabens? A saude vae optima? E a senhora? E o desembargador? Tem havido noticias dos outros?

SCENA III

CARLOS, CRISPIM, SERAPIÃO

SERAPIÃO

Dá licença?...

CARLOS, áparte

Não se comprehende um sem o outro!

CRISPIM, retirando-se para um lado, áparte

Está provado que indaga quando eu venho!

SERAPIÃO, áparte

Espreita-me por força! (Alto a Carlos.) Um milhão de parabens pelo dia de hoje. Como passa a familia? Ha novas dos outros?

CARLOS

Minha mulher está com meu sogro no jardim. Eu já lá vou ter com os meus amigos, se não preferirem ficar aqui.

Sae.

CRISPIM

Sem incommodo.

SERAPIÃO

Nada de ceremonias.

SCENA IV

SERAPIÃO e CRISPIM

SERAPIÃO, sentando-se á esquerda, e fallando sem olhar para Crispim

Decididamente, o homem nasceu para viver em sociedade!

CRISPIM, sentando-se do lado opposto, e fallando sem olhar para Serapião

A sociedade é o laço da humanidade; o homem solitario é como as andorinhas: uma só não faz verão.

Deitando um olhar surrateiro a Serapião, que finge não o ouvir

SERAPIÃO, idem

A solidão enfraquece e inutilisa a creatura; a união centuplica-lhe as forças! (Olhando com disfarce para Crispim, áparte.) Isto deve fazer effeito!

CRISPIM, áparte

O tratante não se dá por achado! Pois aquella tirada das andorinhas era de arromba!

Momento de silencio.

SERAPIÃO, tira a caixa de rapé, abre-a e vae direito a Crispim fazendo muitas cortezias

V. s.ª gasta?

CRISPIM, que tem tambem aberto a sua, levantando-se

Muito obrigado ao seu favor.

Toma uma pitada da sua caixa, e senta-se.

SERAPIÃO, toma da sua e volta a sentar-se; como que fallando comsigo, em voz alta

As desintelligencias entre os homens são sempre origem de grandes desgostos.

CRISPIM, o mesmo que Serapião

Ha separações que nunca se deviam ter feito, para que o todo, dividido em partes, não perdesse a respectiva harmonia das suas fórmas correspondentes.

SERAPIÃO, a Crispim

É tambem essa a minha opinião!

CRISPIM, agradece, abre a caixa e vae a Serapião

V. s.ª toma?

SERAPIÃO, de pé, com a sua caixa aberta e tomando d'ella uma pitada

Agradecido; uso esturrinho.

CRISPIM, sentando-se de novo e tomando da sua caixa

O meu é ordinario.

SERAPIÃO, sentando-se

Esquecei e perdoae, disse Deus. Porque ha de o homem ser tão ruim que não esqueça e não perdôe?

CRISPIM, a Serapião

É tambem essa a minha opinião. (Serapião agradece com uma profunda inclinação.) Faz pena ver homens, que se estimaram sempre, desunidos por causas tão futeis!

SERAPIÃO

Diz muito bem. (Crispim agradece.) Não basta ser curta a vida... diligenciamos ainda incurtal-a mais com inimizades, nascidas de incidentes estranhos á marcha natural das coisas!

CRISPIM, erguendo-se enthusiasmado

Compadre?!...

SERAPIÃO, que se erguera tambem

Compadre?!...

Tornam ambos a sentar-se.

SCENA V

CRISPIM, SERAPIÃO, VALENTINA

VALENTINA

O senhor desembargador manda perguntar se não querem ir ao jardim?

CRISPIM

Vou com muito gosto.

Olha para Serapião, que fica sentado, e sae.

SERAPIÃO, levantando-se

Irei com satisfação.

Sae.

VALENTINA

Comilões!... O Felix está como peste por causa d'elles! Se nos outros dias é ruim de aturar, quando vem cá esta gente, fica mesmo levadinho da bréca! Já me lembrei de dizer ao senhor desembargador, que ou os

onha fóra ou me descase! Mas quem ha de
atar do meu homem, coitado?! Elle está
qui e está um cangalho velho, que para
ada presta!...—Que novidade haverá hoje
á em casa? Para elle ir á cosinha dirigir o
antar, grande pessoa se espera! Ai! se fos-
e a menina Maria?! Ha um anno que aba-
ou para Lisboa, segundo se diz, e nunca
nais tivemos novas nem mandados!... Pe-
os modos casou com o fidalgo, contra von-
ade do pae!... E lembrar-me eu que estive
por pouco a entrar na meada! Felizmente,
não dei a carta ao senhor D. João e quei-
mei-a quando a menina se foi!

SCENA VI

VALENTINA e FELIX

FELIX

Viste o senhor Carlos?

VALENTINA

Ai! sempre me metteste um medo!

FELIX

Viste, ou *não*?

VALENTINA

Que ares de mysterio são esses comigo, senhor Felix? Eu sou sua mulher e tenho direito de saber metade dos seus segredos.

FELIX

Nunca faltei a esse dever; dizendo-te que procuro o senhor Carlos, digo-te metade de um segredo; a outra metade, que é a que eu tenho de lhe dizer a elle, pertence-me.

VALENTINA

Felixsinho, menino, velhote, dize á tua mulhersinha, que novidades ha hoje?

FELIX

Tóma juizo, tóma, que já não é sem tempo.

VALENTINA

Pedaço de patife! A culpa foi minha em lhe dar confiança quando era moça! Casar com um casmurro d'estes, só á pobre Valentina devia acontecer!

FELIX

Arranja-me uma scena, que em chegando *lá abaixo* eu te contarei um conto!

VALENTINA

Apósto que me queres bater? Era só o que faltava!

FELIX

Faze-te de novas! Seria a primeira vez?

VALENTINA

Quem, vossê? Quando elles me appareçam, sejam assim! Um velho ridiculo, que já não tem prestimo!... cuida que ainda está com os seus trinta? Olhe que já passou os cincoenta!

FÉLIX, pegando n'uma bengala

Como queres que te apalpe as costellas aqui mesmo!... (Fecha as portas.) Os senhores estão no jardim e tenho tempo de te ensinar a acatar a minha auctoridade.

VALENTINA, áparte

Ai! o mariola! (Alto.) Felix, não dês escandalo! Se me bates, queixo-me aos patrões, grito, e põe-nos ambos na rua. Tu bem sabes que eu te respeitei sempre; consenti que fosses viajar até Lisboa, e tive a fraqueza de te ter sido sempre fiel!

FELIX, largando a bengala, e abrindo as portas

Ah! Já sabes? Nada ha para tornar um pessoa razoavel como a vista de uma b bengala.

VALENTINA

Pois sim, sim; tu é que tens sempre r zão. Mas queres levar tudo á bruta e é p isso que eu me zango ás vezes. Perdôo- comtudo, se me disseres quem é que se e pera hoje. Tu nunca vaes cosinhar senão e occasiões de grande festa; os annos do s nhor desembargador nunca se festejara com este apparato; é a menina Maria q volta?

FELIX

Não sei.

VALENTINA, meigamente

Vem com o senhor D. João? Sempre certo que estão casados? Então o patr perdoou-lhes? Como se fizeram as paze Onde teem estado? A que horas chegam

FELIX, tapando os ouvidos

Oh! mulher, cala-te, que me endoidec

com perguntas! Que machina infernal de curiosidade!

VALENTINA, agarrando-lhe n'uma orelha

Ah! cachorro! Agora já te não tenho medo, porque estão as portas abertas!... Bate-me, tratante! Péga na bengala e moe tua mulher! Os senhores estão alli em baixo...

FELIX

Está quieta, que me fazes doer! Não dês escandalo.

VALENTINA

E vossê para que o queria dar? Quando as portas estão abertas não lhe tenho medo! Doe a orelha, doe? Pois é para isso mesmo que eu a pucho. (Larga-lhe a orelha, e acaricia-lhe o rosto com as mãos.) Tu bem sabes, bregeiro, que eu não posso passar sem ti, e por isso abusas!

FELIX, indo buscar a bengala

Espera ahi, que eu te arranjo.

VALENTINA, corre para agarrar na bengala primeiro do que elle, mas não o conseguindo, foge

Cuidas que te tenho medo, tinhoso velho?

FELIX, corre sobre ella e vendo-a sair fica no meio da sala com a bengala na mão

E ter de aturar isto toda a vida! Forte asno é quem se casa!

SCENA VII

Felix, Julia, Carlos

JULIA, a Felix

Porque vae tua mulher a correr?

FELIX, um pouco atrapalhado, querendo esconder a bengala atraz das costas

Ella ia a correr?... Não reparei.

CARLOS, vendo a bengala, que Felix pretende esconder

Que é isso? tambem padeces de gota?

FELIX

Não senhor... estive aqui a fazer uns calculos... a medir... Se se quizesse pôr a mesa n'este gabinete?...

JULIA, com espanto

Aqui?! Estás doido! A mesa põe-se na sala de jantar.

CARLOS, severamente

embrança é pouco feliz; e não espe-
juè... na tua edade e com a tua pru-
ı, Felix!...

ᶠELIX, fazendo-lhe signaes para que se cale

nenino Carlos bem sabe que a gente...
zes, tem...

CARLOS

eu mau humor, bem sei; mas os ho-
graves não descem a exprimil-o mate-
ınte.

JULIA, sem entender

ɜ foi?

FELIX

atella... não passou de tentativa.

JULIA

ıudança da mesa?

ꞁS, condoendo-se das supplicas, que Felix continua
a fazer-lhe por gestos sem que Julia veja

.. Accode-me áquella cosinha, se não
asneira.

FELIX

ntas *pessoas são* de mesa?

CARLOS

Dez.

Felix !

SCENA VIII

Carlos e Julia

JULIA

Para que quereria elle fazer aqui sa
jantar?

CARLOS

Capricho! Aturei-lhe alguns assin
Lisboa.

JULIA

Qual era a noticia que me querias
D. João escreveu-te?

CARLOS

Escreveu.

JULIA

E ella? Voltará cedo?

CARLOS

Creio que sim.

JULIA

Dize-me tudo! Quando vem a minh
rida Maria?

CARLOS, indo espreitar á porta

Falla baixo. (Voltando para junto d'ella.) Quero festejar solemnemente os annos de teu pae, e ella presta-se auxiliar-me.

JULIA, com grande alegria

Hoje?! Oh!... louvado seja Deus! E fica?

CARLOS

Espero que sim.

JULIA

Porque me tens feito mysterio das noticias que recebias d'ella?

CARLOS

Porque D. João mandava-m'as, com a condição de eu guardar inviolavel segredo.

JULIA

Então ella amava-o realmente?

CARLOS

Amava... é preciso perdoar-lhe.

JULIA

Perdoar-lhe?! Por me ter feito feliz, *cedendo-me o seu logar!* Mas se ha perto de

oito mezes que somos casados, porque não voltou logo?

CARLOS

Como tinha dito, por criancice, que casaria comigo, temia que tu tivesses ciumes d'ella.

JULIA

Oh! que injustiça!...

CARLOS

Silencio! Ahi vem teu pae.

SCENA IX

JULIA, CARLOS, DESEMBARGADOR, SERAPIÃO, CRISPIM

DESEMBARGADOR, melancholicamente

É difficil comprehender bem certos papeis e represental-os com propriedade. Nem todos quantos sobem ao palco teem talentos sufficientes para sustentar a comedia na mesma altura... mas todos somos forçados a acceitar a parte que nos cabe e a desempenhal-a o melhor que soubermos, affrontando as pateadas do publico implacavel. Eu

resigno-me... (indicando Carlos) e aqui tenho um imitador. Este queria declinar a responsabilidade do seu papel e começaram a assobial-o; desenganou-se, estudou melhor (vendo Julia abraçar Carlos) e vejam a satisfação com que o applaudem! Não é isto verdade, Julia?

JULIA

Carlos que responda.

CARLOS, beijando-a na fronte

Respondi.

DESEMBARGADOR

Muito bem! quando se conta com as sympathias dos espectadores, abusa-se d'ellas!...

CRISPIM

É legal.

SERAPIÃO

Licito.

DESEMBARGADOR

Cautela com a exaggeração! Grandes actores tem caido por causa d'ella.

CARLOS

Eu não exaggero?

Dá outro beijo na testa de Julia.

DESEMBARGADOR, a Serapião e Crispim

Não façam caso; este nasceu galan e assim ha de morrer.

CARLOS

Convém que cada um aproveite as suas aptidões e vocação.

DESEMBARGADOR, sorrindo

Na tua edade, concordo; os velhos é que se tornam irrisorios quando se põem a arrulhar como os pombos.

CARLOS

O amor aquece a alma humana em todas as estações; do fogo que vivifica não se escarnece.

JULIA

Nem tudo é comedia, meu pae.

DESEMBARGADOR, depois de breve pausa

Tens razão, filha; ha tambem lances tragicos na vida, que obrigam a chorar os mais costumados ao riso. Não me esqueço; mas continuo a não querer saber d'ella.

CARLOS

Engana-se a si proprio. Os corações de ferro nascem feitos, não os faz a vontade... nem a amargura.

DESEMBARGADOR

Vamos almoçar, que são horas.

JULIA

Continúa a ser inflexivel?

DESEMBARGADOR

Sempre! Fallemos n'outro assumpto, se não querem que me venha algum ataque.

Julia faz um gesto para o socegar e sae com Carlos.

CRISPIM

É melhor irmos almoçar; está provado que a discussão não lhe faz bem.

SERAPIÃO

Em jejum, principalmente; sempre ouvi dizer que as pessoas doentes precisam almoçar cedo.

SCENA X

DESEMBARGADOR, CRISPIM, SERAPIÃO, JERONYMA, JOSEPHA

JERONYMA, entrando com Josepha ao tempo em que os outros vão para sair

Senhor Serapião, vossê... Perdão, senhor desembargador! Tenha muito bons dias e estimarei que conte muitos annos com saude em companhia dos seus filhos e mais familia.

Mal acaba o cumprimento volta-se para Serapião e começa a tomar-lhe satisfacções e a acotovelal-o.

JOSEPHA

O céo abençôe os seus annos, senhor desembargador; eu cá não sei fazer discursos, mas quando fallo é assim.

Olha de revés para Jeronyma e atormenta Crispim com interrogações e gestos de colera

DESEMBARGADOR

Agradeço os seus favores, minhas senhoras. Eu nem sabia que fazia hoje annos. Foi meu genro quem me recordou isso e quiz dar-me um jantar de festa... de festa?! N'uma casa d'onde fugiu a alegria!

JERONYMA

Ella voltará, se Deus quizer, apezar dos boitibós que a afugentam.

Olha com intenção para Josepha e continua a apoquentar o marido

CRISPIM, a Josepha, baixo

Tenha termos!

SERAPIÃO, a Jeronyma

Veja se consegue estar com proposito!

SCENA XI

DESEMBARGADOR, JERONYMA, SERAPIÃO, CRISPIM, VALENTINA

VALENTINA, ao desembargador

Quando v. ex.ª quizer...

DESEMBARGADOR

Vamos, minhas senhoras.

Saem todos, menos Valentina.

SCENA XII

VALENTINA depois CARLOS

VALENTINA

Parece-me que já vou furando o miolo do

mysterio?... O Felix diz que não, mas zanga-se com as minhas perguntas!... Logo, a coisa é certa. O senhor Carlos anda muito contente a fallar em segredo com a senhora D. Julia... isto não falha! O senhor desembargador está menos triste que de costume... É outra prova. Convidaram os procuradores, que são pessoas a quem já se não faz muita festa, e as mulheres d'elles, de quem ninguem gosta cá em casa... Tudo isto quer dizer alguma coisa! O meu homem affirma que eu que sou parvoa... serei... mas não é elle que me embaça. E o senhor Carlos, que não póde almoçar por ora e que pediu á senhora D. Julia que mandasse servir o almoço emquanto elle escrevia uma carta?! Hein?... Estou ou não estou a rasgar o segredo?

CARLOS

Que fazes ahi?

VALENTINA

Ah!... vim chamar para o almoço.

CARLOS

Sae.

VALENTINA

O menino não vae almoçar?

CARLOS

Já vou.

VALENTINA, sem querer sair

Quer que lhe traga aqui o almoço?

CARLOS

Não.

VALENTINA

Não precisa nada?

CARLOS, áparte

Que diabo terá ella?! (Alto.) Não.

VALENTINA

Os senhores, provavelmente, não almoçam sem o senhor Carlos ir para a mesa?...

CARLOS, zangando-se

Já te disse, que saisses!

VALENTINA, saindo, áparte

A coisa é aqui!

SCENA XIII

Carlos, só, olhando para a porta por onde saiu Valentina

Que diabo de embirração! É pena que não esteja aqui o Felix com a bengala, que eu saía para o deixar trabalhar em liberdade! (Indo abrir com uma chave, que tira do bolso a porta por onde Maria saiu no 3.º acto.) Foi por esta porta que saiu e por aqui tornará a entrar. (Consultando o relogio.) Não tarda... (Olhando para dentro pela porta que abriu.) A escadinha pequena está desempedida até á estrada. (Encosta a porta.) Pódes vir em paz, anjo de abnegação, alma sublime e admiravel, mulher rara e talvez unica n'este seculo de brutal egoismo! Eu admiro-te e respeito-te... Agora, sou teu irmão; poderei ver-te sem perigo. (Pondo a mão sobre o coração.) Emmudece, insensato! Não perturbes o repouso dos que dormem, nem a razão dos que se julgam fortes e querem ser bons. Sê tambem forte, homem de barro! Pensa, que seria um crime atroz dispersar com um sopro imprudente as cinzas que escondem o fogo. O dever não é uma virtude,

é um freio, que se dá a morder aos animaes ensinados para regalo de quem os ensina! Contempla o anjo e adora-o como se o visses no altar. (Senta-se com as costas para a porta, apparece Maria por trás d'elle.) Fazer-lhe suppor que estou curado, é dizer-lhe que a não amei e que sou um ingrato; demonstrar-lhe que o não estou, seria proclamar-me mais fraco do que ella...

Levanta-se.

SCENA XIV

CARLOS e MARIA

MARIA, correndo para elle

Carlos!

CARLOS, correndo para ella e querendo abraçal-a

Maria! És tu, finalmente!...

MARIA, detendo-o com um gesto

Meu querido irmão!...

CARLOS, pegando-lhe na mão e beijando-lh'a com respeito

Só a mulher é forte!...

MARIA

Fortes são todos os que são justos. A for-

taleza provém da vontade; querer é poder. Póde mais a consciencia de uma creatura virtuosa do que um exercito de gigantes. Quem faz o que deve é invencivel e invulneravel.

CARLOS, admirando-a

Sublimes devaneios!

MARIA

Verdades vulgares. Sei que és feliz com Julia. E ella? e meu pae? sabem que venho?

CARLOS

Julia, sabe; teu pae, finge que não quer saber.

MARIA

Está ainda muito irado contra mim?

CARLOS

Diz elle que sim; mas eu affirmo o contrario. E D. João?

MARIA, apontando para a porta por onde entrou

Está alli.

CARLOS, com ciume

Vieste só com elle?

MARIA

Se foi com elle que saí, era justo que voltassemos juntos.

CARLOS, pegando-lhe na mão

Com que titulo volta esse homem a esta casa, tendo querido casar com minha mulher, e entrando com aquella que eu tinha escolhido?

MARIA, retirando a mão

D. João da Silva é um nobre e leal caracter. Entrará aqui com a cabeça erguida, como entra em toda a parte.

CARLOS, amargamente

É justo; o sacrificado fui eu só!

MARIA, dignamente

Lembra-te que és meu irmão e que tens por mulher um anjo. Bem sabes que parti lançando a minha reputação ao vento da calumnia; que não hesitei em expôr-me á colera e á maldição de meu pae, e que tomei como um dever sacrificar-me para fazer minha irmã feliz. Acaso julgas que por cada pessoa *venturosa* ha apenas duas que

se considerem desgraçadas? Pensa que f
mos nós dois que construimos, com tenu
parcellas da nossa... boa vontade, a ber
aventurança d'uma alma, que nos bemdiz;
dize-me se estás arrependido ou se tens c
reito de te lastimar da tua sorte. Quando
escrevi hontem, suppunha escrever a meu i
mão; se me enganei, é tempo ainda de r
cuar; voltarei por onde vim. Desejava abr
çar meu pae e provar-lhe que não me julg
indigna do seu perdão; aspirava a viver co
minha irmã e gozar do pouco que fiz p
ella; mas se isto é muito, partirei de nov

CARLOS, ajoelhando

Fica, e perdoa-me; eu bem sei que nã
te merecia. És uma santa.

MARIA, levantando-o

Exijo apenas que me trates como irm
verdadeira.

CARLOS, beijando-lhe a mão

Se Julia soubesse?!...

SCENA XV

MARIA, CARLOS, JULIA

JULIA, ouvindo as ultimas palavras de Carlos

Ah!

Cae desfallecida.

MARIA

Julia!

CARLOS

Minha mulher! (A Maria.) Teu pae ignora a tua vinda; esconde-te!

MARIA, indicando Julia

Porém, ella?

CARLOS

É um ataque de nervos; já lhe passa. Vem gente!...

Maria sae pela porta por onde tinha entrado.

SCENA XVI

JERONYMA, CRISPIM, JOSEPHA, SERAPIÃO, CARLOS, JULIA, desfallecida

JERONYMA, vendo Julia caída

Ai! que é aquillo?

CARLOS

Accudam, minhas senhoras!

JOSEPHA, correndo

Ih! Jesus! será coisa de perigo?

CARLOS

Um simples desmaio.

SERAPIÃO, tomando uma pitada

Agua!

CRISPIM, tomando tambem

Ar!

CARLOS, segurando Julia

Torna a si; ajudem-me a conduzil-a para o ar livre.

Jeronyma, Josepha e Carlos conduzem Julia para fóra.

SCENA XVII

CRISPIM e SERAPIÃO, passeando cada um para seu lado

CRISPIM, andando para um lado

Faniquito no caso!

SERAPIÃO, idem para o lado opposto

Nervoso te valha!

CRISPIM, idem

Affrontamento do calor...

SERAPIÃO, idem

Empanzinamento da comida... — Aquelle desembargador é um grande seccante com sua historia de que tudo é comedia!

CRISPIM, idem

Já me cheira a caturrice!

SERAPIÃO, idem

Se tudo fosse comedia ou farça, adeus familia!

CRISPIM, idem

Adeus, affeições sinceras e amizades de muitos annos!

Serapião volta-se repentinamente e começam a passear ambos para o mesmo lado, mas a distancia um do outro.

SERAPIÃO, passeando

É tambem essa a minha opinião.

CRISPIM, agradecendo

Aquelle modo de ver as coisas é pessimo.

Passêa.

SERAPIÃO

Póde até ser fatal.

Á medida que passêam, vão-se approximando gradualmente

CRISPIM

Concordo. (Serapião agradece.) Desperta suspeitas nos homens de boa fé.

SERAPIÃO, approximando-se mais de Crispim

Faz nascer a desconfiança nos corações mais sinceros.

CRISPIM, approximando-se mais de Serapião

Fomenta a intriga...

SERAPIÃO, offerecendo-lhe uma pitada

E desune os amigos velhos.

CRISPIM, acceitando-lhe a pitada e tomando-a

Bom tabaco!

SERAPIÃO, offerecendo-lhe outra

Acha? Vá outra.

CRISPIM, apresentando-lhe a sua caixa aberta

Agora, d'este.

SERAPIÃO, tomando da caixa de Crispim

xcellente rapé!

Passêam.

CRISPIM

ma harmonia de tantos annos!...

SERAPIÃO, parando

por quê?!

CRISPIM, idem

iz bem; e por quê?!

SERAPIÃO

u fui seduzido pela theoria do desem-
zador; acreditei que tudo era comedia!...

CRISPIM

ludi-me com a maneira brilhante com
elle expõe o absurdo!...

SERAPIÃO

la muito que me confesso arrependido...

CRISPIM

u ando todos os dias a querer pedir per-
...

SERAPIÃO, abrindo os braços

ompadre!

CRISPIM, idem

Compadre!

Correm um para o outro e abraçam-se com grande enthusiasmo

SERAPIÃO

E as nossas mulheres?

CRISPIM

Sou de voto que vamos abraçal-as?

SERAPIÃO

É tambem essa a minha opinião.

Saem de braço dado.

SCENA XVIII

D. João e Maria

MARIA

Carlos não voltou; talvez minha irmã esteja peior?...

D. JOÃO

Quer que eu espere ainda?

MARIA

Complete o sacrificio; já falta pouco.

D. JOÃO

E depois?

MARIA

Direi a meu pae os serviços que lhe devo para que elle lh'os agradeça.

D. JOÃO

Agradecimentos?! Julga que me contentarei com elles ou que os esperarei, se me obrigar a partir?

MARIA

Pois teima em querer ficar n'este ermo?

D. JOÃO

Ainda duvida?! Para que me permittiu que fosse visital-a todos os mezes a casa de sua tia? Essas visitas foram a esponja do esquecimento passada doze vezes sobre a imagem de Julia, que eu tinha no coração. No logar d'ella surgiu outra mais viva e mais profundamente gravada; não me peça que a apague tambem d'alli, porque d'esta vez não lhe obedecerei.

MARIA, correndo para a porta da escada pequena

Meu pae! Fuja, depressa!

Saem.

SCENA XIX

DESEMBARGADOR, só

O café provocou-me o somno. (Senta-se n'uma poltrona.) O calor aperta e, se me deixassem, não se me dava de dormitar um pouco. Cuidam que eu me não lembro de minha filha ou que sou mais juiz do que pae? Como se enganam!... E que injustiça que ella me fez, suppondo-me capaz de a obrigar a casar com Carlos! Disse-lhe sempre a minha opinião e tinha direito para esperar que me não envergonharia estes cabellos brancos!... Hoje querem persuadir-me que Maria está na cidade, em casa de minha irmã!... A Carlota não me encobria similhante coisa durante um anno, apezar de estar mal comigo... E D. João?... porque não apparece?

Adormece pouco a pouco.

SCENA XX

DESEMBARGADOR, MARIA, D. JOÃO

MARIA, detendo D. João com o gesto

Adormeceu!

DESEMBARGADOR, sonhando

Maria?...

MARIA

O meu nome?!

DESEMBARGADOR, idem

Porque te demoras tanto?... Repara como estou velho... dizem que és digna... do meu perdão... Porque não vens pedir-m'o?...

MARIA, ajoelhando ao pé d'elle e fallando-lhe com voz de quem receia acordal-o

Oh! meu querido pae!... Aqui estou.

DESEMBARGADOR, sonhando

Tens-me dado grandes... penas! Tu... eras tão boa!... Como foi isso? Não é possivel que sejas culpada.

MARIA, como acima

E não sou, não.

DESEMBARGADOR

Comedia!... Esse homem... que te roubou... é um...

D. JOÃO, dando um passo para elle

Ah!

MARIA, detendo D. João com o gesto

Não o acorde! A sua justificação será a minha tambem. (Beijando a mão do pae.) Somos innocentes.

DESEMBARGADOR, despertando

Que dizes? (Reconhecendo-a.) Maria?! (Recebendo-a nos braços.) Achei a minha filha!.. (Reparando em D. João.) E...

D. JOÃO, ajoelhando aos pés do desembargador

E o seu filho, se quizer acceital-o como tal.

SCENA ULTIMA

DESEMBARGADOR, MARIA, D. JOÃO, JULIA, CARLOS, JERONYMA, SERAPIÃO, CRISPIM, JOSEPHA, FELIX, VALENTINA

JULIA, correndo para a irmã

Querida da minha alma!...

Vae para abraçal-a e hesita.

MARIA, abraçando-a

Que é isso? Não serás tão feliz como eu julgava?!

JULIA, em voz baixa

É que... vi Carlos a teus pés, e temo...

MARIA

Ah! viste-o supplicando-me que viesse viver com meu marido em tua companhia?

JULIA

Teu marido?!

MARIA, apresentando-lhe D. João

Que ha de ser.

JULIA

Ah!... Então o senhor?...

DESEMBARGADOR

Fez jogo por tabella.

VALENTINA, baixo a Felix

Tal e qual como o senhor Carlos! Imitaram-se! (Felix approxima-se com disfarce da bengala, que está ao canto da casa e corre a mão por ella, fazendo á mulher um gesto significativo.) Atreve-te!

DESEMBARGADOR, a Maria

Poderei finalmente achar o fio de toda esta *embrulhada*?

MARIA

O meu fim principal foi passar um anno em casa da tia Carlota, para a obrigar a fazer as pazes com meu pae; ella vem cá jantar hoje.

DESEMBARGADOR, com ar duvidoso

Vossês embaçam-me!... Paciencia; como se sálva a honra e vejo todos contentes, ponho aqui ponto na comedia.

CRISPIM

Sim... parece-me que já é tempo.

SERAPIÃO, dando-lhe uma pitada

É tambem essa a minha opinião.

Tomam cada um sua pitada.

JERONYMA, com grande curiosidade, a Josepha

Pois elle houve comedia?

JOSEPHA, com despeito, encolhendo os hombros

Eu cá não percebi nada!

Cae o panno.

A VIUVA

A

JOAQUIM JOSÉ TASSO

:u querido Tasso. — Quando te vi re-
ntar no theatro de D. Maria II a prin-
personagem d'esta peça e levantal-a,
sentimento e pela paixão, ás alturas
ió é dado attingir aos grandes genios
aticos, fiquei persuadido que foste tu
eu quem creou o papel de Manuel de
ões. Desde esse momento resolvi de-
·te esta comedia, não só por dever de
rar com lealdade a parte que tens
, como tambem para aproveitar a oc-
› de te dar n'uma das minhas modes-
oras um testemunho publico da admi-
que consagra aos teus talentos e vir-
o

Teu amigo do coração,

F. Gomes de Amorim.

PARECER DA COMMISSÃO DE CENSURA

Examinei a comedia original em dois actos, intitulada *A Viuva*, cujo enredo facil, mas engenhoso, acho desinvolvido com arte, e sustentado por um dialogo vivo e feliz, aonde as côres do sentimento mais natural e menos estudado, lançam de vez em quando um toque delicado, para levantar o sabor ao chiste e ao riso, que nascem espontaneos, de situações adduzidas com gosto, e tratadas com verdadeiro conhecimento da scena.

Esta é uma das poucas comedias recentes, em que vejo caracteres desenhados da natureza, postos em acção, vivendo e fallando no theatro, como fariam no mundo real. Passou pela peça (que analyso) um raio d'aquella creadora luz, que, depois de Molière, tão raro apparece nas innumera-

veis farças, mais ou menos chocarreiras, que povoam os reportorios. Poucas figuras, sem forçarem a verdade, conversando no tom mais simples, sabem entreter-nos e divertir-nos, não deixando ver nunca detrás d'ellas a cabeça do auctor, esgrimindo as usadas visagens de Jocrisse.

A verosimilhança não foi offendida: e é de louvar, em um tempo em que o gosto corrompido, esgotando a licenciosidade, vae pedir ás peloticas dos bobos o riso que não póde tirar da opposição dos vicios e dos interesses. N'esta comedia acha-se o sal picante, mas não o caustico e a corrosiva satyra, que, além dos limites criticos, arrasta pela mais plebea malidicencia os deveres sagrados e os principios eternos da sociedade e da familia.

O enredo liga-se com interesse, e desata-se com rapidez. É um maritimo (Manuel de Fanhões) que salta de bordo do seu navio para a sala de uma viuva elegante e caprichosa (D. Maria Luiza) e a requesta de amores, com todo o enthusiasmo inculto de um coração sincero e generoso, porém

lo noviço na linguagem da paixão como os extremos delicados do flavôr cortezão.

Dardejando as suas declarações á queima oupa, eriçando-as de pragas descabelladas, de todo o vocabulario nautico, começa por spavorir e acaba por interessar a viuva, que por fim cede (e todas a imitam!) ás provas de um affecto, que apezar de rustico, es mais sacrificios occultos só pela adorar le longe, do que eram capazes de fazer dez Narcizos para a possuirem e enganarem omo bons e leaes galanteadores da moda.

O caracter de Manuel de Fanhões é quasi uma creação. Ha n'elle a individualidade que é o laço invisivel, a communicação de ntimidade entre o mundo dos homens e as ficções cunhadas pela sciencia do coração. Debaixo da casca rude do marujo está a belleza moral de um sentir forte e dedicado, e a abnegação admiravel de uma alma pura de villezas e de simulações, que sabe amar e que o confessa ingenuamente, entregando-se com toda a confiança.

Depois no meio do riso, que faz accudir á bocca esta paixão boçal e balbuciante, o

poeta deixa correr o pincel, e, pelo sentimento, em um toque rapido e feliz, levanta o protogonista quasi á altura do drama, mostrando-o grande pela infantil submissão ao menor aceno da mulher que estremece.

Ha mais verdade e mais expressão da vida ás vezes em uma só palavra do maritimo, do que em longas paginas de arrebicados amores insipidos. Esta figura tem caracter, tem feições proprias; e é nossa, é portugueza. Todos a temos encontrado mais ou menos. Lembro-me eu d'ella: ouvi-a, estudei-a differentes vezes. O poeta creou-a, porém, incutindo-lhe o affecto, e aquecendo-lhe a tinta do retrato com essa radiosa adoração, que faz entender de repente a Manuel, que o homem ainda não viveu se não amou. Bastava o papel de Manuel de Fanhões assim concebido e executado para denunciar um talento especial de comedia, que o estudo dos typos humanos, e a analyse do coração e da sociedade, hão de formar e aperfeiçoar, se fôr animado e quizer consagrar-se á arte, como ella exige dos que a prezam cultivando-a.

O caracter da viuva e da criada Marianna estão bem traçados. As scenas entre ellas e os adoradores teem viveza, graça, e naturalidade; e sobre tudo as duas, em que Maria Luiza principia a sentir-se vencida pelos extremos de Manuel de Fanhões. Ha ainda duas figuras de feliz concepção, cujo dialogo anima a peça; são o namorante celibatario José Rodrigues, especie de caçador de matrimonios um pouco parvo, e deliciosamente covarde; e o plagiario pedante Luiz Antunes, victima de um foliculo de jornal. O encontro d'estas personagens é de bom effeito, e verdadeiramente comico.

Algumas incorreções de estylo e de phrase que escaparam n'uma ou n'outra scena, eu deixo-as á simples observação do auctor, e entendo que a comedia em dois actos *A Viuva* é digna de subir á scena, quasi certo de que o applauso publico justificará quanto eu expuz.

Lisboa, 15 de novembro de 1851.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.
A. AUGUSTO DE ALMEIDA E PORTUGAL CORRÊA DE LACERDA.
L. A. PALMEIRIM.

A VIUVA

COMEDIA

---

presentada a primeira vez, em Lisboa, no theatro de D. Maria II, em 10 de fevereiro de 1852

PESSOAS

MANUEL DE FANHÕES.
JOSÉ RODRIGUES PEIXOTO.
LUIZ ANTUNES.
JOÃO DA COSTA.
D. MARIA LUIZA.
MARIANNA.

Logar da scena — Lisboa

Epoca — 1850.

ACTO PRIMEIRO

—

Sala mobilada com elegante simplicidade. Porta ao fundo, ditas lateraes e uma janella á esquerda.

SCENA I

MARIANNA, limpando os moveis

Isto é divertido; tres mudanças n'um semestre para fugir do casamento! Os pretendentes á mão de minha ama são tantos como praga! e o meio que ella achou para lhes escapar, foi mudar de casa a miude. Os homens são peiores que o diabo!... Em toda a parte nos perseguem! (Descendo a scena.) Ah! não é por mim que elles correm!... Quando penso que rejeitei cinco maridos!... nenhum d'elles me fazia conta... e esperando achar melhor, *fiquei sem* nenhum!

SCENA II

D. Maria e Marianna

D. MARIA

Finalmente, Marianna, parece-me que acertei com uma casa, onde não serei importunada pelos adoradores... do meu dinheiro.

MARIANNA

Ah! a senhora sempre é bem feliz!...

D. MARIA

Porquê?

MARIANNA

Porque foge d'elles; e eu...

D. MARIA

E tu?

MARIANNA

Eu vejo-os fugir de mim!

D. MARIA

Pobre rapariga! Se eu soubesse que desejavas um marido, tinha-te casado já; talvez algum dos meus pretendentes?...

MARIANNA

Oh! Quem é que me ha de querer?

D. MARIA

Quem?! Tão feia te julgas? Os meus retendentes não me querem a mim, que-em os meus rendimentos. Se meu defunto marido não tivesse fama de rico, não me ve-ia eu agora tão perseguida. Cuidas que é amor quem inspira os homens de hoje? o interesse. Já vês, pois, que tendo tu m dotesinho, poderás escolher á vontade.

MARIANNA

E o dote?...

D. MARIA, sorrindo

Continua tu a ser boa rapariga, que elle parecerá quando fôr preciso.

MARIANNA, beijando-lhe a mão

Agradeço-lhe de todo o coração... mas efiro não me separar nunca de v. ex.ª. Po- ir deparar com algum tratante, que de-is de me comer o que eu tivesse, me dei-sse ao desamparo ou me désse pancadas! da; conte sempre comigo emquanto me izer ao seu serviço.

D. MARIA

Estimo e aprecio essa resolução; como não tenciono tornar a casar-me, desde já te prometto que havemos de passar vida divertida.

MARIANNA

Sempre será bom que a senhora não faça juramento de não se recasar... Olhe que acontecem coisas ás vezes!...

D. MARIA, rindo

Ah! não te dê cuidado; deixa isso por minha conta! Felizmente, livrei-me de vez dos senhores passeadores da minha rua, que me impediam de sair e até de abrir as janellas para entrar o ar nas casas! Estes sitios são pouco frequentados e, a menos que o demonio me não vá denunciar, espero viver socegada n'esta casa.

MARIANNA, rosnando

Hum! Quem sabe?! os homens são muito peiores que o demonio, e mais teimosos do que elle. Não se me dava de apostar que nem mesmo aqui lhes escaparemos!

D. MARIA

Penso o contrario; a mudança fez-se ao anoitecer e parece-me que ninguem deu por ella. Mandaste o criado ao correio, saber se tenho cartas do Porto?

MARIANNA

Mandei, sim, minha senhora; não póde tardar.

D. MARIA

Meu tio deve ter escripto. É o unico parente que me resta e de quem sou muito amiga, apezar de não o conhecer. Vim em pequenina para Lisboa, com meu pae e minha mãe, que Deus me levou tão cedo!... (Pausa.) Depois que enviuvei recebo repetidas cartas de meu tio, que se mostra cada vez mais meu amigo... Se fosse homem novo, poderia eu suspeitar que... mas, na sua edade, seria irrisorio!

MARIANNA

Porque não vem elle fazer-lhe uma visita?

D. MARIA

Porque não póde deixar os seus negocios. Eu é que tenho pensado algumas vezes em ir vêl-o ao Porto; gósto muito de viajar, mas tenho medo do mar, e a viagem por terra é incommoda e demorada...

MARIANNA

Parece-me que bateram?... Vou vêr se é o criado.

SCENA III

D. MARIA, *só, indo á janella*

Bella vista! Para uma viuva como eu, não ha sitio melhor do que este. Bons ares, pouco ruido, horisontes largos!... Sinto-me tentada a dar vivas á liberdade! (*Volta para dentro e senta-se.*) Era ainda tão nova quando me casei, por vontade de minha familia!... Meu marido era homem honrado, sério, affectuoso... mas eu nunca lhe tive amor. O coração não entende de negocios e por isso o meu ficou estranho ás combinações feitas entre meu pae e o seu amigo, que me enriquecia materialmente. Assim

e viuvei principiaram a chover-me em
sa as propostas dos farejadores do meu
nheiro!... Parece incrivel a audacia com
ie elles me offerecem caras e mãos de to-
os os feitios, tamanhos e côres! Infeliz-
ente, a terna solicitude, que essas creatu-
s manifestam por todas as mulheres ricas,
io me faz effeito a mim!

SCENA IV

D. Maria e Marianna

MARIANNA

O criado trouxe esta carta.

D. MARIA

Dá cá. (Vendo o sobrescripto.) É de meu tio. Abre-a.

MARIANNA

O almoço está prompto.

D. MARIA

Já vou. (Lendo a carta.) «Porto, 5 de junho...» 'allando.) Estamos hoje a 12; vem retar-
ada!

MARIANNA

Deus queira que tenha boas noticias!

Sae.

SCENA V

D. MARIA, só, lendo

«Minha querida filha...» (Fallando.) Que excellente homem! (Lendo.) «Vou dizer-te uma coisa, que te ha de admirar bastante...» (Fallando.) Que será? (Lendo.) «Sabes que sou o teu unico parente, e que tambem não tenho outra familia, além de ti, senão um rapazote a quem servi de pae. Tu és rica, e eu, graças a Deus, não me queixo da fortuna.» (Levantando-se e fallando.) Querem vêr que se declara! (Lê.) «Dotarei o meu rapaz...» (comprehendendo e exclamando) Ah! (Lendo.) «que te ha de convir perfeitamente. O tempo do teu luto acabou, e, se te convier o meu projecto, offereço-me para padrinho do casamento e nomeiarei os conjuges meus universaes herdeiros.» (Fallando.) Que tal está a lembrança de meu tio?! Vejamos o resto. (Lendo.) «Eu ahi vou; o rapaz deve já ter chegado a Lisboa e la verás

se elle te agrada. Adverte, porém, que no caso de não se fazer o casamento, ficaremos amigos como d'antes. Depois que receberes esta, espera por mim a todos os momentos. Teu tio muito amigo, João da Costa.» (Guarda a carta.) De mais a mais, vem ahi?! Era só o que me faltava! Ando a mudar de casa para evitar a perseguição dos especuladores e cae-me das nuvens o unico com quem eu não tinha contado!... que este não é especulador, porque meu tio é rico e póde dar-lhe o que tem... Mas que me importa, se eu não quero casar?! A carta é retardada... já estão em Lisboa a estas horas! (Chamando.) Ó Marianna? Marianna? Vou estudar a maneira de resistir ao novo e inesperado bloqueio.

Sae.

SCENA VI

MANUEL, só, apparecendo á porta do fundo

Arribei a tempo, com todos os diabos! Se não ponho tão depressa o leme todo a estibórdo, fazia um rombo no beque ao dobrar aquella *ponta* de rocha! (Olhando para

fóra.) Tambem não admira; eu trazia força de vella! (Voltando-se para a scena.) Graças a Deus, que cheguei a porto de salvamento sem trazer avaria grossa! (Entra.) A casa é aqui, mas não vejo ninguem... elles virão. A porta estava encostada, metti-lhe a prôa e entrei como em porto franco; se me não quizerem cá, viro de bórdo e dou com os costados n'um baixio, fazendo da quilha portaló. Preciso desembuchar, para não dar um estoiro como uma peça de trinta e seis! Hei de fallar com ella por força! e emquanto não apparece ningem, vou scismar o que lhe hei de dizer.

Senta-se a meditar.

SCENA VII

MANUEL e D. MARIA

D. MARIA, sem o vêr

Onde se metteria a Marianna? Estou temendo que chegue por ahi meu tio e não temos nada em termos para o receber.

MANUEL, sem a vêr, levantando-se

Bem pensado!

D. MARIA, vendo-o, assustada

Ai! um homem!...

MANUEL, tirando o chapéo e cumprimentando-a atrapalhadamente

Ás ordens... sim, lá homem, posso-me ıbar de o ser! (Áparte.) É ella!...

D. MARIA

Quem é o senhor? que quer?

MANUEL, dando voltas ao chapéo, que tem na mão

Saberá que eu... perdôe se a offendi; eu ıeria... vinha para... para... (Áparte.) Com m milhão de diabos!... Tinha arranjado alavras tão bonitas para lhe dizer e não me ımbra nada... mesmo nada!

D. MARIA

Como entrou em minha casa? que per- ınde? (Áparte.) Se fosse um ladrão?! Mas... ɔm aquella cara, não me parece.

MANUEL, áparte

Que linda mulher!... Vamos; eu vim aqui ara lhe fallar! (Escarra para o lado, endireita o ɩllarinho da camisa, pucha os punhos e caminha para

D. Maria a passos largos; esta, vae recuando á medida que o vê approximar.) Não tenha medo, minha senhora; sou eu, Manuel de Fanhões, para a servir e amar.

D. MARIA

Não o conheço; faça favor de me dizer o que quer? É a terceira vez que lhe repito esta pergunta.

MANUEL

Não me conhece? Porém eu conheço-a; oh! conheço-a muito bem, senhora D. Maria!

D. MARIA

Conhece-me?! e sabe o meu nome! aonde me viu?

MANUEL

Em toda a parte onde tem estado, porque lhe ando na alheta de noite e de dia! (Áparte.) Eu vou dizer muita asneira, mas não importa!

D. MARIA

Então o senhor é um espião?

MANUEL, áparte

Antes me queria ver agora a brigar com

um temporal desfeito!... Porém, isto ha de ser! (Gritando.) Lesto a virar!... larga as escotas de prôa!... larga amuras sobre bolinas!... leme contra! ála gavias a bombordo! chega para a escota grande! caça o latino!... Bom! deixa correr o bicho.

D. MARIA, muito espantada

Valha-me Nossa Senhora, que é doido! Fugiu de Rilhafolles!

MANUEL, áparte

Ai, Jesus! o que eu estou fazendo!... (Alto.) Perdão, minha senhora... isto são saudades do mar.

D. MARIA, áparte

Ah! é maritimo!

Afasta-se mais d'elle.

MANUEL, vendo-a afastar-se

Não tenha medo de mim, senão quebro a cabeça de encontro a uma parede! Sou homem do mar e não sei dizer coisas bonitas; mas vou contar-lhe tudo do melhor modo que pudér.

D. MARIA, com curiosidade

Vae contar-me tudo?!

MANUEL

Eu sou piloto da *Licór*, uma barca, que anda n'agua como o peixe; o menos que deita, em mar chão, vento escasso, e descontando as arribadas, são oito milhas por hora...

D. MARIA, interrompendo-o

Que tenho eu com o seu navio?

MANUEL, perturbado

O que tem?! Ah! sim... nem eu sei já o que queria dizer! (Vendo-a olhar para elle.) Peço-lhe que não olhe para mim d'esse modo... os seus olhos fazem com que me atrapalhe mais depressa!

D. MARIA, rindo, áparte

É divertido!

MANUEL, áparte

Diabo! eu diria alguma cavallada?... ella riu-se! (Alto.) Pois, emfim, póde rir á vontade... eu vim aqui para alijar o meu se-

gredo, porque já não posso estar callado; não quero arrebentar como o pobre *Ligeiro!* Era um bonito brigue! encheu a barriga de agua na barra do Pará, as bombas não fallaram, e, pum! foi tudo com seiscentos diabos!

D. MARIA, impaciente

Não fará favor de me dizer, que relação em essas historias comigo?!

MANUEL

Ahi vae, ahi vae; não se zangue por quem ! (Áparte.) Se eu explicasse a coisa d'esta maneira?! (Passeando e fallando comsigo.) Senhora, sou eu aquelle rapaz que... ha muito tempo... ainda antes da outra viagem... tem d'aqui, tem d'alli, e cérca e deixa...

Pára a meditar.

D. MARIA, querendo retirar-se

Com licença.

MANUEL, detendo-a com o gesto

O quê?! vae-se embora?!... Não foi para ficar assim que eu vim a esta casa; não, não, raio de todos os raios que me partam! Sou um bruto! um labrego!... (Indo impetuo-

samente para D. Maria.) Fóra cutéllos e varredouras! larga sôbres! iça e caça tudo!... O meu nome é Manuel de Fanhões, sou filho de Laúndes, tenho trinta annos, gósto da senhora, e quero casar com vossê.

D. MARIA, dando uma gargalhada

E admirava-me eu de não ter contado com o outro! Este é mais sublime! É soberbo!

MANUEL, continuando

Quero casar, porque já não aguento a alça que me aperta aqui dentro; (pondo a mão no coração) isto não é moitão nem cadernal! (Pondo a mão na cabeça) E aqui, parece-me que sinto uma barrica de alcatrão a ferver!.

D. MARIA, contendo o riso a custo

Ora, senhor: eu não sei se me ria, se tenha dó do seu estado!

MANUEL, exaltando-se

Póde rir á vontade; um pobre marinheiro como eu não sabe render finezas assucaradas! Isso é bom para aquelles que nunca se viram acossados pelo furacão dos mares *equinociaes*, com seis pés de agua no porão,

os horisontes forrados, o navio correndo em arvore sêcca por entre parceis medonhos, e lá um homem, firme no seu posto, dizendo comsigo: eu estou aqui e Deus está lá em cima; se Elle fechar um olho, cachapuz!

D. MARIA

Isso é bello e magestoso! (Áparte.) Que demonio de poeta selvagem! Nunca vi nada tão original!... (sorrindo) ia quasi dizer, interessante!

MANUEL

Estou-a incommodando, bem sei; vou acabar já. Ha um anno que vi pela primeira vez a sua pessoa e desde esse dia fiquei como se me tivessem despejado uma caldeira de breu derretido nas entranhas.

D. MARIA

Com effeito?!

SCENA VIII

D. MARIA, MANUEL, MARIANNA

MARIANNA

Minha senhora... (Vendo Manuel.) Ai! que susto!

MANUEL, áparte

Os diabos te levem! Estava quasi tudo arranjado!...

D. MARIA

Deixaste a porta aberta e o senhor (apontando para Manuel) entrou.

MANUEL

Entrei, é verdade; porque queria...

D. MARIA, interrompendo-o

Um absurdo.

MARIANNA, baixo a D. Maria

Quem é elle? Acho-lhe um ar tão...

Falla em segredo com D. Maria.

MANUEL, áparte

Esta criadinha transtornou-me o negocio!... (Batendo com o pé no chão.) Com trezentas pipas! Eu navegava tão bem a todo o panno!

MARIANNA, a D. Maria

É como lhe digo; um homem já de certa edade, que pertende fallar a v. ex.ª

D. MARIA

Talvez seja meu tio; vem só?

MARIANNA

Vem; seu tio está em Lisboa?!

D. MARIA

Creio que sim. Vou vestir-me um pouco melhor para o receber.

MARIANNA

Receiei que fosse algum massador dos antigos e não o deixei entrar; está lá em baixo na escada.

D. MARIA, baixo

Despede esse homem por boas maneiras. (A Manuel.) Adeus, meu senhor.

MANUEL, zangado

Vae-se?! E o resto?...

D. MARIA

O resto?! (Depois de reflectir.) O resto não póde ser.

Vae para sair.

MANUEL

Não póde? (Áparte.) Foi a criada quem me

deitou tudo a perder! (Alto.) Se a sua pessoa não estivesse com tanta pressa?...

D. MARIA

Mas estou; e além d'isso não posso dispor de... de nenhum objecto dos que foram de meu marido.

MANUEL

Eu não a entendo...

D. MARIA, rindo

Ellas não lhe serviam.

MANUEL, admirado

Raios me partam, se a percebo!

D. MARIA, rindo, a Marianna

Queria que eu lhe cedesse as chinellas bordadas!

Sae rindo.

MANUEL, com grande espanto

As chinellas bordadas?!

Encapella o chapéo na cabeça, põe as mãos atraz das costas, e fica a olhar para a porta por onde saiu D. Maria.

SCENA IX

MANUEL e MARIANNA

MARIANNA, áparte

Parece-me que foi gracejo da senhora; o homem queria outra coisa.

MANUEL

Para que diabo quereria eu as chinellas do marido?!

Passeia muito agitado, sem fazer caso de Marianna.

MARIANNA

Que desembaraço! parece que está em sua casa!... Ó senhor?... senhor?

MANUEL, parando

Toquei nos cachopos e fiquei com agua aberta!... Caçoou comigo!... e eu cada vez gósto mais d'ella!

MARIANNA

Não ouve?

MANUEL, voltande-se para ella

Vossê é que tem a culpa de tudo isto!

(Cerrando os punhos.) Ah! que se não fosse mulher!...

MARIANNA

Era homem. (Áparte.) Forte bruto!...

MANUEL, tirando o chapéo e amarrotando-o

Que diabo disse vossê a sua ama, que a fez logo levantar ferro?

MARIANNA, apontando-lhe para a porta

Disse-lhe que a porta da rua era a serventia da casa.

MANUEL, esmagando mais o chapéo nas mãos

Um tufão te abysme, galeota de beque arrebitado! Quanto te pagam para seres tão mal criada?

MARIANNA, furiosa

Biquinho calado e rua! Não tinha eu mais que fazer, senão aturar similhante animal! Por onde entrou vossê aqui?

MANUEL

Por onde vossê havia de sair, se eu casasse com sua ama. Essa proa havia de mer-

gulhar, com o peso da obediencia e com o lambaz da cosinha pelas bochechas.

MARIANNA, cae sentada n'uma cadeira, rindo ás gargalhadas

Casar com minha ama?! Vossê veiu aqui para isso? Tambem é pertendente! (Rindo.) Ha! ha! ha! ha! Eu morro de riso!... (Levanta-se.) Vae-te d'aqui, labrego alcatroado, cuécas breadas, bote de fanico!... Não foi para bocca de asno que se fez o mel!

MANUEL, que ia saindo, voltando atraz

O que lhe vale, sua catraia de pinho velho, é ser criada de quem é, senão havia de tratal-a como um chaveco de moiros!

Sae furioso.

SCENA X

MARIANNA, depois D. MARIA

MARIANNA, indo atraz d'elle, com o punho fechado

Foge, animal, que te deito as mãos ás guellas!

D. MARIA

Que é d'elle?

MARIANNA

Saiu agora mesmo; apezar da recomm dação que a senhora me fez, estive par esganar!

D. MARIA

Que dizes, mulher? eu fallo-te de ı tio.

MARIANNA, consternada

Oh! Senhor!... Eu ainda não o vi!

D. MARIA

Tem estado até agora na escada?! Va me Deus! Quem sabe se se foi embora, quanto eu mudei de vestido! (Corre para a da escada, e falla para fora.) Ah! ainda bem não saiu! Peço-lhe mil perdões... esqu ram-se de me avisar logo e tive que atı um importuno!... Tenha a bondade de su

Á medida que falla vem vindo para dent

JOSÉ, apparecendo á porta

Sem incommodo, sem incommodo. não sou de ceremonia.

Entra com o chapéo na mão, fazendo muitas cortezi

D. MARIA

Marianna, vae pôr o almoço na mesa.

Marianna sae.

SCENA XI

D. MARIA e JOSÉ

JOSÉ, áparte

Dir-se-ia que estavam á minha espera?! e acho acertado que me convidem para almoçar.

D. MARIA

Muito me alegro de o ver! Quando chegou? Teve boa viagem?... ou veiu por terra?

JOSÉ, áparte

Não me consta que haja caminho por mar para a rua de Buenos-Ayres! (Alto.) Quando cheguei?... Agora mesmo. A viagem foi soffrivel; mas, quando eu estava na escada, á espera de... de poder fallar a v. ex.ª...

D. MARIA

Peço-lhe que me trate sem ceremonia.

JOSÉ, áparte

Isto parece incrivel! Então sabe ella ao que venho... e consente?! (Alto.) Bem; eu...

D. MARIA, indicando-lhe uma cadeira

Assim ficamos melhor.

Senta-se.

JOSÉ, sentando-se

Concordo. Mas, como ia dizendo, quando eu estava na escada, saíu d'aqui um homem furioso; ia tão cego, que vindo eu a subir ao tempo em que elle descia, pregou-me um pontapé na bocca do estomago e atirou comigo ao meio da rua!

D. MARIA, affectuosamente

Oh! que desgraça!... feriu-se?

JOSÉ

Esfollei um joelho e tenho estado a chiar com dores n'um quadril... (apalpando o estomago) fóra o que por aqui vae! Porém, isto não é nada; á vista do seu lindo rosto senti-me logo melhor.

D. MARIA, modestamente

Ora... poupe as amabilidades e fallemos

outra coisa. (Áparte.) Não lhe acho cara de
!

JOSÉ

Fallemos do que quizer, embora não haja
ra mim nenhum assumpto tão interessante
mo a sua formosura.

D. MARIA, áparte

Mau! (Alto.) Ainda não me disse como
ertou com a minha morada; eu mudei-me
ntem á noite e não tive tempo de o avi-
r.

JOSÉ

De me avisar?! (Áparte.) É o que eu digo:
sou conhecido e até era desejado! (Alto.)
iem me ensinou foi um dos moços que fez
mudança.

D. MARIA

A causa é sempre a mesma, que lhe te-
o mandado dizer nas minhas cartas.

JOSÉ

Nas suas cartas?... (Áparte.) Oh! diabo!...
ra é que eu percebo que me toma por
ro! (Alto.) Bem sei; nas que me tem es-
pto.

D. MARIA

E sinto dizer-lhe, que me parece q
chegaremos a um accordo sobre o q
diz na sua ultima, e que foi a origem
ter o gosto de o conhecer.

JOSÉ, atrapalhado

Hum... isso é grave; a minha ul
ultima carta? Supponhamos que foi
pta... (Áparte.) Eu estou em brasa! qu
diria a tal carta?

D. MARIA

Talvez sem ter pensado sufficiente
Como vem só!...

JOSÉ

Exactamente; foi falta de reflexão
isso vim só. (Áparte.) Parece-me que fa
um papel bonito?! Se podesse apro
me do engano?...

D. MARIA

Mudou de opinião?

JOSÉ

Mudei.

D. MARIA

E elle não vem?

JOSÉ, distrahido

Elle?... (Caindo em si.) Ah! sim, bem sei; hum... desconfio muito que... que... parece-me, que não póde vir.

D. MARIA, admirada

Então o tio não sabe?

JOSÉ

Qual tio? (Áparte.) Quem será agora o tio?

D. MARIA

Qual tio? Essa não está má!

JOSÉ

O tio do rapaz? Agora me lembro! Isso conforme... (Áparte.) Já não acho furo para sair d'esta situação!...

D. MARIA, áparte

Parece que se está divertindo comigo?! (Alto.) Meu tio, deixemo-nos de rodeios e fallemos com toda a franqueza.

Levanta-se.

JOSÉ, áparte

Ah! o tio sou eu! (Alto.) Pois sim, fallemos com franqueza.

Levanta-se.

D. MARIA

Diga-me se elle vem ou não?

JOSÉ, áparte

Respondo ao acaso. (Alto.) Não.

D. MARIA

Ainda bem! Eu estava descontente com o tio por se lhe ter mettido na cabeça querer casar-me com o seu protegido; mas, como já não pensa em tal, sou outra vez sua amiga.

JOSÉ, áparte

Toca a tirar partido. (Alto.) É verdade, querida sobrinha; mudei de parecer porque a gente vê caras e não vê corações. Eu cá sou assim! E em vez de querer casal-a com... com o tal mariola, resolvi... resolvi... Eu logo lhe direi o que resolvi.

D. MARIA

Comtudo, eu desejava conhecel-o... por

›les curiosidade. Elle é moço? é bo-
? como se chama?

JOSÉ, áparte

á vae, seja por alma de quem fôr! (Alto.)
l historia! tem uma figura exquisita, é
como um bode, e chama-se Fabião.

D. MARIA

redo! Porém, o tio dizia-me na sua
a, que se tratava de um bom rapaz
ıeria que elle fosse meu marido?!

JOSÉ

ra! dizia, dizia... pois eu disse isso?
anei-me; a gente não se póde enganar?
te.) Vou declarar-lhe tudo; já não posso
onder direito.

SCENA XII

D. MARIA, JOSÉ, MARIANNA

MARIANNA

stá o almoço na meza.

JOSÉ, áparte

Então fallaremos depois de almoçar, para que ella me não ponha na rua com a barriga a dar horas.

D. MARIA

Vamos para a meza.

JOSÉ

Eu já almocei; mas, para lhe fazer companhia... (Áparte.) Estou com mais fome do que o thesouro publico!

D. MARIA

O tio ha de contar-me alguma coisa a respeito do Porto, dos seus negocios, e tambem me ha de dizer aonde está o seu afilhado, sim?

JOSÉ, áparte, desanimado

Lá se me foi o apetite! Só me falta que venha por ahi o tio verdadeiro desancar-me a bengalladas!

D. MARIA

Está tão distrahido, tão triste?!

JOSÉ

Eu, triste? Querida sobrinha... vamos almoçar.

Saem.

SCENA XIII

MARIANNA, *depois* LUIZ

MARIANNA

O tio parece-me atoleimado!

LUIZ, *empurrando a porta do fundo*

Afflictus sum.

MARIANNA

Temos outro?!

LUIZ, *entrando e fallando distraidamente*

Afflictus sum, et humiliatus sum nimis...

MARIANNA

Que quer isso dizer? Entra-se assim, sem mais nem menos?!

LUIZ, *passeando, sem lhe dar attenção*

Rugiebam à gemitu cordis mei.

MARIANNA, *áparte*

Este homem é maluco!

LUIZ

É como diz o Santo rei poeta, no versiculo oitavo do Psalmo trinta e sete.

MARIANNA, áparte, e com medo

É doido, com certeza!

LUIZ

E assim o digo eu, vendo-me apanhado por um folhetinista.

MARIANNA

Que tal?!

LUIZ

Tornei-me similhante a um homem que não ouve e que não sabe responder. Et factus sum sicut homo non audiens, et non habens in ore suo redargutiones.

MARIANNA

Estou a tremer!... Ó senhor?! que quer aqui?

LUIZ, passeiando

Tirarei uma vingança espantosa.

MARIANNA, *afastando-se*

Santa Barbara! Vou chamar o tio da senhora para que ponha este facinora na rua.

LUIZ, *rangendo os dentes*

Matal-o-hei!

MARIANNA, *atterrada, áparte*

Credo! Que assassino!

LUIZ, *encarando com ella*

Quero sangue!

MARIANNA, *quer fugir, e Luiz toma-lhe a porta*

Misericordia! quem me acode?!

LUIZ, *como caindo em si*

Ah! és tu, Joanna?! Põe para ahi o meu chapeo.

Dando-lh'o.

MARIANNA, *recusando o chapeo*

Qual Joanna? Eu não o conheço.

LUIZ

Tens razão, *rapariga*; nem eu mesmo me

conheço; a ira deve ter-me desfigurado! Aonde está minha mulher?

SCENA XIV

MARIANNA, JOSÉ, D. MARIA, LUIZ

D. MARIA

Que significa similhante gritaria? Quem é aquelle senhor?

MARIANNA

Não sei.

LUIZ, encarando todos com espanto

Que historia é esta? Que faz aqui toda esta gente? Não conheço ninguem! (Olhando á roda de si.) Ora esperem; eu estarei realmente doido? Esta casa não é a minha! (Vae ver á porta.) Aqui é o primeiro andar e eu moro no segundo!...

MARIANNA

Mora?! sempre me pregou um susto!...

LUIZ

Vinha distraido e entrei sem saber o que fazia.

D. MARIA

A minha delicadeza não me permitte duvidar da sua abstracção, mas acho-a bastante original; não lhe parece, meu tio?

JOSÉ

É originalissima! (Aparte.) O que eu queria era sair... fiquei sem pinga de sangue, cuidando que seria o sugeito, que eu estou representando!

LUIZ, cumprimentando

Minha senhora, a causa do meu equivoco é terrivel! é d'estas de metter os tampos dentro, e deixar o homem prudente sem saber o que ha de fazer da prudencia! Com licença.

Torna a cumprimentar e sae.

SCENA XV

D. Maria, José, Marianna

D. MARIA

Fecha a porta, Marianna, para evitar que o visinho se torne a enganar.

JOSÉ, áparte

Que lôgro!... pois não hei de achar uma idéia, que me ajude a sair d'esta entalação?!

MARIANNA, espreitando para a escada

O homem ainda alli está parado e a fallar só.

D. MARIA

Comtanto, que não venha outra vez incommodar-me!...

MARIANNA, fechando a porta

Não tenha receio.

Corre o fecho.

D. MARIA, a José

Espero que nos deixarão agora concluir o nosso almoço... (Vendo José distrahido.) Em que está o tio sempre a scismar?!...

JOSÉ

Eu queria... queria... (Áparte.) Oh! diabo! então não ia dizer-lhe, que me queria escapar?!

D. MARIA

Queria, queria! Está com uns mysterios que me fazem curiosa! (Sorrindo.) Queria tal-

azer o afilhado? Pois acabemos de al-
· e permitto-lhe que vá depois bus-

JOSÉ

ıe, querida sobrinha, vá andando, que
a sigo. Preciso combinar aqui um pro-
para... emfim, eu já vou.

D. MARIA, áparte

e original! (Alto.) Não se demore.

Sae com Marianna.

SCENA XVI

JOSÉ, em scena, LUIZ, na escada

JOSÉ

los modos tambem ha um afilhado?!
ı arranjadinho! É tudo assim n'este
lo!... Desejamos com ancia uma coisa
ıuer e quando a conseguimos, ficamos
ıontados! A posse é inimiga da poesia;
ıanto lidamos por alcançar o objecto
.o, tudo nos encanta e seduz; alcança-
) e logo nos aborrece!... Mas que si-
:a esse discursar, senhor José Rodri-

gues Peixoto? Que foi que alcançou, que é que possue, para estar a alazoar d'esse modo?

LUIZ, na escada

Oh! vaidade das vaidades! Afflictus sum et humiliatus...

JOSÉ, indo escutar á porta

Hein?

LUIZ, idem

Rugiebam a genitu cordis mei.

JOSÉ

Estão a fallar latim na escada?!

LUIZ, idem

Fui affligido, cai na derradeira humilhação, e a dôr intima arrancou-me do peito rugidos temerosos!

JOSÉ

Aquillo será comigo? (Abrindo a porta cautelosamente e espreitando.) Oh!... com a fortuna! É o homem que esteve aqui ha pouco... Parado na escada?... está á minha espera! Eu logo desconfiei d'elle!...

LUIZ, idem

Conta com as represalias, patife! O me-
's que te hei de fazer é estriparte.

JOSÉ, fechando precipitadamente a porta

Ai! que é um assassino! Metti-me em
›a, não tem duvida! Aqui está o resultado
› eu querer casar! Ha seis mezes que se
e encaixou esta idéa na cabeça, e zás!
ısseando) toca a procurar mulher! Disse-
m-me, que esta viuvinha possuia grossa
aquia e que seria pechincha para quem a
›anhasse; não foi preciso mais nada para
ı me pôr a andar pela sua rua vinte vezes
ı dia! Afinal, resolvi fallar-lhe, persuadido
› que ella tivesse feito reparo na minha as-
luidade... Que pedaço d'asno! Procurei-a
›ntem e tinha-se mudado; por fortuna, ou
›r desgraça, encontro um moço, que, por
›is tostões, teve a condescendencia de vir
sinar-me a nova residencia da senhora dos
eus pensamentos; bato á porta, espero
eia hora, mandam-me entrar e a prova de
nor, que recebo da mulher a quem tenho
ımorado é chamar-me seu tio! (Parando.) Eu

já não sou criança... Mas a verdade é que estão á espera de outro, cujo logar eu usurpei, e se elle chega por ahi, quebra-me as costellas!... Agora é tarde para me declarar pertendente... asfixiava-me, atolado no ridiculo da situação!—Não sei como responder ás perguntas que me fazem; quero fugir e está um homem na escada para me assassinar!... É uma bonita posição!

SCENA XVII

JOSÉ e MANUEL

MANUEL, abrindo a porta

Minha senhora?... oh! lá!

JOSÉ, atterrado e áparte

Ai! que me esqueceu correr o fecho! Eil-o comigo!

Volta-lhe as costas.

MANUEL, approximando-se-lhe

Quero fallar á dona da casa.

JOSÉ, tremendo e andando de costas voltadas para Manuel

Assassina-me pelas costas, malvado. Os

mens da tua laia não teem a nobre coram de atacar o seu adversario de frente, gundo as leis da honra.

MANUEL, olhando para elle com admiração

Eu arrebento este diabo com um pontapé! tá a mangar comigo?!

JOSÉ, sentindo-o approximar, áparte

O tigre sedento vae precipitar-se sobre m!... Já sinto o estomago embrulhado!

MANUEL

Então, vossê falla, ou fica ahi a mascar la a viagem?

JOSÉ, áparte

Ih! que vontade com que elle me está!... re-me de meio a meio!... Visto que não sso escapar-lhe, quero ao menos morrer n indecencia. (Gritando.) Miseravel! eu fui litar... deixa-me, pois, perder a vida ıdo as vozes de commando... — Apon-!— (Áparte.) Com esta berraria deve accugente e salvo... a dignidade. (Alto.)—Fogo!

MANUEL, dando-lhe um pontapé

A bombórdo! (Dando-lhe outro.) A estibórdo!

JOSÉ, fugindo

Ai! os meus quadris! Parece-me que já senti o impulso d'esta bota? (Volta-se.) É elle! é o bruto, que me atirou do alto da escada ao meio da rua!

SCENA XVIII

D. MARIA, MARIANNA, MANUEL, JOSÉ

D. MARIA

Que inferno de casa!... ando de mal para peior!

MANUEL

Queira perdoar...

D. MARIA

O senhor!... outra vez aqui? É demais! logo vi que esta gritaria...

MANUEL

Não fui eu que...

JOSÉ

Se lhe parece, diga que fui eu! Este

homem, minhas senhoras, queria assassinar-me!

D. MARIA e MARIANNA

Assassinal-o?!

JOSÉ

É verdade; e se não fôsse uma resistencia heroica, um esforço inaudito e sublime...

D. MARIA, a Manuel

Porque razão quiz matar meu tio?

MANUEL

Seu tio? Perdão!... juro, que não lhe fiz mal... Vim aqui para fallar com a senhora.

JOSÉ, apalpando os quadris

Elle jura, que não me fez mal?!...

D. MARIA

Não posso perder o meu tempo; tenho mais que fazer.

MANUEL, supplicante

Um momento, só um instante; pela ultima vez lh'o peço.

MARIANNA, a D. Maria, baixo e rindo

Não vê a cara com que elle está? Ape-

zar de ser tão abrutado, acho-lhe um ar de tristeza, que me faz pena!

D. MARIA, a Manuel

Diga o que quer; acabemos por uma vez com estas impertinencias.

MANUEL

Desejava fallar-lhe sem testemunhas... (Vendo que D. Maria faz um gesto negativo.) Oh!... faço voto de não lhe dizer coisa que a magoe.

D. MARIA

Deus me dê paciencia!... Ouvil-o-hei; volte d'aqui a meia hora.

MANUEL

Obrigado, minha senhora, muito obrigado; cá estarei no ancoradoiro da sua bondade d'aqui a trinta minutos.

D. MARIA

Caro tio, agora prometto-lhe socego; assim que sair este senhor (aponta para Manuel) metterei a chave da porta na algibibeira e

guardal-a-hei, pelo menos emquanto estivermos á mesa.

JOSÉ

Bem lembrado! (Áparte.) Eu vou saltar pela janella.

MANUEL, que vae para sair

Larga gavias! Bota cutéllos fóra.

SCENA XIX

D. MARIA, JOSÉ, MANUEL, MARIANNA, LUIZ

LUIZ, abrindo a porta e deitando a cabeça

Afflictus sum... Será aqui a minha casa?

JOSÉ, aterrado

Soccorro! Ahi vem o outro!

D. MARIA, impaciente

Eu perco a cabeça! Os senhores combinaram-se todos para me endoidecer?!

LUIZ, á porta, com um jornal na mão

Desculpe... Subi tres vezes até ás aguas-furtadas e desci outras tantas até á rua, sem

achar a minha porta. (Riem-se todos.) Ah! zombam da desventura?! Com licença!

Sae. Manuel, cumprimenta, e vae tambem para sair; D. Maria, dispõe-se a fechar a porta; José olha para uma janella e Marianna vae entrando para a direita.

LUIZ, na escada

Humiliatus sum nimis... (Mettendo a cabeça.) Aqui não é o segundo andar?...

Riso; cae o panno.

ACTO SEGUNDO

A mesma sala do primeiro acto

SCENA I

JOSÉ, só, entrando

Sempre consegui alguma coisa, que foi comer sem dar palavra! Mas o meu procedimento desagrada, e D. Maria não está contente comigo... Paciencia. O meu desejo é pôr-me a cem leguas d'aqui! Está claro que não me posso demorar mais e que é prudente aproveitar o ensejo... (Vae á porta.) E a chave da porta? Estou engaiolado! (Indo á janella.) É alta como trezentos diabos!... um salto d'aqui abaixo era morte certa! (Voltando para a scena.) Ai! se chegam a saber, que vim cá para pedir a mão á viuvinha e que representei este papel?!... Posso quasi jurar, que me não tiro d'esta a limpo!

SCENA II

JOSÉ e MARIANNA

MARIANNA

V. s.ª faz favor de ir para a sala grande, antes que chegue o sujeito que ha de vir fallar com a senhora.

JOSÉ

O maritimo?

MARIANNA

Sim, senhor.

JOSÉ

Pois vamos lá. É verdade, que eu tinha muita necessidade de sair por um instante...

MARIANNA

A senhora manda-lhe pedir que não saia, por ora.

JOSÉ, áparte

Está dito; não escaparei sem passar pela vergonha de confessar ao que vinha... dou um escandalo! (Alto.) Ó menina?... menina?... Como é a sua graça?

MARIANNA

Marianna, uma sua criada.

JOSÉ

Diga-me, linda Mariannïnha, esta casa tem só uma porta para a escada? Não ha outra de serviço dos criados?

MARIANNA

Ha sim, senhor; é a que deita para a cozinha.

JOSÉ, *áparte*

Bom! Sempre me serviu a esperteza!

MARIANNA, *áparte*

É bem ratão o tal tio!

JOSÉ, *áparte*

Emquanto D. Maria estiver distraída com o alarve, ganharei eu a porta da cozinha...

MARIANNA

Se o senhor quer, que lhe ensine a outra sala?...

JOSÉ

Se quero?... Estava esperando que a menina tivesse a bondade de me encaminhar.

MARIANNA, áparte

Agora põe-se em ponto de rebuça vae ella!

JOSÉ

Ó Mariannioha?... eu desejava sab coisa.

MARIANNA

Falle; se eu podér dizer-lh'a... co o gosto.

JOSÉ

Quem esperavam por cá antes da chegáda?

MARIANNA

Ninguem.

JOSÉ

Mas... o tio de sua ama?

MARIANNA

O senhor?

JOSÉ

Não... (Áparte.) Ai! que asneira! (Alto eu... Não me esperavam já?

MARIANNA

Decerto; v. s.ª tinha mandado di

ua carta, que vinha o mais depressa possivel...

JOSÉ

Ah!... que vinha o mais breve possivel? É que... não me lembrava de ter dito isso. (Áparte.) O outro não tarda por ahi! Em ultimo caso, enfio pela chaminé.

MARIANNA, áparte

Está outra vez casmurro! Apósto, que padece da bola?!

SCENA III

D. Maria, José, Marianna

D. MARIA

Marianna, abre a porta. (Dando-lhe a chave.) O tio tem coisa que lhe dá grande cuidado?! Desculpe a indiscripção... acho-lhe não sei que sombras e devaneios que... Salvo se antipathisou comigo?! (Áparte.) Que eu pago-lhe na mesma moeda.

JOSÉ, áparte, sem responder a D. Maria

Como hei de eu sair d'aqui?

D. MARIA

Não responde, meu tio? É certo que não sou muito do seu agrado?

JOSÉ, distrahidamente

Isso conforme; sendo por... por... talvez...

D. MARIA, com despeito

Porquê? achou-me algum defeito? Quem é que os não tem?!...

JOSÉ, emendando-se

Defeitos? Qual historia! Uma senhora completa, linda como um anjo, amavel, graciosa, hospitaleira...

D. MARIA, rindo

Basta, basta! eu não posso com tudo isso.

JOSÉ

Affianço-lhe, que não exaggero.

MARIANNA, que tem aberto a porta

Lá está o homem no fundo da escada, e de relogio na mão!

D. MARIA

Manda entrar.

MARIANNA, saindo á escada

Ó senhor? queira subir.

MANUEL, no fundo da escada

Ainda me faltam dois minutos.

D. MARIA, áparte

Ah! é de uma exactidão seccante!

JOSÉ, áparte, indo para sair

Vou passar revista á porta da cozinha...

D. MARIA, a José

Rogo-lhe que fique. (Áparte.) Mudei de resolução; não quero estar só com o outro.

JOSÉ, áparte

Adivinhou-me o plano! (Alto.) Eu já venho, estimavel sobrinha. (Áparte.) Em todo o caso, sondemos o terreno, para o que der e vier.

Sae.

D. MARIA, indo á porta da escada

Senhor... Manuel; parece-me que é este o seu nome?

MANUEL, no fundo da escada

De Fanhões, minha senhora.

D. MARIA

Tenha a bondade de subir.

MARIANNA, rindo

Diz, que lhe falta mainda dois minutos!...

D. MARIA, a Manuel

Apreciо muito a sua pontualidade, mas peço-lhe que não exaggere. Queira entrar.

MANUEL, que vem subindo

A senhora manda, não pede. (Apparece.) Eu gósto do rigor em tudo; nós os marinheiros nunca observamos o sol senão ao meio dia em ponto.

SCENA IV

D. Maria, Manuel, Marianna

MARIANNA, áparte

Que quererá elle dizer á senhora?!

D. MARIA

Pelo que me parece, o senhor Manuel gosta muito da sua profissão?

MANUEL

gósto? Como o peixe gosta da agua!

D. MARIA

em viajado muito?

MANUEL

melhor o caminho do Porto a Goa,
ie do caes da pedra á hospedaria da
Thereza. Conheço todos os mares em
ode navegar um navio, e todas as cos-
ı que, quando se escapa do naufragio,
ı na bocca dos selvagens.

D. MARIA

n effeito! Deve ter começado a sua
ra muito cedo?

MANUEL

ıba quinze annos da primeira vez que
rquei, por gosto, já se sabe.

D. MARIA, áparte

.e, ao menos, tem o interesse da novi-
! (A Marianna.) Vae dizer a meu tio que o
o.

Marianna sae.

SCENA V

D. MARIA e MANUEL

MANUEL

Peço perdão; eu tinha que dizer-lh

D. MARIA

Bem sei; prometti-lhe de o ouvi testemunhas, porém meu tio é pessoa nha confiança e...

MANUEL

A senhora receia estar só comig (com tristeza) tem razão; não me conl e eu sou um bruto; não sei fallar de que lhe agrade!...

D. MARIA

Senhor!... Acaso meu tio não pode vir o que quer dizer-me?

MANUEL

Lá, poder, póde... eu é que tenho nha...

D. MARIA

Tem vergonha?!

MANUEL, perturbado

Não sei se disse bem? A bórdo cc

) pelo seu nome; entendo da manobra, o é minha obrigação; se arrebenta um e, um amantilho, ou desarvóra um maso, grito logo: — Guarda de baixo, com)s os diabos! — E, apezar d'isso, vem 'ezes lá de riba um moitão ou um caıal, que faz um homem em... Perdão!

D. MARIA

e continua n'esses termos, nem só nem npanhada o ouvirei; querendo que lhe ıttenção, falle com mais cautella.

MANUEL, erguendo as mãos, supplicante

)h! minha senhora! tenho medo de abrir ɔcca para fallar... receio offendel-a! — E ia ter aprendido e ser hoje homem de , como qualquer outro! Tenho um pro- or, um amigo, que é muito rico, e que gostou nunca de que eu me deitasse á ıtagem.

SCENA VI

ɪanuel, Marianna, José, D. Maria

MARIANNA

ɩqui está seu tio, minha senhora.

JOSÉ, baixo a Marianna

Prudencia! Não diga que me viu na cozinha, se quer a minha protecção.

MARIANNA, baixo a José

Que fazia v. s.ª na chaminé?

JOSÉ, idem

Fui ver se tinha pegado fogo; pareceu-me ver saltar uma faisca...

MARIANNA, idem

O lume estava apagado.

JOSÉ, idem

Tem certeza d'isso? Então seria o espirro de um cigarro, que eu ia fumando...

MARIANNA, idem

Um cigarro espirrando?! Nunca tal ouvi! (Abanando a cabeça.) Nada; aqui anda marosca!

JOSÉ, idem

Se não deseja perturbar a paz domestica, seja prudente e cale-se.

D. MARIA, que tem estado a fallar com Manuel em voz baixa

Isso não é razão para impedir que meu tio esteja presente.

MANUEL

Não podendo ser de outro modo!... Mas desconfio, que não fallarei com a mesma coragem que teria, se estivesse só com a sua pessoa.

D. MARIA

Tão feio é o que vae contar-me?!

MANUEL

Para a senhora... não digo que não; mas para mim...

D. MARIA

Para o senhor é bonito?

MANUEL

Oh! mais bonito do que o mar!... do que o meu navio, quando corre com todo o panno e vento largo!

D. MARIA

Então deve ser interessantissimo, porque

eu não sei que haja coisa, que possa comparar-se em belleza com um navio á vela. Pois bem; espere um momento.

Sae.

MARIANNA, áparte

A senhora vae-se embora e deixa-me aqui com estes monos? Ora!... elles que se divirtam ambos!

Sae.

SCENA VII

José e Manuel

JOSÉ, áparte

Não posso sair pela chaminé; é muito estreita.

MANUEL, áparte

Aonde iria ella? (Olhando para José.) Este diabo podia-me servir para alguma coisa, se quizesse?! (Alto.) Com que então o senhor é tio cá da sua sobrinha, hein?

JOSÉ, reparando em que está só com Manuel, áparte

Deixaram-me só com elle? Estou bem arranjado!

MANUEL, áparte

Tenho vontade de o desfazer! Se não fosse parente!...

JOSÉ, áparte

Oh! que inspiração! A porta está aberta... pés ao caminho!

Parte a correr direito á porta da escada.

MANUEL, deitando-lhe a mão a um braço

Fallo eu ou chia algum carro, ó sô amigo?... Vossê cuida, que por ser tio?... porém é o que lhe vale!

JOSÉ, áparte

Vae esganar-me! (Alto.) Eu peço perdão... e prometto-lhe...

MANUEL

Promette fallar a meu favor?

JOSÉ

Prometto! pela minha salvação. (Áparte.) As mãos d'este animal parecem duas tenazes!

MANUEL

Está dito; já aqui não está quem fallou.

(Largando-o.) Empenhando-se o tio por mim, sempre as coisas podem mudar para melhor.

JOSÉ

Podem, podem.

MANUEL

E vossê faz-me esse favor?

JOSÉ

Esteja descançado; hei de fallar ao tio.

MANUEL

A qual tio?

JOSÉ

A qual tio? ao tio... de... d'elle... não? É ao tio d'ella?...

MANUEL

Se adivinhasse, que vossê estava a mangar comigo!... (ameaçador) era capaz de o atirar ao tope do mastareo de sôbre!

JOSÉ, tremendo

Santa Maria Magdalena! Valham-me todos os santos da côrte do céo!

MANUEL

Diga a quem ha de fallar.

JOSÉ, áparte

Elle tinha dito ao tio?!... que tio será? Estou ás portas do purgatorio! (Alto.) Ora vamos; supponha que... que eu queria fallar a seu tio?

MANUEL

Hein? eu tenho aqui algum tio?

JOSÉ, áparte

Oh! com os diabos! tambem não é o d'elle. E não apparece ninguem!... vou ser moido!

MANUEL

Que boas costas que vossê tem para a ponta de um virador! Se não fosse parente de uma sobrinha tão bonita?!...

JOSÉ

Isso é muita delicadeza da sua parte! (Áparte.) Deus queira que a primeira vez que embarcares, vás parar ao buxo de um tubarão!

SCENA VIII

José, D. Maria, Manuel

D. MARIA, que traz um livro na mão

Ó tio, quer fazer-me um favor?

JOSÉ, que não respondeu logo, depois de alguns instantes de hesitação e vendo que D. Maria olha para elle com espanto

É comigo?

D. MARIA

Quem é aqui meu tio?

JOSÉ

Ah! é verdade, sou eu.

D. MARIA

Quer dar-me novas provas da sua amabilidade?

JOSÉ, com desconfiança

Com a melhor vontade...

D. MARIA

Muito obrigada. (Pega n'uma cadeira, que vae collocar ao pé da janella.) Visto que tem tanta bondade, peço-lhe que se sente aqui.

JOSÉ, admirado

Que vou eu fazer?

D. MARIA

Recreiar-se. (Dando-lhe o livro.) Leia este livro.

JOSÉ, sentando-se e pegando no livro

Que leia?! (Áparte.) Para que diabo será isto agora?

MANUEL, áparte

Raios me partam, se eu entendo o que ella faz!

D. MARIA, a José

Então?... está prompto?

JOSÉ, abrindo o livro

Prompto. É um livro de versos!... leio do principio?

D. MARIA, indo sentar-se do lado opposto a José e convidando Manuel para que se sente

Já vê, que pode fallar com desafogo; temos uma testemunha, que não ouvirá nada do que o senhor me disser.

MANUEL, áparte

Não quer estar só comigo! paciencia. (Alto.) Eu fico-lhe muito obrigado por ter tido esta lembrança; se seu tio estivesse aqui ao pé de nós, atrapalhava-me completamente.

JOSÉ, áparte

Elles vão collocar-se tão longe para me ouvir ler! Quem sabe se querem dar cabo de mim, obrigando-me a gritar até enrouquecer?

D. MARIA, a Manuel

Estou prompta para ouvil-o.

MANUEL, áparte

O peior é que eu não sei como hei de começar!...

JOSÉ, áparte

Principiemos. Vou ler ao acaso e pregar syllabada de metter medo!

MANUEL, a D. Maria

Ha um anno, minha senhora...

JOSÉ, lendo em voz muito alta

Sempre se pule o humano entendimento
Co'a perspicaz e livre controversia...

D. MARIA, interrompendo-o

Meu tio?!...

MANUEL

Perdi o rumo! Tenho de cartear de novo.

JOSÉ, lendo mais alto

Mas é trabalho vão, tempo perdido,
É nulla a sonda, fundo não havendo...

D. MARIA, levantando-se

Senhor?!...

JOSÉ, fechando o livro

Eu cuidei que não se ouvia; vejo-os lá tão longe!...

D. MARIA, rindo

Porém, nós não queremos ouvir.

Senta-se.

JOSÉ

Então para que querem que eu leia?

D. MARIA, sorrindo

Para quê? Para que o tio não oiça tambem.

JOSÉ

Ah! percebo; não me é permittido saber o que teem que dizer.

D. MARIA

Exactamente, querido tio.

JOSÉ, levantando-se

N'esse caso, excuso de estar aqui. (Áparte.) Posso mudar-me emquanto elles conversam.

D. MARIA

Convem-me, que esteja presente; póde ver, mas não, ouvir.

JOSÉ, sentando-se

Sou um confidente mudo e surdo?... (Áparte.) Agradeço-lhe não me ter feito tambem cego. Parece que adivinha a vontade com que estou de me ver na rua!...

MANUEL, áparte

Já não sei da minha latitude! Aquelle diabo foi como um temporal desfeito; desorientou-me!

D. MARIA, a Manuel

Póde continuar.

JOSÉ, áparte, abrindo o livro

Quem ha de ter cabeça para ler, n'uma posição d'estas. Lê para si.

MANUEL, a D. Maria

A *Licór*, que costumava navegar do Porto para a India, arribou a Lisboa, com agua-aberta, no mez de junho do anno passado. Foi quando eu vi a senhora pela primeira vez.

JOSÉ, áparte

Estou com tanto somno!

MANUEL, continuando

Desde então até hoje, não se passou um só dia em que eu não alegrasse os meus olhos com a vista dos seus.

D. MARIA

Ah! tem-me visto sempre?

MANUEL

Sempre.

D. MARIA

Eu nunca vi o senhor Manuel!

MANUEL

Escondia-me para a contemplar; envergonhava-me, temia que me visse, porque sei que não passo de um marinheiro bruto e grosseiro.

D. MARIA, áparte

Afigura-se-me, que fui ainda mais g seira do que elle, no modo por que o tei esta manhã!

MANUEL

E quando a vi, d'essa primeira vez, ai a senhora não era viuva!... Apezar d'i: logo que o meu navio se aprompton p sair, despedi-me do capitão!... Eu ti muita amizade á *Licór!* e era tão estim pela tripulação e pelo commandante (muito commovido) mas declarei, que não co nuava a ser piloto d'aquelle navio, que tinha levado ao fim do mundo sem me com os ossos nos cachopos!... A paga lhe dei, foi deixal-o ir sem piloto por es mares fóra!

D. MARIA, affectuosamente

Porque fez isso, sabendo que fazia m

MANUEL

Por quê?... (Animando-se.) Para poder a senhora todos os dias...

D. MARIA, áparte

Cortar a sua carreira, só pelo gosto

me ver!... (Alto.) Eu era casada e o senhor não devia...

MANUEL

Lá isso, é verdade; eu não devia continuar a procural-a; mas sentia uma coisa no coração, que puchava mais por mim do que a vontade e o dever. Apartei-me do capitão, que era meu amigo — não é por me gabar mas sentiu muito a minha falta!... e a marinhagem?! coitados!... (Limpando as lagrimas.) Palavra de honra, que choravam todos como se eu fosse um filho que perdiam!

D. MARIA, commovida

E fui eu a causa?! (Áparte.) Nunca imaginei que um homem tão rude possuisse um tal coração!

MANUEL, soluçando

Pagaram-me a minha soldada... e a *Licór* saiu sem mim! Era a primeira vez que isso lhe acontecia... e, digo-o sem basofia, a barca ia tão triste como eu ficava! A bórdo não quizeram tomar outro piloto, esperando que eu me arrependesse e que fosse ter ao Porto; mas, qual historia! fui-me esquecendo

d'elles todos pouco a pouco!... A lembran(da minha vida passada apagára-se na estei do meu navio; a estrella do meu norte e já outra! Que importava o mar ao mai nheiro, que fugira para a terra?!

D. MARIA, áparte e com tristeza

Sinto-me commovida, agitada, nervosa!. Dir-se-hia que me comprazo de ouvil- grande imprudencia foi a minha!

JOSÉ, olhando para elles, áparte

Parece que estão a chorar?! Eu tin tanta vontade de dormir!... se não fosse receio de acordar assassinado?...

Continua a ler

MANUEL

Nunca esperei que a senhora me atte desse; porém, quando morreu seu marid senti uma claridade desconhecida entrar-t na alma; era, talvez, o santelmo da esp rança, brilhando na cerração que me cerca ou a terra nova, que eu buscava — deffen da ainda pela braveza da costa e pela fu do mar que me impellia contra ella!...

D. MARIA, áparte, com admiração

É um grande poeta, sem encadernação! (Alto.) E persistiu em vêr-me?

MANUEL

Sempre! Na rua, segui-a de longe; acompanhava-a aos passeios e ás egrejas; e quando tomava agua benta na pia onde a tinha visto mergulhar os dedos, parecia-me sentir um balsamo perfumado cair-me no coração! Postava-me como sentinella fiel em frente da sua casa e não vivia senão da sua vida. Conhecia, que demandava um porto inacessivel, no fim de uma viagem perigosa; mas, costumado desde pequeno a cumprir o meu dever, dizia comigo: — Sem ella não ha salvamento; vêl-a na minha companhia a bórdo da *Licór* e dar a sua riqueza aos pobres, para que ella me devesse tudo, eis o sonho do pobre marinheiro!...

D. MARIA, áparte

Sublime! (Contendo-se.) Tantas qualidades boas, e não ter uma educação para as fazer realçar!... é pena!

MANUEL

Faltava-me o animo para vir á sua presença! até que um dia...

D. MARIA

Um dia?

MANUEL, hesitando

Achei-me... acabou-se-me o dinheiro. Era preciso tomar uma decisão e por isso resolvi-me a vir bater á sua porta, contar-lhe a minha vida, e depois de ser posto na rua por sua ordem, quebrar a cabeça na primeira esquina.

D. MARIA

Matar-se?!

MANUEL

Para que me serve a vida, se a senhora a não quizer para si? O meu padrinho é rico, mas não ousei contar-lhe o motivo porque deixei a *Licór*, e não tornarei a embarcar...

D. MARIA

Acaso teve privações?

MANUEL

Privações?

D. MARIA

Se teve falta de alguma coisa por estar sem dinheiro?

MANUEL

Acabou-se-me hoje mesmo; e quando eu vinha para cá, porque a tinha visto mudar-se, appareceu meu padrinho á porta da hospedaria. Por falta de dinheiro não é que sentirei as avarias.

D. MARIA

Ainda bem!

MANUEL

O bom velho soube que eu ainda estava em Lisboa, e abalou para me levar comsigo. Quer casar-me...

D. MARIA

Ah!... e o senhor?...

MANUEL

Eu?! Eu não casarei, visto que não posso fazel-o com quem desejo. Mas que desgosto para o meu velho, que me tem servido de pae!

D. MARIA, melancholicamente

Vae-se embora?!... é justo; mas... que veiu aqui fazer?

MANUEL

Vim dizer-lhe que... que... nem eu sei já!... Depois do que tenho padecido, não quiz morrer sem lhe fallar, ao menos uma vez.

D. MARIA

Contou-me tantas e taes coisas!... Affligiu-me, commoveu-me... e agora... (Aparte.) Que fez este homem das minhas opiniões e da minha firmeza com as suas phrases rudes e alcatroadas?!

MANUEL, levantando-se

Levarei ao menos a alegria de saber, que a senhora já não faz escarneo das minhas palavras.

JOSÉ, deixando cair o livro

Está tudo em socego; durmamos.

Recosta-se na cadeira.

D. MARIA, levantando-se

E aparta-se de mim sem pena?

MANUEL

É meu padrinho quem manda... Mas hei de convencel-o de que, se me obrigar a partir, matará o afilhado.

D. MARIA

Disse-me que... que vae casar-se.

MANUEL

Não vou; meu padrinho é um homem capaz! Irei antes arrebentar com saudades da senhora D. Maria.

D. MARIA, áparte

Pertencer a outra mulher, tendo feito por mim tamanhos sacrificios?!... Eu perco o juizo! não sei o que sinto, nem o que digo!

MANUEL, áparte

Como ella é bonita!... Estou admirado de me ter saido tão bem!... que afinal de contas, nem sei o que lhe disse, nem mesmo ao que vim cá!

JOSÉ, sonhando

Sairam?... Toca a andar!

D. MARIA, áparte

Que lhe hei de eu dizer?...

MANUEL, áparte

Ella cala-se?... mau negocio!

D. MARIA

Sinto que nos separemos... tão depre

MANUEL, muito alegre

Sente? devéras?!

D. MARIA, áparte

Ai! meus peccados!

MANUEL

Essas palavras promettem-me vento feição! (Ponderando.) Se me eu atrevesse se a senhora désse licença?...

D. MARIA

De quê?

MANUEL

De eu trazer cá meu padrinho.

D. MARIA

Para quê?

MANUEL, com mysterio

Cá para uma coisa; não é para mal.

D. MARIA

Sem elle me conhecer?!

MANUEL

Oh! fallando-lhe eu da senhora, conhece-a logo.

D. MARIA

Faça o que quizer.

MANUEL

Consente? (Com explosão de alegria.) Terra! terra! além se avista o desejado porto! Isto é para um homem morrer de contentamento! Vou-me n'um pulo.

Sae a correr.

D. MARIA, sorrindo

Que fiz eu? que disse? porque me transforma este homem?!... Endoideci-o a elle e endoideço-me tambem a mim! Se nunca se viu um extremo similhante!... (Vendo José.) E meu tio? Está dormindo! pobre homem!... que dirá elle quando souber tudo isto?

Sae.

SCENA IX

JOSÉ, depois LUIZ

JOSÉ, sonhando

Não me façam mal, que eu já não quero casar! Suspendam! (Faz um movimento e cae com a cadeira.) Ai! ai!... (Acorda.) Estava sonhando! (Levanta-se.) Não está cá ninguem? E a porta? (Vae ver.) Está aberta! Bello! Ora graças a Deus! Já era tempo de sair da ratoeira! Nunca mais quero casar; com esta entalladella perdi o gosto ás mulheres. Vou d'aqui direitinho ao meu casebre e passo outra vez a dar lições de primeiras lettras por casas particulares! Vamos, antes que appareça novo contratempo.

Vae a sair, apparece Luiz.

LUIZ

Idiota, asno, tolo!...

JOSÉ, fugindo para a scena

Irra! que é muita descompostura de uma vez!

LUIZ, entrando

Taes são os mimos que me fez a imprensa!

JOSÉ, senta-se e pega no livro

Disfarcemos; não convém dar a conhecer que tenho medo.

Finge que lê.

LUIZ

Devo ter andado immenso tempo na escada?! Vou desconfiando que perdi o juizo. (Tira um jornal da algibeira e lê.) « Os ultimos versos, que o senhor Luiz Antunes acaba de publicar, dão-lhe direito ao capitolio... do ridiculo. » (Fallando.) O tratante esfola-me sem piedade!

JOSÉ, áparte

Ah! velhaco! tens estado até agora á minha espera?... os meus receios eram bem fundados!

LUIZ, lendo o jornal

« Só um idiota, um asno, um tolo se atreve a dar como coisa sua as obras de outro auctor. »

JOSÉ, áparte, com o livro aberto

Para prova de que a coisa é comigo, basta elle não me dirigir a palavra! Escapei do homem de breu, mas d'este é impossivel. (Olhando surrateiramente para Luiz.) Vejam

como está fingindo que lê um jornal, para ver se me apanha descuidado!

LUIZ

Digam-me se isto não é para fazer perder a cabeça, quanto mais a porta de casa?! Fui apanhado em flagrante; tenho a reputação perdida!

Approximando-se de José.

JOSÉ, tremendo, áparte

D'esta vez morro sem confissão, desamparado de Deus e dos homens!

LUIZ, batendo com o pé no chão

Foliculario infame!

JOSÉ, caindo de joelhos

Piedade, que sou chefe de familia!

LUIZ, olhando para elle

Quem é? Ah! perdão... (Olhando para a casa.) Isto parece incrivel!

JOSÉ, levantando-se

É verdade, porque eu não fiz mal a ninguem.

LUIZ

Uma satyra, que me trastornou a cabeça!... e não acho a minha casa!

JOSÉ, áparte

Se eu podesse ao menos ir lá para dentro?! Porém, o assassino é capaz de correr atrás de mim, com receio de que eu o vá denunciar!

LUIZ, sentando-se

Dá licença que eu descance um bocado? Estou com as pernas moidas de andar na escada.

JOSÉ

Esteja á sua vontade; descance o tempo que quizer. (Áparte.) Todos os malvados terão este sangue frio?!

LUIZ

Já perdi o chapeo... O que me admira é que bati duas vezes á porta do segundo andar e não vi lá ninguem conhecido! Só se a minha familia se mudou d'esta manhã para cá!

JOSÉ, áparte

Bem sei; o laço é bom, mas não péga.

LUIZ

Eu tinha publicado umas trovas tão bonitas! Quer ouvil-as?

JOSÉ

Agora vae experimentar se me adormece, para me matar depois!

LUIZ

Attenção: *Recitando.*

« Linda Annalia, reconhece
Meus extremos em te amar:
Embora os não retribuas,
Serei firme em te adorar.
Captivo dos teus agrados,
Mais preso não posso estar. »

JOSÉ

São bonitos, são; eu li isso ainda agora.

LUIZ, com alegria

Leu?! n'um jornal litterario?

JOSÉ

Nada; n'este livro.

LUIZ, precipita-se sobre elle e tira-lhe o livro

« Obras poeticas de Falmeno »? É isso!

JOSÉ, gritando

Aqui de el-rei! Quem me acode?!

LUIZ, furioso

És tu o vil Pancracio a quem eu procuro!

JOSÉ, supplicante

Olhe, que eu não tenho culpa!

LUIZ

Desgraçado! numéra os teus ossos porque vou espalhar-t'os com uma tempestade de murros! Até já cheiras a defunto!

Corre para elle.

JOSÉ, fugindo

Oh! da guarda?! Oh! da guarda! Eu sou innocente! deixe-me arrepender dos meus peccados!... quero morrer como christão...

Sae.

LUIZ, olhando para o livro, que tem na mão

« Obras poeticas de Falmeno... » Fui apanhado como um sendeiro!... Plagiario e ladrão de poesias! Vergonha! Vergonha!...

Atira com o livro ao chão, cruza os braços e sae; d'ahi a pouco ouve-se bater no segundo andar

UMA VOZ DE MULHER, fóra

Quem é?

LUIZ, idem

Abre a porta; sou eu, teu amo Luiz Antunes.

A VOZ, idem

Vá para o inferno! Já lhe disse, que não o conheço.

SCENA X

D. MARIA, só

É extraordinario o que se tem passado hoje em minha casa! Não vejo ninguem!... Meu tio disse-me, que estivera para ser morto n'esta sala e que estendera o assassino a seus pés com uma bofetada!... Acho-o tolo! Sou capaz de apostar, que as cartas que me tem escripto não foram feitas por elle! E Manuel? Sinto que o affecto sem egual d'aquelle homem tocou vivamente o meu coração!... e comtudo ainda esta manhã eu jurava, que não casaria outra vez!... ainda hontem fugia dos pretendentes... e agora?!...

Senta-se, escondendo o rosto com as mãos.

SCENA XI

D. MARIA, JOÃO, MANUEL

MANUEL

Posso entrar?... Olhe, padrinho, repare como é bonita!

JOÃO

Como queres tu que eu veja se é bonita, estando ella voltada para lá?

MANUEL

Que airosa figura! Linda rapariga, e com uma graça a fallar, que é mesmo de deixar um homem perdido!...

D. MARIA

Quem está ahi? (Volta-se.) Ah! o senhor Manuel... Levanta-se.

MANUEL

Eu e meu padrinho, criados de vossa mercê.

D. MARIA, indo recebel-os

Tenham a bondade de entrar.

JOÃO, áparte

O rapaz tem razão; é uma mulher bastante geitosa!

D. MARIA, a João

Ha de achar extraordinario o consentimento, que dei ao senhor Manuel, para v. s.ª me ser apresentado tão sem cerimonia; seu afilhado instou-me tanto, que eu não pude recusar-lhe um favor, que tambem me dava gosto.

MANUEL, áparte, a João

Aguente-se no balanço ou vae pela borda fóra! Veja que desempeno!

JOÃO

Minha senhora, cedi ás instancias d'este rapaz, porque entendi que era do meu dever vir sollicitar o perdão da ousadia que elle teve.

MANUEL, áparte

Ólá, seu marau! Talha ao laes! Assim, padrinho da minha alma!

D. MARIA, áparte

Sympathiso com o padrinho. (Alto.) Não sei como hei de principiar a explicar-lhe o nosso recente conhecimento...

JOÃO

Sei tudo, minha senhora.

MANUEL, áparte, a João

Vá! entre agora, padrinho!

JOÃO, a D. Maria

Meu afilhado inteirou-me dos motivos porque tem estado tanto tempo sem se lembrar do seu maior amigo... (Olhando para Manuel.) Um anno sem ver seu padrinho, senhor! Isso não é bonito!

MANUEL

Eu já lhe expliquei, que não podia deixar de...

JOÃO

É verdade; e agora confesso, que se tivesse a tua edade tambem faria o mesmo.

D. MARIA, áparte, sentando-se

Então, não estou com acanhamento diante d'elle!

Indicando uma cadeira a João.

JOÃO, baixo, a Manuel, sentando-se

Se não fosse a outra... consentia; estou realmente gostando d'ella.

MANUEL, baixo, a João

Mas eu quero só esta.

D. MARIA

Seu afilhado parece ter-lhe grande affeição; falla do padrinho com sincéro enthusiasmo!

MANUEL, baixo, a João

Ande, padrinho, deite mastareos á cunha!

JOÃO, sorrindo

O meu afilhado é um bom rapaz... Ape-

zar d'isso, não me atrevo a advogar a causa d'elle.

D. MARIA

Tão perdida a julga?!

JOÃO

Julgo; a rude profissão a que elle se dedicou, contra minha vontade, não lhe permitte mostrar-se sob um aspecto mais favoravel...

D. MARIA

É moço ainda; pode facilmente cultivar a sua bella intelligencia.

MANUEL, querendo mostrar-se amavel

São favores...

JOÃO

Eu tinha-lhe destinado uma noiva muito bem educada...

D. MARIA

Ah! parece-me ter ouvido...

JOÃO

Talvez ella o recuse, por não saber, tão bem como eu, o diamante que lhe offereço; mas o rapaz diz, que tambem a não quer.

D. MARIA

O senhor Manuel rejeita?!

MANUEL

Já disse a pés juntos, que não.

D. MARIA

Seu padrinho pode mandar...

MANUEL

O padrinho é meu amigo.

JOÃO

Sou... á força, não te casarás... mas olha que por este lado tambem lhe vejo pouco geito.

SCENA XII

D. MARIA, JOÃO, MANUEL, MARIANNA

MARIANNA, entrando a correr

Minha senhora? minha senhora? eu já não posso aturar aquelle endiabrado!

D. MARIA

Quem?

MARIANNA

Seu tio: perdoe, se lhe falto ao respeito.

D. MARIA

Que fez elle?

MARIANNA

Queria que eu lhe désse a chave da porta da cosinha; o criado, que a costuma levar quando sae, ainda não veiu; elle zangou-se comigo, ralhou e eu vinha queixar-me a v. ex.ª, quando ouvi um grande barulho atraz de mim; voltei, e fui achar seu tio sentado na carvoeira, chorando como uma criança! Tinha quebrado o fogareiro e queimou-se com agua a ferver!

SCENA XIII

JOÃO, MARIANNA, D. MARIA, MANUEL, JOSÉ

JOSÉ, entrando, áparte

Caí da chaminé e fiz um estrago dos diabos!

JOÃO, reconhecendo-o

É o José Rodrigues Peixoto?!...

D. MARIA, com espanto

José Rodrigues Peixoto?

JOSÉ, áparte

Ui! que trovoada!... (A João.) Cala a bocca, denunciante!

D. MARIA, a João

Conhece aquelle senhor?

Mostrando José.

JOÃO

Foi meu companheiro no cerco do Porto; era da minha companhia...

JOSÉ, a João, supplicante

Ó João da Costa, tem dó da minha desgraça!

D. MARIA

João da Costa! O senhor chama-se?...

JOÃO

João da Costa, minha senhora.

D. MARIA

Negociante do Porto?

JOÃO

Sim; será ella?

D. MARIA, tirando uma carta da algibeira

Auctor d'esta carta?

JOÃO

Ora esta! Eu á tua procura, desde esta manhã, por essa Lisboa toda!...

Abraçam-se.

D. MARIA

Meu querido tio!

JOSÉ, áparte

Era elle!

MANUEL

Que fortuna! Com esta é que o padrinho me quer casar?! Como tudo calhou bem!

JOÃO, pegando na mão de D. Maria

Foi a Providencia quem me guiou para ti, assim como ao meu afilhado!

MARIANNA, apontando para José

E quem é aquelle senhor?

JOSÉ, áparte

Que vergonha porque eu vou passar!

D. MARIA, a José

É verdade; que vinha aqui fazer?

JOSÉ, perturbado

Eu... vinha... vinha saber noticias do amigo João da Costa.

JOÃO, rindo

Oh!... devia ter grandes saudades de mim! Quando foi o ataque da serra do Pilar vi este amigo avançar... para a retaguarda, como dizem os hespanhoes.

JOSÉ

Ó menino, cala-te pelo amor de Deus!

Vae surrateiramente para a porta da escada.

D. MARIA, a Manuel

Promette-me, que não torna a embarcar?

MANUEL

O padrinho disse-me que a *Licór* já tem outro piloto... e eu quero aprender a fallar bem, para poder tomar com honra o commando d'esta linda barquinha.

Beija-lhe a mão, D. Maria sorri.

SCENA ULTIMA

D. MARIA, JOÃO, MARIANNA, MANUEL, JOSÉ, LUIZ

JOSÉ

Fiquem-se com Deus! (Vae a sair e esbarra com Luíz.) Catrapuz! Cá está outra vez o tyranno da comedia!

Foge para a scena.

LUIZ, entrando

Desculpem... ficaria aqui o meu chapeo?

MARIANNA, rindo

Não senhor.

D. MARIA

O vizinho achou a casa e perdeu o chapeo?

LUIZ

Perdi ambas as coisas e a cabeça tambem. (Como tomado de uma idéia subita.) Oh!... só agora me occorre a monstruosa possibilidade de... Fazem favor de me dizer, que numero é o da porta da rua?

JOSÉ, saindo para a escada a correr

Espere ahi, que eu vou ver.

MARIANNA

É vinte e sete.

LUIZ, dando um murro em si

Bem me parecia! Eu móro em numero trinta.

Os outros personagens riem-se e Luiz volta-se para sair; cae o panno.

INDICE

